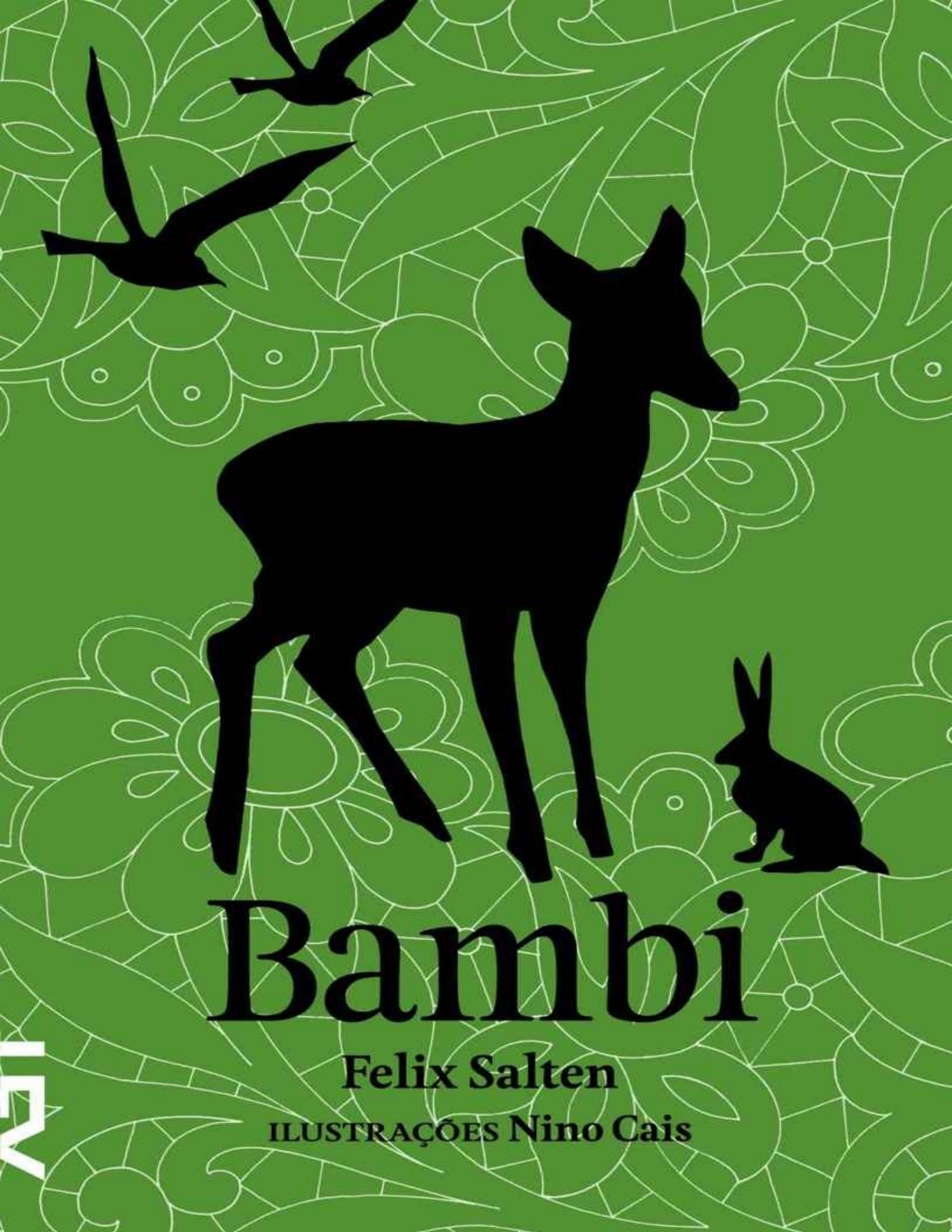


Bambi

Felix Salten

ILUSTRAÇÕES Nino Cais

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

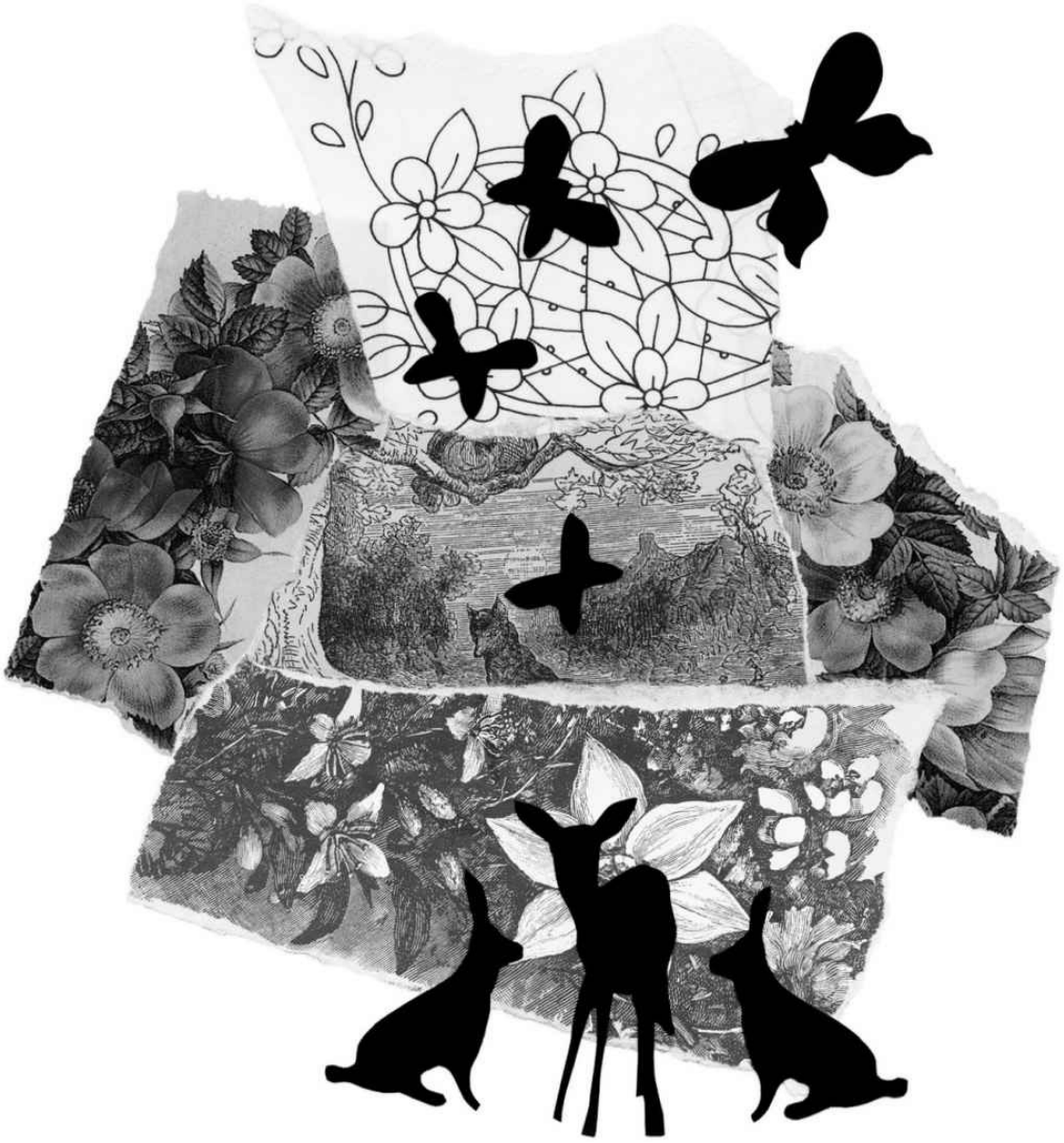
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY



Felix Salten

Bambi

Uma história de vida na floresta

ILUSTRAÇÕES Nino Cais

TRADUÇÃO Christine Röhrig

Sumário

ELE VEIO AO…
AGORA, NO COMEÇO…
NO CORAÇÃO DA…
NUMA TARDE, BAMBI…
O TEMPO PASSOU…
AGORA BAMBI FICAVA…
MAIS UMA NOITE…
AS FOLHAS DO…
BAMBI PERCEBEU QUE…
O INVERNO NÃO…
OS SALGUEIROS JÁ…
ERA VERÃO E…
UM DIA BAMBI…
A FLORESTA SOLTAVA…
ALGUNS DIAS MAIS…
ESTAVAM TODOS REUNIDOS…
UM DIA, MARENA…
BAMBI SAIU À…
TODOS PERCEBERAM LOGO…
BAMBI ESTAVA SOZINHO.…
CERTA MANHÃ TROUXE…
NUMA NOITE DE…

NOVAMENTE A FLORESTA…
O FRIO DIMINUIU…
O DIA DE…



ELE VEIO AO mundo no meio da floresta, numa dessas clareiras escondidas na mata que parecem abertas de todos os lados, mas que na verdade estão protegidas por todos os lados.

Naquele lugar havia pouco espaço, apenas o suficiente para ele e a mãe.

Lá estava ele, inseguro sobre as patas finas, o olhar perdido de olhos embaçados que não viam nada, a cabeça caída, tremendo bastante, e ainda muito tonto.

– Mas que bebê lindo! – exclamou a gralha-azul.

Chegara voando, atraída pelos gemidos ofegantes que as dores do parto provocavam na mãe. Agora a gralha-azul estava pousada num galho próximo. – Mas que lindo filhote! – repetia mesmo sem obter resposta, continuava animada: – É impressionante como logo conseguem ficar em pé e caminhar! Que interessante! Nunca vi nada igual em toda a minha vida. É verdade que eu ainda sou jovem, saí do ninho só faz u[illegible] saiba. Mas acho maravilhoso. Uma criatura… que já estar em pé. E como é elegante! [illegible] os cervos. E será que já consegue andar…?

– Claro – respondeu [illegible]ixa. – Mas [illegible] me desculpe. Agora não estou em condições de conversar. Tenho muito [illegible] e, além disso, estou bastante cansada.

– Não quero atrapalhar – respondeu a gralha-azul –, eu também não tenho muito tempo. Mas não é todo dia que a gente vê uma coisa dessas. Se eu lhe contasse como essas situações são complicadas e difíceis para nós. Começa que os nossos filhotes não conseguem se mexer e quando saem do ovo ficam ali indefesos no ninho, precisando de cuidado, muito cuidado, a senhora nem imagina o quanto. O trabalho que temos para alimentá-los e o sufoco que a gente passa para protegê-los… Imagine só como é estafante ter de sair para buscar comida para os filhotes e, ao mesmo tempo, cuidar para que nada de mal aconteça a eles. Quando não estamos por perto, ficam completamente desamparados. A senhora não acha? E o tempo que temos de esperar até que eles comecem a se mexer, depois até saírem as primeiras plumas e as penas crescerem, e então até que fiquem com uma aparência decente?

– Desculpe – interrompeu a mãe –, eu não estou prestando atenção.

A gralha-azul se afastou voando. “Mas que mal-educada”, pensou, “elegante, mas mal-educada!”

A mãe nem percebeu. Continuou empenhada em lavar o recém-nascido. Fazia isso com a língua. Três em um: higiene corporal, massagem aquecedora e carinho.

O filhote cambaleava. Entre carícias e empurrõezinhos delicados, ele dobrava um pouco os joelhos ao ser tocado, mas aguentava firme no lugar. Sua pelagem vermelha, ainda um tanto amassada, tinha pintinhas brancas e sua carinha confusa de bebê aparentava continuar dormindo profundamente.

Ao redor do abrigo cresciam nogueiras, álamos, cerejeiras com suas frutinhas preto-lilás e um jovem sabugueiro. Altos pinheiros, cedros e carvalhos formavam uma cobertura verde sobre a mata. Do solo firme marrom-escuro brotavam samambaias, amoras silvestres e bétulas floridas. Bem rente ao chão, as folhas das violetas que já haviam florescido cresciam e os pés de morango e de amora que tinham acabado de iniciar a florada forravam a terra. A luz do sol se infiltrava na densa folhagem formando uma trama de ouro com seus raios. Toda a floresta ecoava com o alarido de muitas vozes, que soavam em alegre alvoroço. O bem-te-vi cantava animado, os pombos arrulhavam sem parar, os pintassilgos trilavam, as andorinhas voavam em piruetas, os sabiás gorjeavam. Em meio à algazarra era possível identificar o guincho ameaçador do gavião caçando o corvo, o grasnar galanteador da gralha-de-bico-vermelho e o gorgolejar do faisão. Às vezes, o estridular agudo do pica-pau se destacava na cantoria. O piado afiado e penetrante do falcão soava do alto das copas das árvores e a toda hora dava para ouvir o coro rouco dos corvos.

O pequeno veado-vermelho não entendia nenhum daqueles cantos e chamados e nem uma única palavra das conversas. Ele também nem prestava atenção. Tampouco reconhecia nenhum dos muitos cheiros que a mata exalava. Só ouvia o chiado baixinho das lambidas que percorriam a sua pelagem enquanto era lavado, aquecido e beijado, e não sentia outro cheiro que não o do corpo da mãe. Faminto, encontrou a fonte da vida bem junto ao corpo dela, quentinho e protegido.

Enquanto ele mamava, a mãe não parava de acariciá-lo dizendo bem baixinho: – Bambi.

De quando em quando, ela erguia a cabeça, aguçava os ouvidos e inspirava a brisa.

Depois voltava a beijar o filhote, tranquila e feliz.

– Bambi – ela repetia –, meu pequeno Bambi.



AGORA, NO COMEÇO do verão, as árvores estendiam os braços debaixo do céu azul para receber a energia regeneradora do sol. As flores em forma de estrela, brancas, vermelhas ou amarelas, se abriam nos arbustos e nas trepadeiras no meio da mata. Em algumas, os brotos da fruta já começavam a aparecer, incontáveis, ali na ponta dos galhos, delicados, firmes e decididos, como pequenos punhos fechados. Do chão germinavam verdadeiros ramalhetes das mais variadas plantas e, quando amanhecia no interior da floresta, a terra efervescia numa silenciosa alegria de cores. Havia um forte aroma de folhas novas, flores, terra úmida e madeira verde. Toda vez que o sol nascia e quando ele se punha, mil vozes ecoavam e, da manhã até o fim da tarde, as abelhas zunzunavam, as vespas zumbiam e os abelhões zuniam atravessando a tranquilidade perfumada.

Assim se passaram os dias da primeira infância de Bambi.

Ele seguia atrás de sua mãe por caminhos estreitos que cruzavam a floresta.

Como era agradável andar por ali. A mata densa acariciava os flancos de seu corpo, inclinando-o suavemente para o lado. Muitas vezes a trilha parecia interrompida e intransponível, mas ainda assim davam para passar na maior facilidade. Por toda parte havia essas trilhas que cruzavam a floresta de ponta a ponta. A mãe conhecia todos os caminhos e, quando Bambi ficava parado em frente a uma moita como se estivesse diante de uma parede de pedra, sem hesitar ou procurar muito ela sempre encontrava uma passagem e o fazia seguir adiante.

Bambi perguntava. Ele [illegible] A coisa que ele mais gostava de fazer era pergunta[illegible] que ela dava. Bambi nem estranhava que perguntas [illegible]sem de surgir em sua cabeça. Ele achava comple[illegible]maravilhado. Curioso, também adorava esperar p[illegible] Fosse [illegible]sse, ele sempre ficava satisfeito. Às vezes não en[illegible]dia [illegible] mas não [illegible]mpr[illegible]ava porque podia voltar a perguntar quando quises[illegible] Tinha [illegible]zes que e[illegible] para[illegible] de perguntar por estar muito ocupado em tentar desvendar por conta própria o que ele não tinha entendido bem, e isso ele também achava bom. [illegible] me[illegible]ma forma, ele percebia que, em certas ocasiões, a mãe não lhe dava respostas completas e não dizia a ele tudo o que sabia. E isso [illegible]tão era bom demais. Porque aí ainda sobrava uma curiosidade especial, uma sensação misteriosa e animadora, mistura de medo e de alegria tão grande que ele acabava se calando.

Então ele perguntou: – De quem é essa trilha, mamãe?

A mãe respondeu: – Nossa.

Bambi continuou: – Minha e sua?

– Sim.

– De nós dois?

– Sim.

– Só nossa?

– Não – respondeu a mãe –, nossa, dos veados-vermelhos, da família dos cervos.

– Quem são os cervos? – perguntou Bambi rindo.

A mãe voltou-se para ele e respondeu rindo: – Você é um cervo e eu também. Nós somos cervos. Entendeu?

Bambi deu saltos no ar de tanto rir: – Entendi, sim. Eu sou um cervo pequeno e você é um cervo grande. Não é?

A mãe fez que sim com a cabeça: – Agora você sabe.

Bambi ficou sério e perguntou: – Então quer dizer que existem outros cervos além de nós dois?

– Claro, muitos! – respondeu a mãe.

– Onde eles estão? – indagou Bambi.

– Em toda parte.

– Mas… eu não vejo ninguém.

– Você vai ver.

– Quando? – Bambi parou de andar de tanta curiosidade.

– Em breve – respondeu a mãe calmamente e continuou andando.

Bambi seguiu atrás dela calado, quebrando a cabeça com o significado de “em breve”. Chegou à conclusão de que “em breve” queria dizer “logo mais”. Mas ele não conseguia saber quando esse “em breve” deixaria de ser “em breve” e começaria a ser “demorado demais”. Então perguntou: – Quem fez essa trilha?

– Nós – respondeu a mãe.

Bambi se fez de desentendido: – Nós? Você e eu?

A mãe respondeu: – Nós… nós, os cervos.

Bambi perguntou: – Quais?

– Nós todos – encerrou a mãe.

Continuaram caminhando. Bambi estava feliz e bem que sentia vontade de desviar do caminho, mas se mantinha obediente atrás da mãe. De repente, ouviram um ruído rente ao chão, logo ali adiante. Num movimento brusco alguma coisa passou por baixo das folhas das samambaias. Então deu para ouvir uma voz bem fininha que chiou agonizante e se calou em seguida. Apenas as folhas continuavam se mexendo levemente. Uma doninha acabara de caçar um rato. Agora estava passando por eles, então parou à beira do caminho e tratou de

almoçar.

– O que foi isso? – perguntou Bambi nervoso.

– Nada – respondeu a mãe, acalmando-o.

– Mas… – retrucou Bambi tremendo – mas eu vi.

– Sim – respondeu a mãe –, não se assuste. A doninha matou um rato.

Mas Bambi estava apavorado, seu coração tinha sido tomado por um horror desconhecido. Demorou um tempo até que conseguisse recuperar a fala.

Então perguntou: – Por que ela matou o rato?

– Porque… – respondeu a mãe hesitando – vamos mais rápido – disse ela, como se tivesse lhe ocorrido alguma coisa e depois tivesse esquecido. Logo começou a trotar. Bambi saltitava atrás dela para acompanhá-la.

Bastante tempo se passou e eles continuaram caminhando tranquilamente. Finalmente Bambi perguntou preocupado: – Nós também vamos matar ratos?

– Não – respondeu a mãe.

– Nunca? – perguntou Bambi.

– Nunca – foi a resposta.

– Por que não? – perguntou Bambi aliviado.

– Porque nós não matamos ninguém – respondeu a mãe com naturalidade.

Bambi voltou a se animar.

Perto do caminho deles havia um jovem lagarto que soltou um berro agudo. A mãe seguiu sem nem reparar. Mas, curioso, Bambi ficou parado. Dois gaviões brigavam no alto dos galhos disputando um ninho que eles tinham saqueado.

– Vê se dá o fora daqui, safado! – gritava um.

– Baixa a bola, paspalho – retrucava o outro –, não tenho medo de você.

O primeiro provocava: – Trate de procurar seu próprio ninho, ladrão! Vou quebrar a sua cara! – Estava fora de si. – Que infâmia! – grunhia. – Mas que infâmia!

Nesse momento um deles notou a presença de Bambi, voou pousando num galho mais baixo e guinchou: – Perdeu alguma coisa por aqui, seu atrevido? Caia fora!

Assustado, Bambi saiu dali aos saltos, alcançou a mãe e voltou a andar atrás dela, sério e amedrontado, pensando se ela não tinha notado que ele ficara para trás.

Passado um tempo ele perguntou: – Mãe… o que é infâmia?

– Não sei – respondeu a mãe.

Bambi pensou um pouco. Depois voltou a perguntar: – Mãe, por que aqueles dois estavam tão bravos um com o outro?

– Eles estavam brigando por causa de comida – respondeu a mãe.

Bambi então perguntou: – Nós também vamos brigar por causa de comida?

– Não – disse a mãe.

Bambi perguntou: – Por que não?

– Porque há comida suficiente para todos nós – explicou.

Bambi ainda queria saber mais uma coisa: – Mãe…?

– Sim?

– A gente também vai ficar bravo um com o outro algum dia?

– Não, meu filho, isso nunca vai acontecer.

Seguiram adiante. De repente, tudo ficou muito claro, de uma claridade brilhante. Ali era o fim da mata verde, dos arbustos e das moitas, o fim do caminho. Apenas alguns passos a mais e entrariam num lugar iluminado que se abria diante deles. Bambi queria seguir em frente saltitante, mas a mãe permaneceu parada.

– O que é isso? – gritou impaciente e maravilhado.

– O campo – respondeu a mãe.

– O que é o campo? – Bambi quis saber.

– Logo você vai ver – disse a mãe, interrompendo-o. Ela agora estava séria e atenta. Sem se mexer, cabeça erguida, aguçou os ouvidos, respirou fundo verificando o vento e manteve o semblante grave.

– Está bem – disse finalmente. – Podemos ir. – Bambi deu um salto para a frente, mas ela o deteve. – Espere aqui até eu chamar. – Bambi obedeceu no mesmo instante. – Muito bem – elogiou a mãe. – E agora lembre-se bem do que eu vou lhe dizer. – Bambi notou como a mãe falava com seriedade e prestou muita atenção. – Não é tão simples assim entrar no campo – prosseguiu a mãe –, é perigoso. Não me pergunte por quê. Mais tarde você vai aprender. Agora faça exatamente o que eu disser. Entendeu?

– Sim – prometeu Bambi.

– Certo. Primeiro eu vou sozinha. Fique aqui e espere. E olhe sempre para mim. Não tire os olhos de mim nem por um segundo. Se você vir que estou voltando, dê meia-volta e fuja correndo daqui o mais rápido que puder. Eu alcanço você depois. – Aí ela ficou em silêncio, parecia estar pensando, e depois continuou em tom grave: – De todo modo, corra, corra, corra o quanto puder. Corra… mesmo se alguma coisa acontecer… mesmo se você vir que eu… que eu caí no chão… não ligue para mim, entendeu? Seja lá o que você vir ou ouvir… fuja no mesmo instante o mais depressa possível. Promete?

– Sim – respondeu Bambi baixinho.

– Mas se eu chamar, aí você pode vir – prosseguiu a mãe. – Aí você vai brincar no campo. Lá é muito bonito, você vai gostar. Só que… você tem de me prometer… na primeira chamada, você vem ficar ao meu lado. Ouviu?

– Sim – disse Bambi com a voz ainda mais baixa. A mãe estava bem séria.

E ela prosseguiu: – Se eu estiver ali e chamar você, nada de se distrair, nada de perder tempo com perguntas, corra atrás de mim como o vento! Lembre-se! Sem pensar, sem pestanejar… imediatamente, quando eu começar a correr, isso significa que é para você cair fora daqui e não parar até voltarmos para dentro da floresta. Você não vai esquecer?

– Não – assegurou Bambi, preocupado.

– Bom, então agora eu vou – avisou a mãe já mais calma.

Ela então saiu para o campo. Bambi, que não tirava os olhos dela, viu como ela avançava cautelosa. E ele ali parado observava com ansiedade, um pouco amedrontado e bastante curioso. Ele viu como a mãe olhava para todas as direções, então a viu se assustando e se assustou também, já a postos para voltar para dentro da mata. Mas logo ela recobrou a tranquilidade, finalmente virou a cabeça e chamou: – Venha!

Bambi saiu num salto. Uma alegria imensa tomou conta dele, com uma força tão encantadora que ele logo esqueceu o medo. Dentro da floresta ele via apenas as copas verdes das árvores e só de vez em quando dava para enxergar uma ponta do azul do céu. Agora ele via o céu azul inteiro, se estendendo até onde a vista alcança, e sem saber por quê, isso o deixava contente. Até então ele só tinha visto os raios de sol ou alguns raios fracos de luz na floresta, que brincavam nos galhos das árvores. De repente, ele estava ali debaixo do sol quente e brilhante, cuja grandeza poderosa provocara nele tanto entusiasmo que teve de fechar os olhos e abrir seu coração. Bambi se sentia inebriado. Estava completamente fora de si, aquilo era bom demais. De tão entusiasmado, saltava sem sair do lugar, três, quatro, cinco vezes. Não conseguia parar, era incontrolável. Alguma coisa o forçava a brincar assim. Seus jovens membros se esticavam com muita energia, sua respiração era profunda e fácil e, ao inspirar o ar perfumado do campo, sua alegria era tamanha que não conseguia parar de pular. Bambi era um filhote. Se fosse uma criança humana, teria gritado de alegria. Mas ele era um pequeno cervo e os cervos não conseguem gritar de alegria, ao menos não do jeito que fazem as crianças. Manifestava sua excitação à sua maneira, mexendo as patas, o corpo todo, lançando-se no ar. Ao lado, a mãe o observava satisfeita. Notou que Bambi estava muito feliz. Radiante de alegria. Vendo que ele se jogava para o alto e caía desajeitado no mesmo lugar, lembrou que Bambi só conhecia os caminhos estreitos que os cervos trilhavam na floresta. Em seu pouco tempo de vida só conhecera o aperto da mata e por isso não ousava sair do lugar, já que ainda não sabia correr livremente pelo imenso gramado. Assim, ela inclinou um pouco as patas dianteiras esticadas, sorriu para Bambi por um instante e logo se pôs a correr em círculos em alta velocidade ao redor dele, tão rápido que o capim alto chegava a zunir. Bambi se

assustou e ficou paralisado. Seria este um sinal de que ele deveria voltar correndo para a floresta? “Não se preocupe comigo”, a mãe havia lhe dito, “não importa o que ouvir ou vir, fuja o mais rápido que puder!” Ele queria dar meia-volta e fugir, conforme tinha sido instruído. Mas a mãe voltou num lindo galope, inclinou-se novamente diante dele como antes e provocou rindo:

– Venha me pegar!

E lá foi ela para longe em disparada. Bambi estava estupefato. O que significava aquilo? Mas lá estava ela novamente, tão rápido que até chegava a dar um pouco de tontura. Cutucando-o com o focinho nos flancos, disse afobada: – Venha me pegar, ande! – e novamente fugiu em disparada.

Bambi então correu atrás dela. Primeiro deu alguns passos. Mas logo os passos se transformaram em leves saltos. Era levado, sentia que estava voando sem fazer nenhum esforço. Havia muito espaço embaixo de suas patas, espaço debaixo dos saltos que dava, espaço, espaço. Bambi ficou fora de si. O capim zunia deliciosamente em seus ouvidos. Quando encostava nele dava para sentir que era macio e delicado como seda. Corria em círculos, dava meia-volta e fazia um novo círculo, voltava para trás, saltava para lá e para cá e corria novamente. Já fazia um tempo que a mãe tinha desacelerado para recuperar o fôlego e só desviava quando Bambi passava por ela feito um raio. Bambi corria em disparada.

Uma hora ele se cansou. Com um trote gracioso se aproximou da mãe e olhou para ela radiante de alegria. Então seguiram lado a lado bem-humorados. Desde que saíram para o campo Bambi só havia percebido o céu, o sol e o capim verdejante com o corpo e só havia olhado para o céu com os olhos ofuscados e embriagados. Sentiu o sol aquecer seu dorso e encher seu peito de energia. Ali, como na floresta, não dava para ver a terra. O capim crescia rente e só de vez em quando revelava uma manchinha de terra. Todo o campo se movia em ondas, o capim se inclinava suavemente sob as patas e voltava a erguer-se inabalado. O enorme campo verde era estrelado, repleto de margaridas brancas, violetas e flores vermelhas, redondas, dentes-de-leão que se espichavam para o alto e capim bem dourado.

– Olha, mãe! Ali tem uma flor voando! – gritou Bambi.

– Não é uma flor – explicou a mãe –, é uma borboleta.

Bambi seguiu a borboleta com os olhos. Delicada, ela havia saído do meio do capim e agora flutuava num voo oscilante. Ele percebeu que muitas delas voavam pelo ar sobre o capim, aparentemente apressadas, mas ainda assim lentas, para cima e para baixo, numa brincadeira que deixava Bambi entusiasmado. Parecia mesmo que as flores estavam passeando, divertindo-se, que não conseguiam ficar paradas em seus caules e tinham se soltado para

dançar um pouco. Ou que tinham baixado com os raios de sol e estavam procurando um lugar para ficar e por isso desciam e desapareciam quando encontravam e voltavam a aparecer em seguida, voando baixo para tornar a subir pouco a pouco, procurando por um pouso cada vez mais longe, como se todos os lugares bons já estivessem ocupados.

Bambi não tirava os olhos delas. Ele queria muito que alguma se aproximasse para que pudesse observar bem de pertinho, mas não conseguia. Elas não paravam um segundo de voar por todos os lados. Bambi sentiu até tontura.

Quando voltou a olhar para o chão, experimentou um delicioso prazer ao ver uma multidão de seres vivos se agitando debaixo de suas patas. Eram seres minúsculos que corriam e saltavam em todas as direções, num tumulto só. Num instante via um grupo numeroso e no instante seguinte ele já havia desaparecido no chão verde, de onde havia surgido.

– O que é isso, mãe? – perguntou.

– São os pequenos – respondeu a mãe.

– Olha, ali tem uma grama saltitante. Olha a altura que ela salta! – exclamou Bambi.

– Não é grama, é um gafanhoto – explicou a mãe.

– Por que ele pula desse jeito? – perguntou Bambi.

– Porque estamos passando e eles estão assustados – respondeu a mãe.

– Ah! – Bambi se dirigiu a um gafanhoto que estava sentado numa margarida. – Não precisa ficar com medo, não vamos lhe fazer mal algum!

– Eu não estou com medo – respondeu o gafanhoto com a voz trêmula. – Só levei um susto porque estava distraído falando com a minha mulher.

– Desculpe se atrapalhamos – lamentou Bambi.

– Não foi nada – respondeu o gafanhoto estrilando –, são vocês, não tem problema. Mas a gente nunca sabe quem é e temos de tomar cuidado.

– É que hoje é a primeira vez na minha vida que venho ao campo – contou Bambi. – Mamãe me…

Então o gafanhoto espichou a cabeça para a frente e murmurou: – Não estou interessado. Não posso perder tempo conversando, preciso procurar a minha mulher. Bóim – e lá se foi.

– Bóim – imitou Bambi, surpreso com a altura do salto do gafanhoto.

Bambi aproximou-se da mãe: – Sabe… eu estava conversando com ele!

– Com quem? – a mãe quis saber.

– Com o gafanhoto, ué. Eu falei com ele. Ele foi muito simpático. E eu gostei muito. Ele é tão verdinho e na ponta meio transparente como nenhuma folha consegue ser, nem mesmo a mais fina.

– São as asas dele.

– Verdade? E tinha uma cara tão séria, todo compenetrado. Mas mesmo assim foi bonzinho comigo. E como salta! Deve ser muito difícil. Daí ele disse “bóim” e deu um salto tão alto que eu o perdi de vista.

Continuaram caminhando. A conversa com o gafanhoto tinha deixado Bambi agitado e um pouco cansado porque era a primeira vez que ele falava com um estranho. Sentia fome e chegou pertinho da mãe para se refrescar.

Depois de um tempo ali parado, após ter mamado, avistou uma flor bem clara se mexendo no meio do capim. Bambi olhou mais de perto. Não, não era uma flor, era uma borboleta. Bambi se aproximou dela bem de mansinho.

A borboleta estava pousada sobre um talo e mexia as asas bem lentamente.

– Por favor, fique sentada! – disse Bambi.

– Por que devo ficar sentada? Eu sou uma borboleta – respondeu a borboleta.

– Ah, fique parada só um pouquinho – pediu Bambi –, faz tempo que eu quero ver uma borboleta de perto. Por favor.

– Por mim tudo bem – respondeu ela –, mas só um pouquinho.

Bambi agora estava diante dela: – Como você é linda! – exclamou encantado. – Maravilhosa! Parece uma flor!

– O quê? – disse a borboleta, batendo as asas. – Pareço uma flor? Pois saiba que nós nos achamos mais bonitas que as flores.

Bambi estava confuso. – Claro – gaguejou –, muito mais bonitas… desculpe… eu só quis dizer…

– Pouco me importa o que quis dizer – retrucou a borboleta e, exibida, arqueou o corpo delgado e moveu suas delicadas antenas.

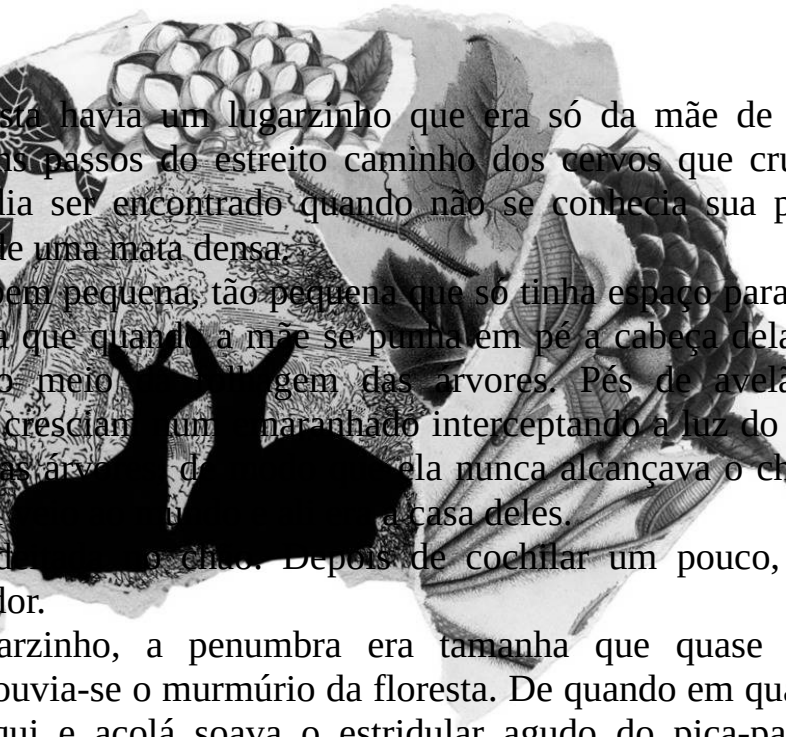
Bambi observava encantado. – Mas como é delicada! – disse. – Elegante e delicada! E como essas suas asas brancas são esplêndidas!

A borboleta esticou as asas bem abertas e depois as ergueu e as juntou como um barco à vela.

– Ah, agora eu entendo por que vocês são mais bonitas que as flores. Vocês sabem voar, coisa que as flores não sabem. É porque elas nasceram presas, é isso – concluiu Bambi.

A borboleta então se aprumou e disse: – Isso. Eu sei voar! – E com essas palavras alçou um voo tão leve que era quase imperceptível de ver, impossível de entender. Suas asas brancas se moviam suavemente, cheias de graça, e lá estava ela voando pelo ar ensolarado. – Só parei um pouco por sua causa, mas agora eu me vou. – E foi assim que Bambi conheceu o campo.

NO CORAÇÃO DA floresta havia um lugarzinho que era só da mãe de Bambi. Ficava a apenas alguns passos do estreito caminho dos cervos que cruzava a floresta, mas não podia ser encontrado quando não se conhecia sua pequena entrada bem no meio de uma mata densa.



Era uma clareira bem pequena, tão pequena que só tinha espaço para Bambi e sua mãe, e tão baixa que quando a mãe se punha em pé a cabeça dela ficava escondida, enfiada no meio da ramagem das árvores. Pés de avelã, tojos espinhosos e arbustos cresciam num emaranhado interceptando a luz do sol que passava pelas copas das árvores, de modo que ela nunca alcançava o chão. Foi nesse lugar que Bambi [illegible] a casa deles.

Sua mãe estava d[illegible] o chão. Depois de cochilar um pouco, Bambi acordou e olhou ao redor.

Ali, naquele lugarzinho, a penumbra era tamanha que quase não se enxergava nada. Dali ouvia-se o murmúrio da floresta. De quando em quando os chapins pipilavam, aqui e acolá soava o estridular agudo do pica-pau ou o chamado desanimado do corvo. No mais, era tudo silêncio, em toda parte. Somente o ar zunia no calor do meio-dia. Se prestasse bem atenção, dava até para ouvir o barulho do ar fervendo. Ali dentro o vapor quente fazia transpirar.

Bambi olhou para a mãe e perguntou: – Você está dormindo?

Não, a mãe dele não estava dormindo. Havia acordado no mesmo instante em que Bambi se levantara.

– O que faremos agora? – perguntou Bambi.

– Nada, vamos ficar onde estamos. Vê se deita e dorme – respondeu a mãe.

Mas Bambi não estava com vontade de dormir.

– Vem, vamos até o campo – pediu ele.

A mãe ergueu a cabeça: – Até o campo? Agora… até o campo…? – ela falou tão surpresa e assustada que Bambi ficou com medo.

– Não podemos ir até lá agora? – perguntou timidamente.

– Não – respondeu a mãe decidida. – Agora não dá.

– Por quê? – Bambi percebeu que havia alguma coisa estranha. Ele sentiu mais medo ainda, ao mesmo tempo que estava ansioso para descobrir tudo. – Por que não podemos ir até lá agora?

– Você vai descobrir mais tarde, quando for mais velho… – explicou a mãe.

Bambi insistiu: – Me fale agora.

– Mais tarde – repetiu ela –, você ainda é muito pequeno – continuou – e

não se deve falar dessas coisas com filhotes. – Ela estava muito séria. – Sair agora para o campo aberto… nem pensar. Imagine, em plena luz do dia!

– Mas quando nós fomos também foi em plena luz do dia – retrucou Bambi.

– Foi diferente – explicou a mãe –, quando fomos era de manhãzinha.

– Só podemos ir de manhãzinha? – Bambi perguntou curioso.

A mãe respondeu pacientemente: – Só de manhã bem cedo ou no finalzinho da tarde… ou à noite…

– Nunca durante o dia? Nunca…?

A mãe hesitou. – Sim – disse finalmente –, às vezes… alguns de nós, às vezes, vão até lá em plena luz do dia. Mas só em ocasiões especiais… não posso explicar isso para você agora… você ainda é muito pequeno… alguns vão… mas correm muito perigo.

– Por que correm perigo? – Bambi perguntou transbordando de curiosidade.

Mas a mãe não queria continuar aquela conversa. – Basta saber que correm perigo… Sabe, filho, você ainda não consegue entender essas coisas…

Bambi achava que já conseguia entender todas as coisas muito bem, só não entendia o motivo de a mãe não querer dizer a verdade a ele. Mas permaneceu calado.

– Precisamos viver desse jeito – continuou a mãe –, todos nós. Mesmo se amamos a claridade do dia… e nós a amamos principalmente quando crianças… é assim que precisamos viver, temos que ficar quietos durante o dia. Somente ao entardecer é que podemos sair por aí. Você entende?

– Sim.

– Então, filho, é por isso que agora precisamos ficar onde estamos. Aqui estamos seguros. E agora vê se deita e volta a dormir!

Mas Bambi não estava com a mínima vontade de se deitar.

– Por que estamos seguros aqui? – perguntou.

– Porque os arbustos nos protegem, porque os galhos chiam nas árvores, porque os gravetos estalam no chão e nos avisam e a folhagem dos anos passados espalhada farfalha para nos dar um alerta… porque as gralhas e os pica-paus mantêm a vigilância e porque com isso sabemos de longe quando alguém está se aproximando…

– O que é a folhagem dos anos passados? – indagou Bambi.

– Vem ficar aqui pertinho de mim – disse a mãe –, eu vou te contar. – Animado, Bambi se acomodou ao lado da mãe e ela lhe contou que as árvores nem sempre estão verdes, que o sol e o calor aconchegante desaparecem de tempos em tempos. E daí esfria, as folhas ficam amarelas da geada, marrons e vermelhas, e aos poucos vão caindo até que árvores e arbustos fiquem com os galhos carecas e com uma aparência triste. Mas as folhas secas que caíram no

chão fazem barulho toda vez que são tocadas por um pé. Avisam: vem vindo alguém aí! Ah, como são bondosas essas folhas secas dos anos passados. Tão atentas e eficientes, elas prestam ótimos serviços. Ainda agora, mesmo em pleno verão, muitas ainda estão escondidas debaixo das novas plantinhas rasteiras e de longe já avisam de qualquer perigo.

Bambi chegou ainda mais perto de sua mãe. Era tão bom estar ali juntinho dela, escutando o que ela falava.

Quando a mãe se calou, ele ficou pensando como as folhas velhas eram bondosas por cuidarem de todos com tanto afinco, mesmo estando velhas e tendo sido congeladas e já tendo passado por tantas coisas. Ficou pensando o que poderia ser esse tal perigo de que a mãe sempre falava. Mas de tanto pensar ficou cansado. Ao redor deles estava tudo em silêncio, só se ouvia o ar zunindo no calor. Então Bambi adormeceu.





NUMA TARDE, BAMBI voltou a passear no campo aberto com sua mãe e pensou que já conhecia tudo o que havia para ver e ouvir por lá. Mas, na verdade, não sabia tanto quanto pensava.

Assim como da primeira vez, Bambi brincou de pega-pega com a mãe. Corria em círculos por todo o campo. O céu aberto e o ar livre deixaram-no tão embriagado que ele parecia um louco. Depois de correr por um tempo, notou que a mãe estava parada. Ele então parou tão bruscamente que suas quatro patas deslizaram e ficaram abertas, separadas umas das outras. Para se endireitar ele teve de dar um salto bem forte para o alto. A mãe, do outro lado, parecia conversar com alguém, mas o capim alto o impedia de ver com quem. Curioso, Bambi foi se aproximando e avistou duas orelhas grandes saindo do meio do mato. Eram orelhas marrom-acinzentadas contornadas por um lindo traço preto. Bambi parou assustado, mas a mãe chamou: – Venha cá, Bambi… deixe-nos olhar para você.

Bambi se aproximou devagarzinho. Ali estava o coelho com uma aparência muito simpática. [illegible] de colher se erguiam imponentes e logo voltavam [illegible] tivessem ficado fracas de repente. Bambi ficou um [illegible] e duro bigode que rodeava o focinho dele. Mas [illegible] tinha uma cara muito mansa, traços bondosos e olhos [illegible] grandes [illegible] dos. Parecia um bom amigo. A desconfiança de Bambi desapareceu instantaneamente.

– Boa tarde, meu jovem – cumprimentou o coelho com calculada cortesia.

Bambi acenou com a cabeça em resposta. Ele não sabia por quê, mas apenas acenou de um jeito simpático, educado, porém ainda assim um pouco displicente. Não conseguia evitar. Talvez tivesse nascido assim.

– Que príncipe encantador – comentou o coelho. Ele observava Bambi com atenção e para isso ergueu primeiro uma das orelhas, depois a outra, depois as duas juntas, e às vezes elas caíam, coisa que Bambi não apreciava nem um pouco. Esse movimento das orelhas parecia querer dizer: não vale a pena seguir com essa conversa.

Nesse meio tempo o coelho continuava a observar Bambi com seus olhos grandes e redondos. Seu nariz e sua boca com o belo bigode não paravam de se mexer. Era como quando alguém mexe a boca e o nariz tentando segurar um espirro. Bambi não conseguiu evitar o riso. O coelho também começou a rir e disse cumprimentando a mãe: – Parabéns, parabéns pelo filho que tem. Sim, sim,

sim, sim… vai se tornar um belo príncipe… sim, sim, sim, a gente logo vê.

Então se ergueu e ficou sentado sobre as patas traseiras, o que deixou Bambi muito surpreso. Depois de examinar o entorno com orelhas espichadas e intensa movimentação do nariz, voltou a ficar sobre as quatro patas. – Bem, mas agora peço que me deem licença porque ainda tenho muito a fazer esta noite. – Aí ele se virou e se afastou saltitante, com as orelhas que alcançavam os ombros coladas nas costas.

– Boa tarde – despediu-se Bambi.

A mãe comentou sorridente: – O bom coelho, tão humilde e tão amável. A vida nesse mundo não é nada fácil para ele. – Havia simpatia nas palavras dela.

Bambi passeou um pouco por ali deixando que a mãe se alimentasse. Tinha esperança de encontrar os amigos que havia feito da primeira vez e também estava disposto a fazer novas amizades. Sem saber direito o que efetivamente lhe faltava, sentia uma certa ansiedade. De repente ouviu um ruído na relva e percebeu batidas ligeiras tocando o chão. Ergueu os olhos. Ali adiante, na entrada da floresta, alguma coisa se movia sobre a grama. Um ser… não… dois! Bambi lançou um rápido olhar para sua mãe, mas ela não estava nem um pouco preocupada e mantinha a cabeça enfiada no capim. Ele viu que alguns animais corriam em círculos, exatamente como ele havia feito. Bambi estava tão perturbado que deu um salto para trás, como se quisesse fugir. A mãe então ergueu a cabeça e viu o que se passava.

– O que foi? – perguntou ela.

Mas Bambi emudeceu, não conseguia encontrar as palavras e só balbuciava: – Ali… ali…

A mãe olhou e disse: – Ah, é a minha prima. Ela acabou de ter um bebê também… Um não, dois. – Primeiro ela falou alegremente, mas em seguida ficou séria. – Dois filhos, a Ena…

Bambi olhava paralisado. Agora ele via um ser igualzinho a sua mãe, ali do outro lado. Era a primeira vez que o via. Via também que os círculos duplos continuavam cruzando o capim, mas só dava para enxergar dois traços vermelhos.

– Venha – disse a mãe –, vamos até lá, eles vão ser boa companhia para você.

Bambi quis ir correndo, mas como a mãe foi andando bem devagarzinho, passo após passo, e não saiu aos saltos em disparada, ele também se conteve. No fundo, porém, estava na maior excitação e impaciência.

A mãe continuou falando: – Eu sabia que qualquer dia desses a gente ia encontrar a Ena. Estava mesmo pensando onde ela teria se metido. Sabia que também havia tido cria. Bom, isso era fácil de adivinhar. Mas que eram dois…

Fazia tempo que tinham sido notados e os outros caminhavam na direção deles. Bambi teve de cumprimentar a tia, mas só tinha olhos para os filhotes.

A tia era muito carinhosa e foi logo fazendo as apresentações: – Bem, esse é o Gobo e essa é a Falina. Vocês podem brincar juntos quando quiserem.

Os filhotes permaneceram parados se encarando. Gobo e Falina de um lado, Bambi diante deles. Ninguém se mexeu. Ficaram ali parados boquiabertos.

– Deixe, logo eles vão se entender – disse a mãe.

– Que filhote lindo – observou Ena –, é mesmo muito bonito. Tão forte e com uma bela postura…

– É, sim – concordou a mãe com modéstia –, estou contente. Mas você com dois, Ena…

– Pois é, acontece – respondeu Ena. – Você sabe que não é a minha primeira cria…

– Bambi é a minha primeira – disse a mãe.

– Está vendo? – consolou Ena. – Quem sabe na próxima não será diferente?

Os filhotes continuavam parados se encarando. Ninguém falava palavra alguma. De repente, Falina deu um salto e saiu correndo. Ela estava entediada.

No mesmo instante Bambi se pôs a correr atrás dela. Gobo seguiu imediatamente. Corriam descrevendo um semicírculo a toda velocidade, faziam meia-volta e, ao virarem, caíam uns sobre os outros. Depois passaram a se perseguir por todo o campo. Uma beleza. Quando finalmente pararam sem fôlego, já eram bons amigos. Começaram então a conversar.

Bambi contou que tinha falado com o gafanhoto e com a borboleta.

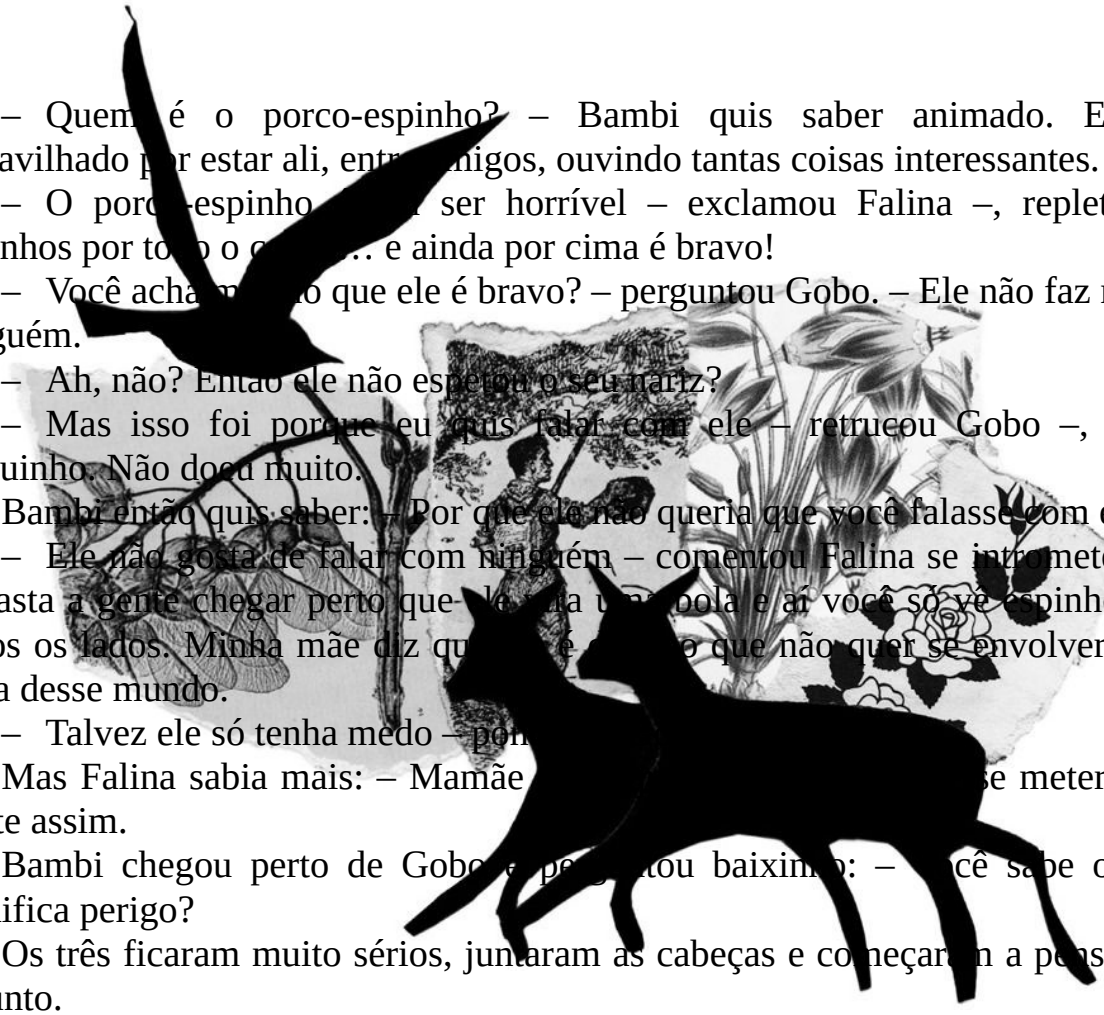
– Você conversou com o besouro? – perguntou Falina.

Não, Bambi ainda não havia conversado com o besouro. Ele não o conhecia, nem sabia quem era.

– Falo com ele toda hora – disse Falina, querendo se exibir.

– Eu levei uma bronca do gavião – contou Bambi.

– Verdade? – perguntou Gobo espantado. – Ele tratou você mal? – Gobo se surpreendia facilmente e era muito tímido. – Bom – lembrou –, um dia o porco-espinho espetou o meu nariz. – Mas ele contou isso sem dar muita importância.



– Quem é o porco-espinho? – Bambi quis saber animado. Estava maravilhado por estar ali, entre amigos, ouvindo tantas coisas interessantes.

– O porco-espinho deve ser horrível – exclamou Falina –, repleto de espinhos por todo o corpo… e ainda por cima é bravo!

– Você acha mesmo que ele é bravo? – perguntou Gobo. – Ele não faz mal a ninguém.

– Ah, não? Então ele não espetou o seu nariz?

– Mas isso foi porque eu quis falar com ele – retrucou Gobo –, e foi fraquinho. Não doeu muito.

Bambi então quis saber: – Por que ele não queria que você falasse com ele?

– Ele não gosta de falar com ninguém – comentou Falina se intrometendo. – Basta a gente chegar perto que ele faz uma bola e aí você só vê espinhos de todos os lados. Minha mãe diz que ele é daqueles que não quer se envolver com nada desse mundo.

– Talvez ele só tenha medo – pon

Mas Falina sabia mais: – Mamãe se meter com gente assim.

Bambi chegou perto de Gobo e perguntou baixinho: – Você sabe o que significa perigo?

Os três ficaram muito sérios, juntaram as cabeças e começaram a pensar no assunto.

Gobo se esforçou bastante pensando porque via que Bambi esperava ansioso por uma resposta: – Perigo – sussurrou –, perigo… é uma coisa muito grave…

– Sim – confirmou Bambi nervoso –, muito grave, mas o quê?

Agora os três estavam tremendo de medo.

Mas de repente Falina gritou forte e eufórica: – Perigo é quando… quando temos de sair correndo… – E num salto, se pôs a correr. Ela não estava gostando de ficar ali parada com medo. Bambi e Gobo saíram atrás dela. Começaram a brincar, rolaram pela relva verde e macia e num minuto se esqueceram da pergunta assustadora. Depois de um tempo, pararam e se puseram a conversar sobre outros assuntos. De vez em quando olhavam para as mães, que comiam e papeavam alegremente.

Tia Ena ergueu a cabeça e chamou os filhos: – Gobo! Falina! Temos que ir andando daqui a pouco…

A mãe de Bambi também chamou: – Venha Bambi, está na hora.

– Só mais um pouco – implorou Falina –, só mais um pouquinho.

Bambi suplicou: – Vamos ficar mais! Por favor! Está tão bom.

E Gobo repetiu timidamente: – Está tão bom… só mais um pouquinho.

Depois, os três falaram todos ao mesmo tempo.

Ena olhou para a mãe de Bambi: – Não falei? Agora não querem mais se separar.

E nesse momento aconteceu a coisa mais emocionante que Bambi veria naquele dia.

De dentro da floresta veio um som de pegadas fortes golpeando a terra. Os ramos estalavam, os galhos rumorejavam e, antes que pudessem afiar os ouvidos, do meio da mata surgiram seres. O primeiro rompeu alguns ramos, o outro seguia atrás a galope. Como numa tempestade dispararam para a frente, descreveram um círculo bem grande no campo e, em seguida, voltaram a mergulhar na floresta, ainda se ouvia o galope, depois voltaram a aparecer e, de repente, ficaram parados, distantes uns vintes passos um do outro.

Sem se mexer, Bambi só olhava. Eles se pareciam com sua mãe e com tia Ena. Mas suas cabeças estavam coroadas com resplandecentes galhadas, cobertas com pérolas castanhas e pontos claros, quase brancos. Bambi ficou completamente atordoado de tanto olhar de um para o outro. Um deles era menor e sua coroa também era menos desenvolvida. O outro, porém, era majestoso. Ele erguia a cabeça com uma coroa imponente. Ela tinha tons do escuro ao claro, enfeitada com inúmeras lindas pérolas pretas e marrons e com pontos brancos.

– Oh! – exclamou Falina admirada. Gobo repetiu baixinho: – Oh! – mas Bambi não disse nada. Ele estava fascinado e emudecido.

Nesse momento, os dois se afastaram um do outro, cada um foi para um lado e então seguiram na direção da floresta. O maior deles se aproximou dos filhotes, da mãe de Bambi e de tia Ena. Mantinha a cabeça sempre erguida com altivez, sem dignar-se a olhar para ninguém. Os pequenos não ousaram respirar até que ele desaparecesse na floresta. Em seguida se viraram para olhá-lo, mas bem nesse instante os portões verdes da floresta já se fechavam atrás dele.

Falina foi a primeira a quebrar o silêncio.

– Quem são eles? – perguntou. Sua vozinha fina tremia.

Mal se ouviu Gobo repetir: – Quem são eles?

Bambi permanecia calado.

Tia Ena respondeu solenemente: – São os pais de vocês.

Não se disse mais nada além disso e eles se separaram. Tia Ena seguiu com seus filhos e logo entrou na moita mais próxima. Era o caminho da casa deles. Bambi teve de cruzar todo o campo com sua mãe em direção ao carvalho para pegar o caminho de sempre. Ele permaneceu calado durante um longo tempo. Então perguntou: – Mas eles não nos viram ali?

A mãe compreendeu perfeitamente a pergunta e respondeu: – Claro que

viram. Eles veem tudo.

Bambi sentia um incômodo, mas teve vergonha de perguntar. Porém, como sua curiosidade era maior que sua timidez, acabou perguntando: – Por quê…? – e depois se calou.

A mãe tentou ajudar: – O que você está querendo saber, meu filho?

– Por que eles não ficaram conosco?

– Eles não ficam conosco – explicou ela –, só em algumas ocasiões…

Bambi prosseguiu: – Por que não falaram com a gente?

– Eles não falam com a gente… Só nos dirigem a palavra em determinada época… Temos de esperar… quando quiserem falar conosco, eles falarão.

Com o coração apertado, Bambi ainda quis saber: – Mas meu pai vai querer falar comigo?

– Claro que sim, meu filho – garantiu a mãe –, quando você for adulto ele vai falar com você e você vai poder ficar com ele de vez em quando.

Bambi seguiu seu caminho em silêncio, ao lado da mãe. Sua mente estava completamente preenchida com a imagem do pai. “Como ele é bonito”, pensava.

Como se a mãe tivesse escutado seus pensamentos, ela disse: – Se você sobreviver, meu filho, se for esperto e evitar os perigos, um dia você também será forte e bonito como seu pai. Também vai usar uma coroa como a dele.

Bambi respirou fundo. Seu coração se encheu de alegria e de esperança.



O TEMPO PASSOU e Bambi adquiriu muita experiência em centenas de aventuras. Às vezes, chegava a ficar atordoado com a infinidade de coisas que tinha de aprender. Agora, ele já sabia escutar, não reconhecia apenas os ruídos próximos que chegavam aos seus ouvidos. Nisso não havia nada de mais. Bambi já era capaz de ouvir de verdade, de reconhecer um sussurro mais suave, mais distante, cada movimento discreto provocado pelo mais delicado sopro de vento. Já sabia, por exemplo, quando o faisão atravessava o mato apressado, pois conseguia perceber o andar acelerado e delicado alternado com paradas bruscas. Ele também reconhecia o barulho dos ratos selvagens correndo de um lado para o outro por caminhos curtos. As toupeiras, que quando estão bem humoradas ficam brincando de pega-pega em volta do grande pé de magnólia. Reconhecia o grito ousado do faisão e conseguia perceber em seu tom de voz irritado se um pica-pau ou um corvo estava se aproximando e poderia lhe tomar o território. Conhecia o bater de asas das pombas, o som distante do movimento dos patos alçando voo e muitas outras coisas mais. E finalmente aprendera a farejar. Logo, logo, saberia fazer isso bem melhor do que a mãe. Conseguia aspirar o ar e ao mesmo tempo analisá-lo com os outros sentidos. Quando o vento sopra do campo ele pensa: "Ah, esse cheiro é de [illegible] da panícula. E percebo que o meu amigo coelho está por ali [illegible] se eu baixasse o nariz em direção ao chão e se esforçasse, no meio dessa mistura de cheiros de capim, de terra, de plantas silvestres e de ervas também conseguia perceber o esquilo passando em alguma parte ou saber que a raposa estivera por ali havia pouco, ou se seus parentes, a tia Ena e os primos, estavam por perto.

Ele também já se acostumou com a noite e não tem mais tanta vontade de sair correndo por aí em plena luz do dia. Durante o dia, o que ele adora mesmo é ficar deitado na clareira cercada de árvores e arbustos, pertinho de sua mãe. Consegue ouvir o barulho do ar fervendo de calor e dorme. De quando em quando, acorda, levanta as orelhas e fareja, como se deve fazer. Está tudo bem. Só os pequenos chapins ficam piando numa conversinha, os pintassilgos quase nunca conseguem se calar e as rolinhas não param de declarar seu amor. O que ele tem a ver com isso? Então volta a dormir.

Bambi tomou gosto pela noite. À noite tudo é animado, tudo se move. É claro que também é preciso ficar atento, mas ele pode ir onde quiser. Em todo lugar há conhecidos que também parecem mais tranquilos do que durante o dia. À noite a floresta é alegre e sem ruídos, apenas algumas vozes soam fortes

rompendo o silêncio, mas são diferentes das vozes do dia e mais impressionantes. Bambi simpatiza muito com a coruja. Acha seu voo elegante, calmo, muito leve. Faz tão pouco barulho quanto uma borboleta, mesmo sendo bem maior que ela. Sua cara é muito expressiva e seus olhos, encantadores. Admira seu olhar firme, sereno e destemido. Ele adora ficar ouvindo a conversa dela com sua mãe ou com qualquer outro habitante da floresta. Bambi sempre fica um pouquinho afastado porque sente um pouco de medo de seu olhar autoritário e também porque não entende parte das coisas inteligentes que ela diz, mas sabe que são inteligentes e isso o encanta e faz com que sinta o maior respeito por ela. Depois a coruja começa a cantar – uhu, uhu, uhu. O seu canto é diferente do canto do bem-te-vi ou do simpático cuco, mas Bambi o adora porque consegue perceber nele um quê de mistério, uma sabedoria enorme e uma certa tristeza. Existe também a corujinha, um ser pequeno, cheio de animação, muito alegre e extremamente curioso. Sempre quer chamar a atenção a qualquer custo. Crocita – crrru-u, crrru-u!! – com muita força, numa voz terrivelmente estridente. Parece que está correndo perigo de vida. Mas tem um excelente humor e fica muito contente quando consegue assustar alguém. Grita – crrru-u! – tão alto que se ouve de longe na floresta e depois ri baixinho. Essa parte só se escuta quando se está bem perto dela. Bambi descobriu que a corujinha fica feliz quando consegue assustar alguém ou quando alguém finge que pensou ter acontecido alguma coisa com ela. Assim, toda vez que a vê, corre de encontro a ela e pergunta: “Aconteceu alguma coisa?”. Ou diz com um suspiro: “Nossa, que susto que eu levei!”. E a corujinha se diverte. “Sim, sim”, diz rindo, “parece que estou chorando”. Ela estufa as penas e fica parecendo uma bola cinza de pelúcia, muito linda.

Bambi também já enfrentou algumas tempestades. Durante o dia e à noite. A primeira foi durante o dia e Bambi sentiu muito medo quando começou a ficar cada vez mais escuro no seu abrigo. Parecia que a noite tinha despencado do céu no meio do dia. E Bambi tremeu de medo quando as rajadas de vento começaram a varrer a floresta zunindo, fazendo com que as árvores estalassem. Depois, quando os relâmpagos começaram a luzir e os trovões a retumbar, Bambi ficou estarrecido de pavor e pensou que o mundo fosse acabar. Então correu para trás de sua mãe, que andava um pouco irrequieta de um lado para o outro. Ele não conseguia pensar, não sabia o que fazer. A chuva despencava torrencialmente. Todos corriam em busca de refúgio, a floresta parecia deserta e não havia como escapar da chuva. A água alcançava com seus chicotes mesmo quem se abrigasse debaixo das copas das árvores mais densas. Mas, depois de um tempo, os relâmpagos foram cessando, as faíscas pararam de queimar o topo das árvores, o som do trovão pareceu mais distante e tudo voltou a ficar em

silêncio. A chuva foi se tornando mais fina. As gotas continuaram pingando por mais uma hora. Todos os habitantes da floresta respiraram mais tranquilos esperando calmamente que parasse de chover. Ninguém mais tinha receio de sair, era como se a chuva tivesse levado o medo embora.

Bambi e sua mãe nunca tinham ido ao campo tão cedo quanto naquela tarde. Na verdade, ainda nem estava anoitecendo. O sol brilhava alto no céu, o ar estava fresco e revigorante, com um aroma mais forte que de costume, e a floresta cantava com mil vozes porque todos haviam saído dos esconderijos para comentar o que se passara.

Antes de pisarem no campo, passaram por um enorme carvalho que ficava bem pertinho da divisa da floresta, próximo ao caminho. Passavam por ele toda vez que saíam para o campo. O esquilo estava sentado num dos galhos e os cumprimentou. Bambi era muito amigo dos esquilos. A primeira vez que viu um pensou que fosse um cervo muito pequeno por causa do seu pelo vermelho, e olhou para ele com espanto. É que naquele tempo Bambi ainda era um filhote e não entendia nada de nada. Mas ele gostou do esquilo logo de início. Achava que tinha bons modos e um papo agradável. Bambi se divertia muito vendo como ele sabia escalar, fazer malabarismos, saltar e se equilibrar. Enquanto falava, subia e descia o tronco liso com a maior facilidade do mundo. De repente, estava sentado num galho bambo, encostado confortavelmente em sua cauda peluda, que se erguia majestosa atrás de seu corpo, exibia seu peito branco, mexia as patinhas dianteiras com delicadeza e virava a cabecinha para lá e para cá, sorria com olhos alegres e dizia coisas engraçadas e interessantes. Agora mesmo voltara a descer, bem rápido, em saltos tão altos que dava para pensar que iria acabar se espatifando na cabeça de quem estivesse embaixo. Abanava sua longa cauda vermelha com força e cumprimentava: – Boa tarde! Boa tarde! É muito bom vê-los passando por aqui.

Bambi e sua mãe pararam.

O esquilo desceu do tronco para conversar: – Então, vocês passaram bem pela tormenta? É claro, estou vendo que sim, já que estão aqui. É isso o que importa. – Depois correu feito um raio para o alto e disse: – Ali embaixo ainda está molhado. Vou para um lugar mais seco. Espero que não se incomodem. E daqui do alto também dá para conversar.

Ele corria por um galho reto de um lado para o outro: – Um acontecimento. Um barulhão! Vocês podem imaginar como fiquei aterrorizado. A gente se aperta num cantinho sem coragem de se mexer. Isso é que é o pior, ficar ali parado sem se mexer. A gente tem esperança de que nada de ruim aconteça e nesse caso a minha árvore é um refúgio maravilhoso… devo dizer que não há lugar melhor que a minha árvore. Estou bem satisfeito. Por mais que eu ande por aí, não a

troco por nenhuma outra. Mas quando o céu despenca como hoje, a gente passa por apuros.

O esquilo estava ali sentado, encostado na cauda, as patinhas dianteiras apertadas contra o peito branco. Não tinha como duvidar de que ele de fato passara por apuros.

– Agora vamos até o campo – disse a mãe –, para dar uma secadinha ao sol.

– Mas que boa ideia! A senhora é tão inteligente, verdade, eu comento sempre como é inteligente! – Num salto ele já tinha alcançado um galho mais alto. – Não há nada melhor a fazer do que ir até o campo – gritou ele lá do alto. Depois se afastou subindo aos saltos até a copa. – Também quero subir até onde o sol alcança – disse animado. – Estou encharcado! Vou até lá no topo! – Nem estava ligando se alguém ainda o ouvia.

O campo já estava bem movimentado. O amigo coelho tinha levado a família. Tia Ena, seus filhotes e outros conhecidos também estavam por ali. Hoje Bambi voltou a ver os pais. Saíram devagar da floresta, um de um lado, o outro de outro, até um terceiro apareceu. Foram margeando a floresta, andando no campo para lá e para cá, cada um no seu lugar. Não olharam para ninguém, nem sequer falaram entre si. Bambi não tirava os olhos deles, com respeito e curiosidade.

Depois foi falar com Falina, Gobo e os outros filhotes. Quis brincar um pouco e, como todos concordaram, logo se puseram a correr em círculos. Falina parecia a mais animada. Estava contentíssima e cheia de ideias. Gobo se cansou logo. Ele passara muito medo durante a tempestade, seu coração tinha disparado e ainda batia acelerado. Na verdade, Gobo era mais frágil, mas Bambi o adorava porque ele era muito bonzinho e sempre prestativo, embora com frequência aparentasse um pouco de tristeza.

O tempo passou e Bambi aprendeu que o capim do campo era muito saboroso, seus brotos delicados e os trevos doces. Agora, quando ele se encostava na mãe, acontecia frequentemente de ela o rechaçar: – Você já não é mais um filhotinho – dizia. Às vezes, completava: – Me deixe em paz. – Também acontecia de ela se levantar no abrigo, no meio do dia, e sair andando sem sequer se preocupar se Bambi estava atrás dela ou não. Às vezes eles caminhavam pelas trilhas e a mãe nem ligava mais se Bambi a seguia. Até que um dia a mãe sumiu. Bambi não sabe como isso foi acontecer, ele não conseguia entender. Mas o fato é que a mãe tinha ido embora e Bambi ficou sozinho pela primeira vez.

Pensativo e preocupado, vagou sem rumo pela floresta, sentindo muito medo

e uma saudade imensa. Triste, se pôs a chamar por ela, mas não obteve reposta, ninguém veio.

Escutava com atenção e bramava. Nada. Bramava novamente. Bem baixinho, para si, implorava: – Mãe… mãe… – em vão.

Quase desesperado ele não aguentou mais e começou a seguir pelos caminhos que conhecia. Parava, chamava, voltava a andar com passos temerosos, amedrontado e sem saber o que fazer. Estava muito triste.

Seguiu pelas trilhas se afastando cada vez mais, chegando a lugares onde nunca havia estado, lugares estranhos para ele. Até que não soube mais para onde ir.

Então ele ouviu vozes de filhotes chamando como ele: – Mãe… mãe…

Ficou parado ouvindo.

Eram Gobo e Falina. Só podiam ser eles.

Correu seguindo as vozes e logo avistou uma pelagem vermelha através das folhas. Gobo e Falina. Tristes, ali parados debaixo de uma árvore chamando: – Mãe… mãe…!

Eles se alegraram quando ouviram o arbusto se mexer. Mas quando viram que era Bambi ficaram decepcionados. Ainda assim se animaram um pouco. E Bambi se sentiu feliz por não estar mais tão só.

– Minha mãe foi embora – disse Bambi.

– A nossa também – respondeu Gobo cabisbaixo. Eles se entreolharam desanimados.

– Onde elas estarão? – perguntou Bambi quase aos soluços. – Não sei – respondeu Gobo suspirando. Seu coração estava batendo acelerado e ele não se sentia nada bem.

De repente, Falina disse: – Eu acho… que elas podem estar com nossos pais.

Gobo e Bambi olharam para ela espantados: – Você acha… com nossos pais? – perguntou Bambi tremendo todo.

Falina também estava trêmula, mas tinha um ar de mistério. Fazia de conta que sabia mais do que queria revelar. Mas é claro que na verdade ela não sabia de nada. Ela nem sabia como tinha chegado a essa conclusão. No entanto, quando Gobo repetiu – Você acha mesmo? – ela fez uma cara de inteligente e disse cheia de segredos: – Sim, acho que sim.

Na verdade era uma hipótese possível. Mesmo assim, não deixava Bambi mais tranquilo. Ele também não estava conseguindo pensar direito, estava nervoso e triste demais para isso.

Assim, ele foi embora. Não queria permanecer parado num lugar. Falina e Gobo seguiram com ele por um trecho. Os três ficaram chamando – Mãe… mãe… – mas Gobo e Falina pararam, sem coragem de seguir adiante. Falina

disse: – Não adianta. A mamãe sabe onde estamos. Então vamos ficar parados para que ela possa nos encontrar quando voltar.

Bambi seguiu sozinho. Atravessou uma mata e chegou a um pequeno descampado. Parou no meio dele, mas, de repente, sentiu como se tivesse criado raízes e não conseguia se mover.

Na beira do descampado, perto da castanheira, ele avistou uma criatura estranha. Bambi nunca tinha visto nada parecido. Ao mesmo tempo, o ar trazia um cheiro que ele nunca tinha sentido. Um cheiro estranho, pesado, forte e enlouquecedor.

Bambi encarou aquele ser. Ele se mantinha muito ereto, muito magro, e tinha a cara muito pálida, completamente sem pelos ao redor do nariz e dos olhos. Terrivelmente nu. Aquele rosto lhe inspirava um medo enorme. Um pavor gélido. Era de uma violência medonha, paralisante. Impressionante o domínio que exercia sobre Bambi e olhar para ele foi horrível. Mesmo assim Bambi ficou paralisado, sem conseguir sair do lugar.

O ser ficou imóvel por muito tempo. Até que esticou uma pata, uma que ficava bem no alto, perto do rosto. Bambi nem percebeu do que se tratava, na verdade. Mas quando ele viu essa pata assustadora se esticando no ar, se apavorou com o movimento e fugiu dali na velocidade do vento. Num instante ele estava dentro da mata, de onde tinha vindo. E correu o quanto pôde.

Inesperadamente e sem saber de onde havia saído, sua mãe apareceu a seu lado, correndo, saltando por cima das moitas e dos arbustos. Os dois corriam o quanto podiam. A mãe foi na frente, ela conhecia o caminho, e Bambi a seguiu até que ambos chegaram ao abrigo.

– Você viu…? – perguntou a mãe.

Bambi não conseguia responder, estava sem fôlego. Só acenava com a cabeça.

– Era… Ele! – disse a mãe. E os dois estremeceram de horror.



AGORA BAMBI FICAVA sozinho com frequência, mas ele já não sentia mais tanto medo como das primeiras vezes. Sua mãe desaparecia e ele podia chamar o quanto quisesse que ela não voltava. Depois ela reaparecia, inesperadamente.

Certa noite ele estava vagando só por aí. Não tinha encontrado nem Falina nem Gobo. O céu já estava ficando cinza pálido e começava a escurecer, as copas das árvores se tornavam visíveis e pareciam formar uma cúpula por cima dos arbustos. Foi quando ele ouviu um ruído no meio da folhagem e a mãe passou correndo por ele. Alguém a seguia bem de perto. Bambi não sabia se era tia Ena, seu pai ou qualquer outro conhecido. Mas percebeu imediatamente que era sua mãe, mesmo ela tendo passado tão rápido. Ele identificara sua voz. Ela gritava e Bambi teve a impressão de que era uma brincadeira, mas, ao mesmo tempo, parecia que ela também sentia um pouco de medo.

Outra vez, aconteceu de ele estar andando pela mata há horas quando resolveu chamar. Não sabia por quê, mas porque ele não queria mais ficar sozinho e isso o deixava triste. Então começou a chamar pela mãe.

De repente, um dos pais estava diante dele e estava bem sério. Bambi não escutou quando ele se aproximou e levou um susto. O velho cervo parecia ser mais forte que os outros, mais alto, mais majestoso. Sua pelagem tinha um tom vermelho mais escuro, mas seu rosto era cinza prata e em sua cabeça carregava uma imponente coroa manchada de pérolas negras sobre as orelhas nervosas.

– Por que está chamando? – perguntou o velho com severidade. Bambi estremeceu e não ousou responder. – Sua mãe agora está sem tempo para você! – prosseguiu o cervo. Bambi estava totalmente rendido por essa voz autoritária, mas, ao mesmo tempo, não deixava de admirá-la. – Não sabe ficar sozinho? Que vergonha! – Bambi queria dizer que sabia, sim, ficar sozinho, que já havia ficado sozinho muitas vezes, mas não conseguia articular nenhuma palavra. Ele então permaneceu calado, morto de vergonha. Então, o velho cervo deu meia-volta e foi embora. Bambi não sabia para onde ele havia ido, muito menos se saíra rápido ou devagar. Espichou as orelhas, mas não conseguiu ouvir passo algum, nenhuma folha se mexendo. Assim, pensou que o velho cervo ainda deveria estar por perto e aspirou o ar ao redor. Não sentiu nenhuma alteração. Então respirou aliviado por estar novamente sozinho, mas também sentiu uma vontade enorme de encontrar o velho cervo outra vez para conquistar sua aprovação.

Quando sua mãe finalmente chegou, ele não lhe contou nada sobre o seu

encontro. Pensou no velho cervo enquanto andava sozinho e sentiu muita vontade de encontrá-lo novamente. Aí ele diria: “O senhor reparou que não estou chamando?”. E o velho cervo iria elogiá-lo.

Mas assim que voltou a encontrar Falina e Gobo no campo, contou para eles. Eles ouviram atentos e não tinham nenhuma história para contar que se comparasse à de Bambi.

– Você não ficou com medo? – Gobo quis saber ansioso. Bambi respondeu que não sentiu tanto medo porque o velho cervo era muito bonito. – Pois isso não me ajudaria em nada – disse Gobo e explicou –, eu não teria condições de olhar para ele. Quando sinto medo, meus olhos começam a piscar e meu coração dispara a bater tão forte que nem consigo respirar. – Falina ficou muito pensativa com a história de Bambi e não disse nada.

No próximo encontro, porém, Falina e Gobo se aproximaram aos saltos. Eles estavam novamente sozinhos, como Bambi.

– A gente está procurando você há um tempo – disse Gobo. – Porque a gente sabe exatamente quem era aquele que você encontrou – emendou Falina. Bambi deu um salto de tanta curiosidade: – Quem?

Falina então contou festiva: – O velho príncipe.

– Como vocês sabem? – Bambi quis saber.

– Nossa mãe contou! – respondeu Falina.

Bambi perguntou espantado: – Vocês contaram para ela? – Os dois fizeram que sim com a cabeça. – Mas era segredo! – Bambi exclamou indignado. Gobo se desculpou e disse: – Não fui eu. Foi a Falina. – Mas Falina foi logo dizendo: – Que segredo que nada! Eu queria saber quem era. Agora a gente sabe e isso é muito mais importante! – Bambi estava curiosíssimo para saber tudo que Falina sabia e por isso se deixou convencer. Falina foi contando tudo: – Ele é o mais imponente da floresta. É o príncipe. Não há outro que se iguale a ele. Ninguém sabe a idade dele. Ninguém sabe dizer onde ele mora. Ninguém conhece seus parentes. Poucos o viram. Às vezes, chegaram a achar que estivesse morto por não o terem visto por um longo tempo. Mas aí acontecia de alguém voltar a vê-lo e assim todos ficavam sabendo que ainda estava vivo. Ninguém nunca ousou perguntar a ele onde esteve. Ele não fala com ninguém e ninguém tem coragem de falar com ele. Ele anda por caminhos que ninguém anda e conhece até o cantinho mais escondido da floresta. Para ele não há perigo. Algumas vezes os outros príncipes lutam entre si por diversão, para testar forças, ou às vezes brigam. Com ele ninguém briga faz anos. E dos que brigaram no passado, há muito tempo, nenhum sobreviveu. Ele é o grande príncipe.

Bambi perdoou Gobo e Falina por terem revelado seu segredo. Ele até gostou porque aí ficou sabendo de todas essas coisas importantes. Mas ele

também ficou satisfeito que Falina e Gobo não soubessem de tudo. Que o grande Príncipe havia dito “Não sabe ficar sozinho?” e nem do “Que vergonha!”. Isso eles não sabiam. Bambi estava feliz por ter omitido esses detalhes. Falina teria contado tudo e a floresta inteira ficaria sabendo.

Naquela noite, quando a lua surgiu no céu, a mãe de Bambi voltou a aparecer. De repente, lá estava ela debaixo do enorme carvalho, na entrada do campo à procura de Bambi. Ele correu ao encontro dela assim que a viu. Naquela noite Bambi iria aprender algo novo. A mãe estava cansada e faminta e os dois não se afastaram tanto como de costume. A mãe saciou a fome comendo capim onde Bambi também costumava comer. Um do lado do outro, iam comendo o capim e as folhas dos arbustos e ruminando tranquilamente em direção à floresta. De repente, ouviram um rumorejar forte das folhagens. Antes que Bambi se desse conta do que estava acontecendo, sua mãe começou a berrar bem alto, como só fazia quando estava com medo de alguma coisa ou quando ficava furiosa. – Ba-oh! – gritava ela, saltava e voltava a parar berrando: – Ba-oh! Ba-oh! – Foi então que Bambi avistou as figuras imponentes que passavam por eles uma atrás da outra. Passavam bem perto. Pareciam com Bambi e com sua mãe, com a tia Ena e com todos da família, mas eram gigantescos, tão enormes que para vê-los era preciso olhar bem para o alto. Bambi também começou a berrar: – Ba-oh… Ba-oh… Ba-oh…! – Ele nem percebia que estava berrando, mas berrava. Não podia evitar. O comboio passou lentamente por eles. Três, quatro seres enormes, um atrás do outro. Por último seguia o maior de todos, com uma madeixa selvagem em torno do pescoço e uma espécie de árvore de coroa. Olhar para ele era de perder o fôlego. Bambi estava ali parado e gritava o quanto podia porque estava assustado como nunca. Sentia um tipo de medo diferente. Tinha a impressão de ser muito pequeno, até sua mãe parecia pequena, minúscula. Sentia-se envergonhado sem saber direito por quê, e ao mesmo tempo era tomado por um terror e então berrava: – Ba-oh… Ba-oh…! – Sentia-se mais aliviado quando berrava.

O comboio passou. Não se via nem se ouvia mais nada. A mãe também estava calada. Só Bambi ainda dava uns berros curtos de tempos em tempos. Ainda estava impressionado com o que vira.

– Fique calmo, eles já foram! – consolava a mãe.

– Mãe, quem eram eles? – sussurrou Bambi.

– Não tenha medo, não são perigosos – explicou a mãe. – São nossos parentes, os alces, são fortes e poderosos, mais fortes que nós.

– E não são perigosos? – perguntou Bambi.

– Geralmente não. Fala-se muitas coisas a respeito deles, mas eu não sei se essas histórias são verdadeiras. Nunca me fizeram mal e também nunca soube de

nada contra nenhum dos meus conhecidos – disse a mãe.

– Mas por que nos fariam algum mal se são nossos parentes? – perguntou Bambi tentando se tranquilizar, mas ainda tremendo de medo.

– Conosco nunca vão fazer nada – respondeu a mãe –, só que eu sempre levo um susto quando os vejo, não sei por quê. Acontece toda vez.

Depois dessa conversa, Bambi foi se acalmando, mas ainda assim ficou pensativo. Logo acima dele, num galho do carvalho a corujinha ululava alarmada. Mas dessa vez Bambi estava distraído e se esqueceu de fingir que tinha levado um susto. Ainda assim a corujinha chegou mais perto e perguntou: – Será que assustei você?

– Claro – respondeu Bambi. – Você sempre me assusta.

A corujinha riu satisfeita: – Espero que não me leve a mal. Esse é o meu jeito. – Depois eriçou as penas e, parecendo uma bolinha, enfiou o bico no meio delas e fez uma cara muito séria e simpática. Estava realizada.

Bambi resolveu esvaziar o coração e confessou timidamente: – Sabe, agora há pouco levei um susto muito maior.

– Verdade? – perguntou a corujinha nada contente.

Bambi então contou do seu encontro com os parentes gigantes.

– Nem me fale de parentes – exclamou a corujinha –, eu também tenho os meus. E é só eu me deixar ver durante o dia que logo caem em cima de mim. Parentes não servem para nada. Se são maiores que nós não prestam e se são menores prestam menos ainda. Quando são maiores, não gostam de nós porque são orgulhosos demais e se são menores, não gostam de nós porque aí os orgulhosos somos nós. Não, eu nem quero saber dessa história!

– Mas eu nem conheço os meus parentes – disse Bambi, meio sem jeito e ao mesmo tempo ansioso. – Nunca ouvi falar deles. Hoje foi a primeira vez que os vi.

– Não se preocupe com eles – aconselhou a corujinha. – Acredite – disse revirando os olhos expressivamente –, acredite em mim, é melhor assim. Parentes nunca são tão bons quanto amigos. Olhe para nós, por exemplo, não somos parentes, mas somos bons amigos e isso é muito bom.

Bambi ainda queria dizer mais uma coisa, mas a corujinha prosseguiu: – Eu tenho experiência nesse assunto. Você ainda é jovem. Acredite, eu sei bastante dessas coisas. Além do mais não quero me intrometer nas suas questões familiares. – E voltou a revirar os olhos com um ar tão pensativo, tão séria e certa de si que Bambi preferiu se calar.

MAIS UMA NOITE se passou e a manhã trouxe uma novidade.

Era uma manhã sem nuvens, repleta de orvalho e de frescor. De repente, todas as folhas das árvores e dos arbustos começaram a exalar um perfume mais forte. A relva lançava ondas de aromas que alcançavam o topo das árvores.

Os chapins piaram ao acordar. Piaram bem baixinho. Mas como ainda estavam em meio à penumbra cinza do amanhecer, não disseram mais nada. Por um tempo tudo ficou em silêncio. Depois um guincho rouco e rasgado vindo do alto cortou o ar. Os corvos tinham acordado e visitavam uns aos outros nas copas das árvores. A gralha-azul logo respondeu: – A-a-a-a-a... acaso está achando que ainda não acordei? – Então centenas de piados, ainda suaves, de perto e de longe começaram a ser ouvidos: – Piu, piu! Tiu! – Ainda dava para perceber um tom sonolento em suas vozes.

De repente, um melro voou até o topo de um pinheiro. Voou bem alto e pousou na ponta mais elevada e fina de um galho que espetava o ar, sobre a copa das outras árvores e, lá de cima, observou como ao longe e além da floresta o céu cinza do leste começou a se iluminar e a ganhar vida. Então se pôs a cantar. Visto debaixo não passava de um minúsculo pontinho preto. Seu corpinho podia ser confundido com uma folha morta. Mas o seu canto alegre alcançava toda a floresta. Agora tudo se mexia. Os chapins batiam as asas e os pintarroxos e pintassilgos cantavam. As pombas iam de um lado a outro com estardalhaço. Os faisões gritavam tão alto que parecia que sua garganta ia estourar. O barulho de suas asas ao voarem das árvores para o chão era brando e potente. Não paravam de emitir um grito metálico e esganiçado, seguido de um gorjeio suave. Bem no alto, os falcões gritavam alegres com voz aguda: – Iaiaia!

O sol nasceu.

– Bem-te-vi! – cantava o bem-te-vi. Ele voava de lá para cá entre os galhos e sua barriga amarela brilhava na luz da manhã como uma bola de ouro.

Bambi passou pelo carvalho e foi até o campo. A relva brilhava com o orvalho e o cheiro era uma mistura de capim, flores e terra molhada. Dava para ouvir o cochicho de mil seres vivos. Seu amigo coelho estava na margem do campo e parecia refletir sobre algo muito importante. Ali também o orgulhoso faisão passeava vagarosamente, bicava uma ou outra semente que encontrava e, prevenido, olhava ao redor a cada instante. O azul metálico de sua nuca brilhava ao sol. Bem perto de Bambi estava um dos príncipes. Bambi nunca o tinha visto antes, aliás, nunca tinha visto nenhum dos pais tão de perto. O príncipe estava

parado ao lado do pé de avelã, ainda um pouco escondido pela folhagem. Não se movia. Queria que o príncipe se mostrasse por inteiro, mas não sabia se teria coragem de falar com ele. Queria perguntar para sua mãe e olhou em volta procurando onde ela estava, mas ela já tinha seguido adiante e conversava com tia Ena. Nesse momento, Gobo e Falina saíram correndo da floresta. Bambi não se mexia e pensava. Se fosse agora ao encontro de sua mãe e dos parentes teria de passar bem na frente do príncipe. Aquilo não seria fácil. “Que nada”, pensou, “não preciso perguntar para minha mãe. Afinal eu nem contei para ela que o velho cervo já falou comigo. Vou tentar falar com o príncipe. Vou dizer: ‘Bom dia, senhor príncipe!’. Ele não vai se ofender com isso. E se ele se ofender, eu fujo correndo.” Bambi lutava internamente e estava indeciso.

De repente, o príncipe saiu da folhagem e entrou no campo.

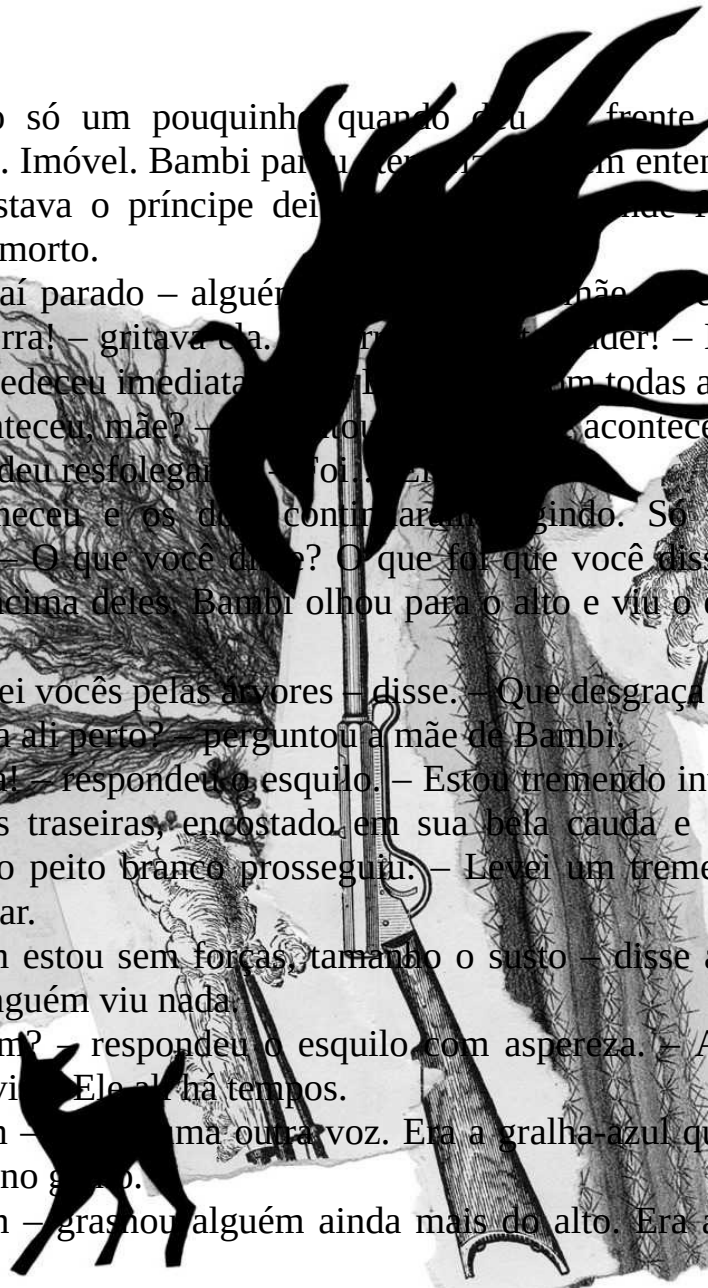
“Agora…”, pensou Bambi.

Então ouviu um estrondo.

Bambi estremeceu, sem saber o que tinha acontecido.

Viu o príncipe dar um salto para o alto bem na sua frente e voltar a toda velocidade para a floresta, passando bem perto dele.

Estupefato, Bambi olhou ao redor, o estrondo ainda ressoava em seus ouvidos. Viu que sua mãe, tia Ena, Falina e Gobo estavam correndo de volta para a floresta e que seu amigo coelho fugia a todo vapor. O faisão saiu em disparada com o pescoço espichado. Bambi então percebeu que toda a floresta se calara de repente e tratou de se mandar para dentro da mata também.



Tinha corrido só um pouquinho quando deu de frente com o príncipe estendido no chão. Imóvel. Bambi parou, sem conseguir entender o que aquilo significava. Lá estava o príncipe deitado, com uma grande ferida no ombro, sangrando muito, morto.

– Não fique aí parado – alguém gritou do chão. Era a mãe, que aproximou dele num galope. – Corra! – gritava ela. – Corra o mais que puder! – Ela não parou de correr e Bambi obedeceu imediatamente, correndo com todas as suas forças.

– O que aconteceu, mãe? – perguntou. – O que aconteceu, mãe?

A mãe respondeu resfolegando: – Foi Ele.

Bambi estremeceu e os dois continuaram correndo. Só pararam quando acabou o fôlego. – O que você disse? O que foi que você disse? – perguntava uma voz fininha acima deles. Bambi olhou para o alto e viu o esquilo descendo pelos galhos.

– Acompanhei vocês pelas árvores – disse. – Que desgraça!

– Você estava ali perto? – perguntou a mãe de Bambi.

– Sim, estava! – respondeu o esquilo. – Estou tremendo inteiro até agora. – Sentado nas patas traseiras, encostado em sua bela cauda e com as patinhas dianteiras junto ao peito branco prosseguiu. – Levei um tremendo susto e não consigo me acalmar.

– Eu também estou sem forças, tamanho o susto – disse a mãe. – Não dá para entender. Ninguém viu nada.

– Como assim? – respondeu o esquilo, com aspereza. – Aí é que você se engana. Eu tinha visto Ele aí há tempos.

– Eu também – ouviu-se uma outra voz. Era a gralha-azul que se aproximara voando e pousara no galho.

– Eu também – grasnou alguém ainda mais do alto. Era a gralha-de-bico-vermelho.

No topo das árvores alguns corvos crocitavam: – Nós também vimos Ele!

Todos se reuniram para conversar. Estavam muito nervosos e pareciam sentir muita raiva e medo.

“Viram quem?”, pensou Bambi.

– Eu me esforcei muito para alertar o príncipe. Muito! – disse o esquilo levando as patas ao coração.

– E eu então – grasnou o corvo –, quantas vezes eu não gritei! Mas ele não quis me dar ouvidos.

– Ele também não me ouviu – reforçou a gralha-azul. – Chamei no mínimo dez vezes. Estava tentando chegar mais perto para que me ouvisse, queria pousar

no pé de avelã na frente dele, mas naquele instante aconteceu.

– Minha voz é mais forte que a de vocês e eu avisei o quanto pude – disse o corvo num tom amargo. – Mas os cavalheiros não nos dão ouvidos.

– Verdade – concordou o esquilo.

– A gente faz o que pode – opinou a gralha-azul –, a culpa não é nossa que coisas assim aconteçam.

– Um príncipe tão bonito – lamentou o esquilo –, e na flor da idade.

– Tivesse sido menos orgulhoso e escutado a gente! – queixou-se o corvo.

– Ele não era orgulhoso! – contestou o esquilo. E a gralha-azul completou: – Não mais que os outros príncipes da sua família.

– Tolo! – disse a gralha-de-bico-vermelho, rindo.

– Tola é você! – atacou o corvo lá do alto. – Não me fale em tolice. Toda a floresta conhece a sua tolice!

– Minha? – retrucou a gralha-de-bico-vermelho, estarrecida de espanto. – Ninguém pode dizer que sou tola. Sou só um pouco esquecida, mas tola, não.

– Como queira! – respondeu o corvo com seriedade. – Esqueça o que eu lhe disse, mas não pense que o príncipe teve de morrer por ter sido tolo ou orgulhoso, e sim porque ninguém consegue escapar Dele.

– Não gosto desse tipo de conversa – disse, e saiu voando. E o corvo prosseguiu: – Ele até já matou muitos da minha família. Ele mata quando quer. Ninguém escapa.

– Por isso é preciso estar sempre alerta – disse a gralha-azul.

– Com certeza – concordou o corvo, triste. – Até logo – e se afastou voando acompanhado de seus parentes.

Bambi olhou ao redor. Sua mãe não estava mais ali.

“De quem eles estão falando?”, pensou Bambi. “Não consigo entender tudo o que dizem. Quem é este Ele de quem tanto falam? Será que foi Ele que eu vi aquele dia nos arbustos? Mas Ele não me matou…”

Bambi pensou no príncipe deitado com o ombro ensanguentado. Estava morto. Bambi começou a caminhar. Na floresta, as mil vozes voltaram a cantar, o sol atravessava a folhagem com seus raios fortes. Havia luz por toda parte. As folhas começaram a soltar vapor, os falcões chamavam lá do céu e aqui embaixo, bem perto, um pica-pau ria alto, como se nada tivesse acontecido. Ele se sentiu ameaçado por um perigo obscuro, não entendia como os outros podiam estar tão animados sendo a vida tão difícil e perigosa. Nessa hora foi invadido por uma vontade de penetrar na floresta, de ir sempre mais fundo, para bem longe dali. Ansiava encontrar um esconderijo onde estivesse protegido com mata impenetrável por todos os lados, onde ninguém o visse. Não queria voltar ao campo nunca mais.

A seu lado uma coisa se mexeu bem de leve no meio do mato. Bambi deu um pulo para trás. Diante dele estava o velho cervo.

Bambi tremia. Queria fugir correndo dali, mas se conteve e ficou. O velho olhou para ele com seus grandes olhos profundos: – Você também estava lá?

– Estava – disse Bambi baixinho. Sentia seu coração saindo pela boca.

– Onde está sua mãe? – o velho quis saber.

Bambi respondeu ainda em voz baixa: – Não sei.

O velho continuou olhando para ele: – E você não está chamando por ela?

Bambi olhou para a pelagem prateada, para a imponente coroa do velho, tomou coragem e disse:

– Eu sou capaz de ficar sozinho.

O velho olhou para ele por um tempo e então falou suavemente: – Mas você não é aquele filhotinho que outro dia estava chorando atrás da mãe?

Bambi sentiu um pouco de vergonha, mas não se intimidou: – Sim, sou eu – respondeu.

O velho continuou olhando para ele em silêncio e Bambi teve a impressão de que agora os seus olhos profundos se mostravam mais afetuosos. – O senhor me deu uma bronca naquele dia, senhor velho príncipe – disse em voz alta –, porque eu não conseguia ficar sozinho. Desde aquele dia eu consigo.

O velho cervo olhou para ele com um sorriso, bem discreto, quase imperceptível, mas Bambi percebeu.

– Velho príncipe, o que foi que aconteceu? – perguntou confiante. – Eu não entendo… quem é Ele de quem todos falam…? – Mas parou de falar ao ver o olhar severo do velho.

Passou um tempo. O velho cervo olhou para longe, por cima de Bambi e depois falou lentamente: – Ouvir, farejar e olhar por conta própria. Você tem de aprender a averiguar por si só. – E erguendo mais ainda a cabeça coroada emendou: – Passe bem. –E mais nada. Em seguida desapareceu.

Bambi permaneceu ali parado, quase se desesperou. Mas o “passe bem” lhe serviu de consolo. O velho disse “passe bem”. Quer dizer que não estava bravo.

Um sentimento de orgulho invadiu Bambi e lhe inspirou pensamentos profundos. Sim, a vida era mesmo difícil e cheia de perigos, mas viesse o que viesse, ele aprenderia a suportar tudo.

Lentamente, foi entrando mais fundo na floresta.



AS FOLHAS DO grande carvalho à beira da campina não paravam de cair. Caíam de todas as árvores. Um galho se erguia alto sobre os outros e se esticava longe em direção ao campo. Na extremidade dele, duas folhas estavam penduradas lado a lado.

– Não é mais como antigamente – disse uma das folhas.

– Não mesmo – respondeu a outra. – Esta noite tantas de nós se foram… somos quase as únicas aqui no nosso galho.

– Não se sabe quem será a próxima – disse a primeira. – Quando ainda estava quente e o sol brilhava, às vezes havia uma tempestade ou um aguaceiro e, já naquela época, muitas de nós eram arrancadas, mesmo as muito novas. Não se sabe quem será a próxima.

– Agora é raro o sol brilhar – suspirou a segunda folha –, e quando brilha, não dá energia. Precisamos renovar as energias.

– Será que é verdade – disse a primeira –, será que quando formos embora outras ocuparão o nosso lugar e depois outras e outras…?

– Claro que é verdade – sussurrou a segunda –, não gosto nem de imaginar… não dá para entender.

– E a gente fica muito triste com isso – acrescentou a primeira. Ficaram caladas por um tempo. Então a primeira disse baixinho para si mesma: – Por que temos de ir embora…?

A segunda perguntou: – O que vai acontecer conosco quando cairmos…?

– Nós vamos descer…

– O que tem lá embaixo?

– Não sei – respondeu a primeira. – Uns dizem uma coisa, outros dizem outra… mas ninguém sabe.

A segunda perguntou: – Será que a gente ainda sente algo, será que ainda tem consciência de si lá embaixo?

A primeira respondeu: – Quem pode dizer? Nenhuma das que desceram voltou para contar.

Silenciaram outra vez. Então a primeira folha falou com carinho para a outra: – Não se chateie tanto, você está tremendo.

– Não ligue – respondeu a segunda –, agora eu tremo com frequência. A gente já não se sente mais tão firme aqui.

– Vamos mudar de assunto – sugeriu a primeira folha.

A outra retrucou: – Não… deixa pra lá. Mas vamos falar do que então? –

Calou-se e, depois de uma pequena pausa, continuou. – Quem de nós terá de descer primeiro…?

– Ainda tem tempo pra isso – apaziguou a primeira. – É melhor recordarmos como era lindo, como era maravilhoso! Quando o sol vinha e nos enchia de calor e a gente se sentia cheia de saúde! Você se lembra? E o orvalho nas primeiras horas da manhã… e as noites suaves, deslumbrantes…

– Agora as noites são terríveis – choramingou a segunda – e intermináveis.

– Não podemos reclamar – disse a primeira –, nós vivemos muito mais do que muitas outras.

– Eu mudei muito? – a segunda folha indagou tímida, mas com veemência.

– Nem um pouco – afirmou a primeira –, você acha isso porque eu fiquei tão amarela e feia. Mas comigo é diferente…

– Ora, que é isso… – a segunda retrucou.

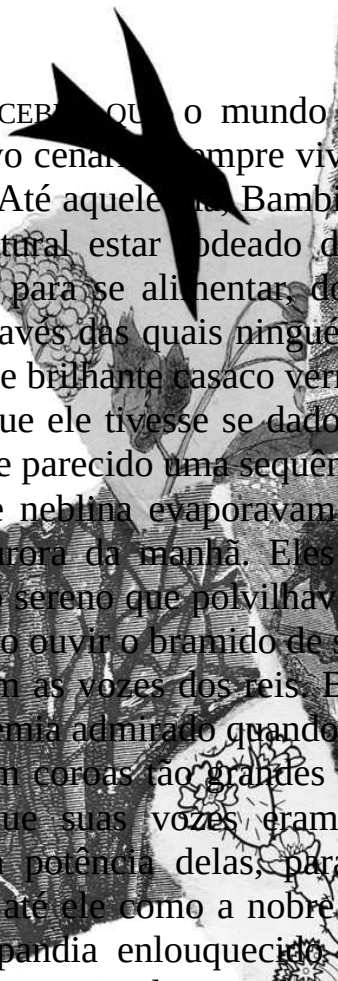
– Não! É verdade! – repetiu a primeira com ênfase. – Acredite em mim! Você está tão linda como no primeiro dia. Talvez aqui e ali tenha aparecido uma mechinha amarela quase imperceptível, o que só deixa você ainda mais bonita. Acredite em mim!

– Muito obrigada – sussurrou a segunda folha comovida. – Não concordo com você… não totalmente… mas agradeço mesmo assim a sua gentileza… sempre foi tão boa comigo… só agora compreendo de verdade como você foi boa.

– Fique quieta – disse a primeira, e se calou também, porque não conseguia mais falar de tanta aflição.

Agora ambas ficaram em silêncio. As horas passavam. Um vento úmido soprava frio e hostil por entre as copas das árvores.

– Oh… agora… – disse a segunda folha – Eu… – sua voz falhou. Soltou-se com delicadeza e caiu suavemente. O inverno havia chegado.



BAMBI PERCEBEU QUE o mundo havia mudado. era difícil para ele se adaptar àquele novo cenário. Sempre vivera na fartura e agora começava a experimentar a miséria. Até aquele dia, Bambi só tinha conhecido a riqueza. Para ele era mais do que natural estar rodeado de abundância e do mais fino luxo. Não tinha problemas para se alimentar, dormia no abrigo com a luz difusa das cortinas verdes, através das quais ninguém podia vê-lo, e caminhava por aí trajando seu magnífico e brilhante casaco vermelho.

Sem que ele tivesse se dado conta, agora tudo estava diferente. A mudança só tinha lhe parecido uma sequência de novas diversões. Divertia-se quando véus leitosos de neblina evaporavam da relva ou quando, de repente, baixavam do céu, na aurora da manhã. Eles desfaziam-se lindamente ao sol. Também lhe agradava o sereno que polvilhava de branco o chão e o campo. Por um tempo se deliciava ao ouvir o bramido de seus parentes grandes nos cios. A floresta inteira ecoava com as vozes dos reis. Bambi escutava e sentia muito medo, mas o seu coração tremia admirado quando ouvia aqueles rugidos de trovão. Achava que os reis usavam coroas tão grandes e ramificadas quanto fortes galhos de árvores e pensava que suas vozes eram tão poderosas quanto suas coroas. Quando escutava a potência delas, parava quieto e não se mexia. As vozes graves chegavam até ele como a nobre expressão de uma colossal explosão de sangue que se expandia enlouquecida numa força bruta de desejo, raiva e orgulho. Sentia-se atemorizado quando as ouvia, mas se orgulhava por ter parentes tão notáveis. Ao mesmo tempo, sentia uma estranha irritação pelo fato de serem tão inacessíveis. Isso o machucava, o humilhava, sem que ele soubesse como e por quê, na verdade, sem que ele reparasse.

Bambi só voltou a prestar atenção em outras coisas quando a época de amor dos reis terminou e o trovão dos seus brados silenciou. Quando ele passeava à noite pela floresta ou deitava em seu abrigo durante o dia, ouvia o barulho das folhas caindo, sussurrado por entre as árvores. Incessantemente pingava e crepitava no ar, no topo de todas as árvores, em todos os galhos. Um suave tom prateado corria sem parar em direção à terra. Era maravilhoso acordar com ele e era delicioso adormecer com aquele sussurro misterioso e cheio de lamentos. A folhagem ficava alta e solta no chão e, quando se passava por ela, rumorejava alto e farfalhava baixinho. Era engraçado como tinha de ser afastada a cada passo, de tão alta que estava empilhada. Fazia “txitxitxi” bem sutil, bem vivo e prateado. Além disso, a folhagem caída era muito útil, pois nesses dias Bambi

não precisava se esforçar para escutar ou farejar. Dava para ouvir tudo de longe. Ela farfalhava com o menor movimento, gritava “txitxitxi”. Quem poderia se aproximar furtivamente? Ninguém.

Mas aí veio a chuva. Chovia cântaros, desde cedo até tarde da noite, e a água não parava de respingar até a manhã seguinte. Daí, cessava por um instante e recomeçava com vigor renovado. O ar parecia encharcado de água fria, o mundo inteiro parecia inundado. A boca ficava cheia de água quando se queria pegar alguns talinhos de grama, e quando se beliscava de leve num arbusto logo despencavam enxurradas nos olhos e no nariz. A folhagem não fazia mais barulho. Ficava macia e pesada sobre o chão, amassada pela chuva e em silêncio. Bambi vivenciou pela primeira vez como era terrível ser lavado e ficar ensopado da água que caía por dias e noites a fio. Ainda não sentia frio, mas ansiava por calor e achava uma lástima ter de andar por aí todo molhado.

E então veio a tempestade do norte e Bambi aprendeu o que era frio de verdade. Não adiantava muito se aninhar pertinho da mãe. Sim, claro, no começo achava ótimo ficar deitado assim e manter ao menos um dos lados do corpo bem quentinho. Só que o vento forte soprava com fúria durante noites e dias na floresta. Era como se ele estivesse sendo tomado por uma raiva incompreensível e gelada, e como se quisesse arrancar a floresta com todas as raízes e levá-la embora, exterminando-a a qualquer custo. As árvores gritavam resistindo com fervor, lutando com todas as forças contra aquele ataque feroz. Ouvia-se seu gemido prolongado, um rangido cheio de suspiros, ouvia-se o estouro barulhento com que galhos fortes se estilhaçavam, o estalar zangado com que aqui e ali o tronco de uma árvore se quebrava e os gritos saídos de todas as feridas de seu corpo despedaçado e moribundo. E depois não se ouvia mais nada, porque a tormenta caía com mais força ainda sobre a floresta e o seu bramido engolia todas as outras vozes.

Bambi compreendeu que a miséria e a pobreza tinham chegado. Viu o quanto a chuva e a tempestade mudaram o mundo. Não havia folha em nenhuma árvore ou arbusto. Eles estavam paralisados como se tivessem sido roubados, os corpos inteiramente nus agora visíveis e os braços marrons esticados para o céu de um jeito deplorável. A grama da relva murchara e exibia um marrom enegrecido. Estava tão baixa que parecia ter sido cortada rente ao chão. O abrigo na clareira também parecia triste e vazio. Desde que as paredes verdes sumiram, não se podia ficar ali como antigamente e, além disso, o vento entrava por todos os lados.

Certo dia, uma jovem gralha-azul voou por cima da relva. Algo branco e frio caiu em sua face, de novo e de novo, e formou-se um leve véu diante de seus olhos. Flocos pequenos, macios, deslumbrantemente brancos dançavam a sua

volta. A gralha-azul interrompeu seu voo batendo as asas, se aprumou e subiu em direção ao céu. Em vão. Mais uma vez levantou-se e subiu alto.

– Não se esforce, minha querida! – gritou um urubu que voava acima dela, na mesma direção. – Não se esforce! Você não vai conseguir voar tão alto para sobrevoar os flocos. Isso é neve.

– Neve? – admirou-se a gralha-azul enquanto lutava contra o turbilhão.

– Claro – respondeu o urubu –, estamos no inverno. E isso é neve.

– Desculpe – respondeu a gralha-azul. – Eu só deixei o ninho em maio. Não conheço o inverno.

– Isso acontece com todo mundo – comentou o urubu. – Mas você vai conhecê-lo.

– Bem, se isso é a neve – pensou a gralha-azul –, então vou me sentar um pouco. – Sentou-se sobre um galho do carvalho e se sacudiu toda.

O urubu continuou a voar lentamente.

No início, Bambi ficou feliz com a neve. O ar era silencioso e suave enquanto as estrelas brancas caíam e o mundo parecia tão novo. Estava mais claro, até mais alegre, pensava Bambi e, quando o sol aparecia por alguns instantes, tudo brilhava, o manto branco reluzia e irradiava tanto que chegava a ofuscar a vista.

Mas logo Bambi deixou de se alegrar com ela. É que estava cada vez mais difícil achar comida. Era necessário raspar a neve e fazer um grande esforço até encontrar um pedacinho de grama murcha. A neve também cortava as patas e dava medo de ferir os pés. Tinha acontecido com Gobo. Na verdade, a situação dele era grave e a mãe temia que ele não conseguisse aguentar muito mais.

Agora ficavam quase sempre juntos e tinham mais vida social do que antes. Tia Ena sempre vinha com os filhotes. Recentemente, Marena, uma jovem quase adulta, também havia começado a frequentar o círculo. Mas quem mais tinha assunto era a dona Nettla. Ela era sozinha e tinha uma opinião formada sobre todas as coisas. “Não,” dizia, “não cuido mais de crianças. Já cansei dessa brincadeira.”

Falina costumava perguntar: “Mas por quê, se é uma brincadeira?”. E dona Nettla fazia de conta que estava brava e dizia: “Mas é uma brincadeira de mau gosto e eu já me cansei dela”. Todos se divertiam animados. Reuniam-se e conversavam. Nunca as crianças tinham ouvido tantos casos.

Até um ou outro príncipe ia ter com eles. De início ficavam um pouco tensos, principalmente porque no começo as crianças estavam mais tímidas. Mas isso passou logo e o ambiente tornou-se acolhedor. Bambi admirava o príncipe Ronno, um senhor vistoso, e adorava o belo jovem Karus. Era época de troca da coroa e Bambi não parava de olhar para os dois discos cor de ardósia, lisos,

reluzentes, com vários pontos delicados que se destacavam no topo da cabeça dos príncipes. Pareciam muito distintos e elegantes.

Era muito emocionante quando um dos príncipes falava de si. Ronno tinha um nó grosso e peludo na pata dianteira. Ele mancava dessa pata e, às vezes, perguntava: “Dá pra perceber que eu manco?”. Todos se apressavam em garantir que nem se notava. Era o que Ronno queria ouvir. Na verdade, era mesmo quase imperceptível. “Bem”, continuava, “aconteceu quando eu me salvei de uma situação perigosa.” E então Ronno contava como Ele o tinha surpreendido e lançado fogo em sua direção. Mas só acertara sua pata. Tinha doído a ponto de enlouquecê-lo. Nenhum mistério. O osso dilacerado. Mas Ronno manteve o sangue frio. Safou-se com três patas. Sempre em frente, apesar do cansaço, pois ele bem sabia que estava sendo perseguido. Correu e correu até a noite chegar. Então se permitiu descansar. Mas na manhã seguinte continuou andando até se sentir em segurança. Então se cuidou, ficou sozinho e escondido e esperou que a ferida sarasse. Depois voltou e virou um herói. Ele mancava, mas quase não dava para perceber.

Agora que passavam mais tempo juntos e com mais frequência, todos contavam muitas histórias e Bambi ficou sabendo mais sobre Ele. Diziam como era horroroso vê-lo. Ninguém podia aguentar olhar para aquele rosto pálido. Bambi já sabia por experiência própria. Comentavam ainda do cheiro que ele exalava e também sobre isso Bambi poderia falar, se não fosse educado o bastante para não se intrometer na conversa dos adultos. Diziam que o cheiro mudava mil vezes, como mágica, mas que mesmo assim era logo reconhecível porque era estranhamente excitante, inexplicável e misterioso, um horror. Diziam que Ele usava apenas duas pernas para andar e comentavam a incrível potência de suas mãos. Alguns não sabiam direito o significado de mãos. Quando explicaram, dona Nettla disse: – Eu não vejo nada demais. O esquilo faz tudo isso que vocês estão falando e qualquer camundongo conhece o mesmo truque. – Desdenhosa, virou a cabeça. – Oh! – exclamaram os outros e deram a entender que nem de longe era a mesma coisa. Mas dona Nettla não se deixava intimidar: – E o falcão? – indagou. – E o gavião? E a coruja? Eles só têm duas pernas e quando querem pegar algo, como vocês dizem, ficam parados numa só e agarram o que querem com a outra. É muito mais difícil e aposto que Ele não sabe fazer isso. – Dona Nettla não estava a fim de achar que Ele fosse bom em alguma coisa. Odiava-o do fundo do seu coração. – Ele é nojento – dizia, e ponto final. Ninguém contestava porque ninguém gostava Dele. O assunto, porém, ficava complicado quando se falava que Ele tinha uma terceira mão, não duas, mas uma terceira. – Isso só é um velho boato – decidiu dona Nettla –, não acredito de jeito nenhum. – Ah, é? – interrompeu Ronno, intrometendo-se na

conversa. – E com o que foi que Ele destruiu a minha pata? A senhora pode me dizer? – Dona Nettla respondeu com descaso: – Isso é problema seu, meu caro, Ele não destruiu nada meu! – Tia Ena disse: – Já vi muita coisa nessa vida e acho que há um fundo de verdade quando afirmam que Ele tem uma terceira mão. – O jovem Karus observou educadamente: – Só posso concordar com a senhora. Tenho amizade com um corvo… – Parou envergonhado por um instante e encarou um a um, como se tivesse receio de que zombassem dele. Mas quando viu que todos ouviam atentos, continuou. – O corvo é muito culto. Preciso dizer isso. É incrível o quanto é culto… e o corvo contou que Ele tem três mãos, mas não sempre. A terceira mão é a má. Não é unida ao corpo como as duas outras. Ele a usa pendurada no ombro. O corvo contou que é fácil saber se Ele ou qualquer outro da família dele é perigoso. Se Ele estiver sem a terceira mão, não é perigoso. – Dona Nettla riu: – Esse seu amigo corvo é um bobo, Karus, mande esse meu recado a ele. Se ele fosse tão inteligente quanto pensa, saberia que Ele é sempre perigoso, sempre. – Os outros tinham objeções a fazer. A mãe de Bambi foi a primeira: – Mas alguns não são tão perigosos. Dá para perceber logo. – Ah é? – perguntou dona Nettla. – Então fica parada até eles chegarem para lhe dar bom dia? – A mãe de Bambi respondeu candidamente: – É claro que não fico parada, saio correndo. – Falina não se conteve: – A gente sempre tem de fugir deles! – Todos riram. Quando continuaram a falar da terceira mão, ficaram sérios e, aos poucos, o pavor se instalou entre eles. Pois, fosse o que fosse, uma terceira mão ou outra coisa parecida era terrível e eles não conseguiam entender isso. A maioria só tinha ouvido falar, mas alguns o tinham visto pessoalmente: Ele ficava ali em pé e não se movia, não dava para explicar o que Ele fazia nem como acontecia, mas, de repente, ouvia-se um estrondo, labaredas de fogo subiam ao ar e bem longe Dele a presa tombava para morrer com o peito dilacerado. Todos se encolhiam enquanto falavam disso, como se sentissem o poder melancólico e incompreensível que os dominava. Escutavam avidamente as muitas histórias sempre repletas de horrores, cheias de sangue e de sofrimento. Absorviam incansavelmente tudo o que se dizia a respeito. Histórias nitidamente inventadas, todos os contos de fadas e lendas contados pelos avós e bisavós e em tudo tentavam descobrir, inconscientemente e amedrontados, como aquela figura soturna poderia ser apaziguada, ou então, como fazer para escapar dela.

– Como é possível – disse o jovem Karus, imerso em seus pensamentos –, Ele conseguir derrubar a gente mesmo estando tão distante?

– O seu corvo inteligente não soube lhe explicar isso? – ironizou dona Nettla.

– Não – sorriu Karus –, ele disse que já viu muitas vezes, mas ninguém

consegue explicar.

– Bem, Ele também faz o corvo despencar da árvore quando quer – observou Ronno.

– E Ele derruba o faisão em pleno voo – acrescentou tia Ena.

– Ele estende a mão. Minha avó me contou – a mãe de Bambi disse.

– Jura? – perguntou dona Nettla. E o que é que estoura desse jeito?

– Quando Ele saca a mão – explicou a mãe de Bambi –, o fogo solta faíscas e explode como um trovão. Ele é todo de fogo por dentro.

– Desculpe – disse Ronno –, é verdade que Ele é de fogo por dentro. Mas essa história da mão está errada. Uma mão não poderia fazer ferimentos desse tipo, a senhora certamente vai concordar. Na verdade, é um dente que Ele arremessa em nossa direção. Sim, um dente. Isso explica muita coisa. E a gente morre com a mordida Dele.

O jovem Karus suspirou profundamente: – Será que Ele nunca vai deixar de nos perseguir?

Então Marena, a moça que já era quase adulta, se manifestou: – Dizem que um dia Ele se juntará a nós e será tão pacífico quanto nós. Que irá brincar conosco, toda a floresta será feliz e faremos as pazes.

Dona Nettla riu alto: – Ele que fique onde está e nos deixe em paz!

Tia Ena disse, em tom de reprovação: – Não fale uma coisa dessas.

– Por que não? – respondeu dona Nettla irritada. – Eu realmente não concordo. Fazer as pazes! A vida toda Ele nos assassina, mata todos nós, nossas irmãs, nossas mães, nossos irmãos! Desde que estamos no mundo, Ele não nos deixa em paz, mata-nos onde nos avista… e agora devemos fazer as pazes com Ele? Que estupidez!

Marena olhou para todos com um brilho sereno em seus grandes olhos: – Fazer as pazes não é uma estupidez – disse. – Fazer as pazes é imprescindível.

Dona Nettla virou-lhe as costas: – Vou procurar alguma coisa para comer – disse, e se afastou correndo.



O INVERNO NÃO terminava nunca. às vezes, o tempo estava mais agradável, mas logo a neve voltava a cair e ficava tão alta que era impossível tirá-la do lugar. O pior era quando a neve começava a derreter e a virar água, voltando a congelar à noite. Formava-se uma fina camada de gelo bem escorregadia. Muitas vezes ela também se quebrava e os estilhaços afiados cortavam as delicadas patas dos cervos até sangrar. Em fevereiro ainda tinha se instalado uma geada [illegible]ra que não cedia havia dias. O [illegible]ava [illegible]pido e ralo como nunca, che[illegible]energia, e emitia sons agudos e [illegible]antava de tanto frio.

Na floresta [illegible]encio, mas coisas horríveis [illegible]acontecer. Um dia, os co[illegible]iram o jovem fi[illegible]ote do coelho [illegible]a doente, e o mataram de f[illegible]. Seus lamentos desesperados ecoaram pela mata durante muito temp[illegible] coelho havia vi[illegible]do e, quando recebeu a triste notícia, não conseg[illegible]formar. Outra vez, [illegible] esquilo apareceu com uma enorme ferida na ga[illegible]to de uma mordid[illegible]e a marta havia lhe dado. O esquilo havia esca[illegible]. Não conseguia falar de tanta dor, mas corria por todos os ga[illegible]s p[illegible]vê-lo. Corria como louco. De tempos em tempos parava, se s[illegible], erguia desesperadamente as patinhas dianteiras e, assustado e agoniado, le[illegible]as à [illegible]eça, enquanto o sangue escorria pelo peito branco. Correu assim [illegible]nte [illegible]a hora, até que escorregou, bateu atordoado nos galhos e caiu na ne[illegible]agonizando. Imediatamente chegaram algumas gralhas para se deleitar co[illegible]eu banquete. Outra vez, a raposa estraçalhou o bonito e forte faisão, mui[illegible]popular e respeitado por todos. Sua morte novamente provocou grande com[illegible]ão e todos sentiram muita pena da viúva inconsolável. A raposa tinha arranc[illegible]o o faisão de uma toca na neve, onde ele acreditava estar bem escondido. N[illegible]uém mais se sentia seguro, porque tudo acontecia à luz do dia. A grande aflição, que parecia não ter fim, espalhava amargura e crueldade. Anulava toda a experiência, minava a consciência, destruía quaisquer bons costumes e acabava com a confiança. Não existia mais piedade, tranquilidade, nem respeito.

– Não dá nem para imaginar que tudo vá melhorar algum dia – suspirava a mãe de Bambi.

– E não dá nem para imaginar que um dia já tenha sido melhor – tia Ena também suspirava.

– Ah, sim – disse Marena, olhando para o nada –, eu penso o tempo todo em como era bom antigamente!

– Ouça – dona Nettla disse para tia Ena. – O seu pequeno está tremendo! – Ela apontou o dedo para Gobo. – Ele sempre treme assim?

– Infelizmente – respondeu tia Ena preocupada –, há vários dias.

– Bem – respondeu dona Nettla daquele seu jeito direto de falar –, fico contente que eu não tenha mais filhos. Se esse pequeno fosse meu, eu teria medo de que não sobrevivesse ao inverno.

As coisas realmente não pareciam muito bem para Gobo. Ele estava fraco, sempre fora mais frágil que Bambi e Falina e também era menor que os dois, mesmo tendo a mesma idade. Mas agora piorava dia após dia. Ele não se dava bem com a alimentação do inverno. Ela lhe provocava dor de barriga. Gobo andava fraco pelo frio e por causa dos enjoos. Tremia sem parar e quase não conseguia ficar em pé. Todos olhavam para ele com pena.

Dona Nettla se aproximou e lhe deu uma palmadinha amigável. – Não fique triste – disse ela, severa –, isso não combina com um pequeno príncipe e também faz mal à saúde. – E se virou para ninguém perceber o quanto tinha ficado comovida.

Ronno, que estava sentado na neve ali perto, levantou-se num pulo: – Eu não sei o que é isso… – murmurou e olhou em volta.

Todos ficaram atentos. – O quê…? – perguntaram.

– Pois é, eu não sei – repetiu Ronno –, mas estou inquieto… de repente fiquei agitado… como se estivesse acontecendo alguma coisa…

Karus examinou o ar. – Não estou sentindo nada de especial – declarou.

Estavam todos em pé, ouvindo e farejando o ar. – Nada! – opinou um. – Não se percebe nada… – opinou outro.

– Mesmo assim! – insistiu Ronno – Vocês podem dizer o que quiserem… está acontecendo alguma coisa…

Marena disse: – Os corvos chamaram…

– Estão chamando outra vez! – acrescentou Falina depressa, mas agora os outros também já tinham ouvido.

– Estão voando! – Karus chamou a atenção dos outros.

Todos olharam para cima. Os corvos voavam em bando por cima do topo das árvores. Vinham da extremidade da floresta, lá de onde sempre se aproximava o perigo, e lá em cima conversavam mal-humorados. Parecia que tinha acontecido alguma coisa especial.

– E então, eu não tinha razão? – perguntou Ronno. – Dá para ver que algo está acontecendo.

– O que devemos fazer? – sussurrou a mãe de Bambi amedrontada.

– Partir imediatamente – insistiu tia Ena nervosa.

– Esperar! – ordenou Ronno.

– Esperar? Com as crianças? – tia Ena retrucou. – Como, se Gobo não consegue correr?

– Está bem – admitiu Ronno –, vá embora com seus filhos. Eu acho inútil, mas não quero ser responsabilizado mais tarde. – Estava sério e contido.

– Venha, Gobo! Falina, venha! Mas sem fazer barulho! Devagar! E sempre atrás de mim – advertiu tia Ena. Ela foi se afastando devagarzinho com os filhotes.

O tempo passou. Estavam imóveis, quietos, apenas ouviam e farejavam.

– É só o que nos faltava – começou dona Nettla –, é só disso que precisávamos além de tudo o que já tivemos que aguentar. – Ela estava com muita raiva, Bambi olhou para ela e percebeu que dona Nettla estava com maus pensamentos.

Nesse instante, as gralhas-azuis saíram voando do mesmo lado da mata espessa de onde os corvos tinham saído, três, quatro ao mesmo tempo. – Prestem atenção, atenção, atenção! – chamavam. Ainda não dava para vê-las, mas se ouvia uma após a outra: “çãoçãoção”. Agora chegavam mais perto, inquietas e assustadas.

“Txixxx”, gritaram os gaios. Barulhentos, soaram o alarme.

De repente, todos os cervos estremeceram ao mesmo tempo. Era como se um raio os tivesse atingido. Estavam todos quietos parados e inspiravam o ar.

Lá estava Ele.

Uma onda de odor invadiu o lugar, impregnada como nunca. Não havia mais dúvida. O cheiro entrou pelas narinas deles e deixou seus sentidos inebriados e os corações estarrecidos.

As gralhas-azuis ainda chamavam, os gaios gritavam acima delas, mas agora tudo estava cheio de vida. As abelheiras zuniam por entre os galhos, centenas de pequenas bolas cheias de penugem estridulavam: “Embora! Embora!”. Melros passavam em voo rasante sobre as árvores com gritos e trinados longos. Através da grade escura dos arbustos pelados, os cervos viam um vaivém bagunçado de finas e pequenas sombras. Eram os faisões. Lá reluzia uma cor vermelha. De fato! Era a raposa. Mas agora ninguém tinha medo dela. Porque ininterruptamente, em largas ondas, vinha esse cheiro horroroso que lhes soprava o pavor para dentro da alma e os unia em um único medo louco e em um único desejo febril de fugir, de se salvar.

Este cheiro misterioso e imperioso impregnava a floresta com tamanha força que logo perceberam que Ele dessa vez não tinha vindo sozinho, mas com todos os seus, e que agora era para valer.

Não se mexeram, observaram os abelheiros que fugiam em voo arrojado, os melros, os esquilos que corriam em saltos apressados de galho em galho; eles

pensavam que, no fundo, todos os pequenos não tinham nada a temer. Apesar disso, entendiam seu impulso de fugir quando sentiam que Ele estava por ali, pois nenhuma criatura da floresta suportava a sua presença.

Agora o amigo coelho vinha pulando devagar, parava, continuava a pular devagar.

– O que foi? – Karus perguntou impaciente.

Mas o amigo coelho olhava feito louco ao redor de si e não conseguia falar nada. Estava transtornado.

– Melhor nem perguntar… – concluiu Ronno sombrio.

O coelho suspirou: – Estamos cercados – disse sem expressão. – Não se consegue sair por lado nenhum. Ele está em todo lugar!

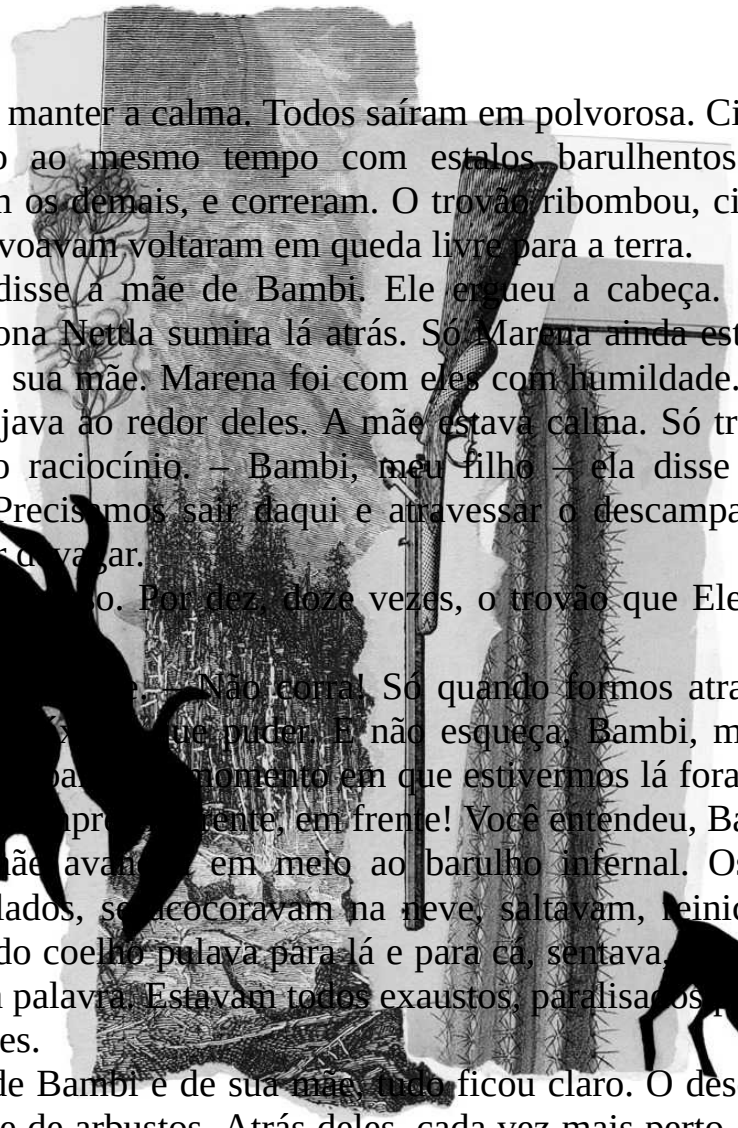
Neste instante eles ouviram a voz Dele. Vinte, trinta vozes gritavam “Hoho! Haha!”. Este grito atordoava mais do que a tempestade e a tormenta juntas. Batia contra os troncos das árvores e chegava a rufar. Era assustador e deprimente. Ouviam-se o rumorejar distante e os estalidos da mata retalhada. Crepitações e guinchos de galhos quebrados.

Ele estava vindo! Ele estava entrando na mata.

Agora, ali atrás soava um apito curto e o largo estalo de asas deflagradas. Lá um faisão se erguia sob os seus passos. Ouviram o bramido da batida das asas do faisão aquietar, lá no alto. Um som cristalino de trovão. Silêncio. E então um baque abafado no chão. – O faisão morreu – disse a mãe de Bambi tremendo. – O primeiro… – acrescentou Ronno. Marena disse: – Alguns de nós vão morrer. Talvez eu esteja entre eles. – Ninguém escutava. O grande pavor tinha chegado.

Bambi tentava raciocinar. Mas o barulho frenético que Ele emitia, mais e mais, rasgava qualquer pensamento. Bambi não escutava nada além desse ruído que o deixava anestesiado e, no meio de tudo isso, da choradeira, da gritaria e do barulho, ouvia as batidas do seu próprio coração. Só sentia curiosidade e nem percebia que estava tremendo todo. De tempos em tempos, sua mãe lhe dizia gritando ao ouvido: – Fique aqui comigo. – Ela gritava, mas na balbúrdia Bambi sentia como se ela estivesse sussurrando. Este “Fique aqui comigo” era uma proteção para ele. Prendia-o como uma corrente. Não fosse por isso, teria saído em disparada, sem pensar. Curiosamente, ele ouvia a mãe bem no exato momento em que estava prestes a perder o controle e a fugir. Olhou ao redor. Tudo formigava de bichos perambulando às cegas, perdidos. Algumas doninhas passavam, parecendo tiras magras e enroscadas que quase não se podiam acompanhar com os olhos. Um tourão escutava atento a qualquer informação que o coelho desesperado dava hesitante. Lá estava a raposa com passos nervosos em meio a um intenso tumulto de faisões. Eles não se importavam com ela, passavam rente ao seu nariz e ela não se importava com eles. Sem se mexer,

o pescoço esticado, as orelhas em pé e o nariz farejando, escutava o intenso barulho se aproximando. Somente o seu rabo se movia, balançando lentamente. Era como se estivesse se esforçando para pensar. Um faisão chegou com pressa. Vinha lá de trás, do lugar mais perigoso, e estava fora de si. – Não é para levantar voo! – gritava para os seus. – Não levantem voo… só corram! Não é para se deixar levar! Ninguém levante voo! Só corram, corram, corram! – Ele repetia sempre a mesma coisa, como se quisesse aconselhar a si próprio. Mas não sabia mais o que estava falando. “Hoho! Haha!”, os gritos pareciam vir bem de perto. – Não é para se deixar levar! – exclamava o faisão. Ao mesmo tempo sua voz se alterou para um choro sibilante, e com estalos barulhentos levantou as asas e voou. Bambi observou como ele voou reto e escarpado por entre as árvores, as asas batendo, brilhando suntuoso em um azul-escuro metálico, o marrom dourado do brilho do seu corpo, maravilhoso como um adorno. A cauda de suas longas penas amortecedoras varria orgulhosa atrás dele. O curto estampido soou afiado. O faisão lá em cima se dobrou, rodopiou como se quisesse alcançar as patas com o bico e caiu pesado. Caiu no meio dos outros e não se mexeu mais.



Ninguém conseguia manter a calma. Todos saíram em polvorosa. Cinco, seis faisões levantaram voo ao mesmo tempo com estalos barulhentos. – Não levantem voo – gritaram os demais, e correram. O trovão ribombou, cinco, seis vezes, e alguns dos que voavam voltaram em queda livre para a terra.

– Agora venha – disse a mãe de Bambi. Ele ergueu a cabeça. Ronno e Karus já tinham ido. Dona Nettla sumira lá atrás. Só Marena ainda estava com eles. Bambi seguiu com sua mãe. Marena foi com eles com humildade. Bramia, rebentava, rugia e trovejava ao redor deles. A mãe estava calma. Só tremia um pouco, mas manteve o raciocínio. – Bambi, meu filho – ela disse –, fique sempre atrás de mim. Precisamos sair daqui e atravessar o descampado. Mas aqui dentro [illegible] devagar.

O rugido [illegible]. Por dez, doze vezes, o trovão que Ele lançava das mãos ribombou.

– Não corra! Só quando formos atravessar o descampado, aí [illegible] que puder. E não esqueça, Bambi, meu filho, não se preocupe com [illegible] momento em que estivermos lá fora. Mesmo que eu caia, não [illegible] em frente! Você entendeu, Bambi?

Passo a passo [illegible] em meio ao barulho infernal. Os faisões corriam para todos os lados, se [illegible] na neve, saltavam, reiniciavam a corrida. Toda a família do coelho pulava para lá e para cá, sentava, [illegible] outra vez. Ninguém dizia uma palavra. Estavam todos exaustos, paralisados [illegible] o medo dos estouros e dos trovões.

De repente, diante de Bambi e de sua mãe, tudo ficou claro. O descampado brilhava através da grade de arbustos. Atrás deles, cada vez mais perto, repicava a batida contra os troncos, afugentadora, o estalo da quebra dos galhos e os gritos “Haha” e “Hoho”!

Naquele momento, o amigo coelho e dois primos passaram apresados por eles em direção à clareira. Bum! Peng! Bang! ribombou o trovão. Bambi viu o primo do coelho dar uma cambalhota macia no meio da corrida e cair deitado com a barriga clara para cima. Estrebuchou um pouco, depois aquietou-se. Bambi ficou estarrecido.

Mas atrás deles chamaram: – Eles estão aqui! Todos precisam fugir!

Extenso rumorejar de asas se abrindo apressadas, sibilos, soluços, zunidos de plumagem, revolteio. Os faisões se ergueram quase ao mesmo tempo em feixes. O ar rebentava de múltiplos trovões e ouvia-se a queda abafada dos alvos atingidos e o tênue sibilar dos que se salvavam.

Bambi ouviu passos e olhou para trás. Lá estava Ele. Por entre os arbustos

Ele saía daqui, de lá e de acolá. De todos os cantos surgia Ele, se debatendo, quebrando os arbustos, chocando-se contra os troncos e gritando com voz terrível.

– Agora! – disse a mãe. – Em frente! E não tão perto de mim! – Então ela deu tamanho salto para fora que a neve pareceu ter virado pó. Em louca correria, Bambi foi atrás dela. Trovões caíam de todos os lados em cima deles. Era como se a terra estivesse sendo partida em dois. Bambi não via nada. Ele corria. O desejo reprimido de escapar dos estrondos, de ficar longe daquela névoa de cheiro excitante, o anseio sufocado de fugir, a vontade de se salvar finalmente irromperam. Ele corria. Pareceu ter visto a mãe cair, mas não sabia se isso tinha realmente acontecido. Sentia seus olhos embaçados pelo medo dos trovões que o cercavam. Não conseguia pensar nem prestar atenção em nada, só corria e corria.

Atravessou o descampado. Um novo bosque o acolheu. Atrás dele ouvia-se novamente a gritaria, mais uma vez o estampido afiado e, acima dele, caíam chuviscos dos galhos como se fossem pedriscos de granizo. E então tudo ficou mais quieto. Bambi corria. Um faisão moribundo estava deitado na neve e batia as asas debilmente. Quando ouviu Bambi chegar, parou com os movimentos convulsivos e sussurrou: – Acabou… – Bambi não prestou atenção nele e continuou a correr. A mata densa em que entrou o forçou a diminuir a corrida e procurar uma trilha. Impaciente, chutava tudo que encontrava pela frente. – Por aqui – alguém chamou com voz fraca. Bambi seguiu involuntário e logo chegou a uma passagem possível. Mas a sua frente alguém se erguia com dificuldade. Era a mulher do coelho. – Você poderia me ajudar? – pediu. Bambi olhou para ela e ficou abalado. As patas traseiras se arrastavam sem vida na neve, que derretia com o calor do sangue quente que gotejava tingindo-a de vermelho. Ela então repetiu: – Você poderia me ajudar? – falava com calma, como se estivesse bem. – Eu não sei o que aconteceu comigo – continuou –, não deve ser nada grave… só que agora… agora não consigo andar… – No meio da frase, caiu para o lado desfalecida. Bambi novamente foi tomado pelo desespero e correu.

– Bambi!

De um golpe Bambi parou. Lá estava algum dos seus. Outra vez ouviu: – Bambi… É você?

Lá estava Gobo desamparado na neve. Sem forças, não conseguia nem mesmo ficar em pé. Deitado meio enterrado, só ergueu a cabeça com dificuldade. Bambi o abordou afobado.

– Onde está sua mãe, Gobo? – perguntou ofegante. – Onde está Falina? – Bambi falava depressa, nervoso e impaciente. O medo fazia seu coração bater acelerado.

– Minha mãe e a Falina precisaram fugir – Gobo respondeu resignado.

Falava baixinho, mas sério e pausadamente como um adulto. – Tiveram de me deixar aqui. Eu caí. Você também precisa ir, Bambi.

– Levante! – Bambi gritou. – Levante, Gobo! Você já descansou o suficiente. Não há mais tempo para isso! Levante! Venha comigo!

– Não, deixe – respondeu Gobo com tranquilidade –, eu não consigo levantar. É impossível. Eu bem que gostaria, Bambi, você sabe, mas estou muito fraco.

– O que vai ser de você? – Bambi pressionou.

– Não sei. É provável que eu morra – Gobo respondeu sem cerimônia.

A gritaria aumentou e chegou perto, em meio a novos trovões. Bambi se assustou. Entre os galhos, um barulho frenético e batidas ligeiras na neve. Num galope rápido surgiu o jovem Karus. – Corra! – gritou ao ver Bambi. – Quem ainda conseguir correr, não pare! – Num instante sumiu e sua fuga impetuosa levou Bambi com ele. Bambi não percebeu que tinha começado a correr outra vez e só depois de um tempo disse: – Adeus, Gobo! – Mas já estava muito longe. Gobo não conseguiria mais escutá-lo.

Correu até tarde na floresta revolvida por barulho e estampidos. Quando escureceu, tudo silenciou. Uma leve brisa também soprou para longe o cheiro detestável que se impregnava por toda parte. Mas Bambi continuou agitado. O primeiro conhecido que encontrou foi Ronno. Ele mancava mais do que nunca.

– Ali atrás no carvalhal – Ronno relatou – a raposa está ardendo em febre. Acabei de passar por ela. É triste ver o sofrimento dela. Fica mordendo a neve e a terra.

– Não viu minha mãe? – perguntou Bambi.

– Não – respondeu Ronno acanhado e foi embora apressado.

À noite Bambi encontrou dona Nettla, que estava com Falina. Ficaram muito contentes, todos os três.

– Você viu minha mãe? – perguntou Bambi.

– Não – retrucou Falina –, eu também não sei onde está a minha.

– Ora – disse dona Nettla animada –, estou muito bem-arranjada! Estava tão contente por não precisar mais cuidar de crianças e agora tenho logo duas de uma vez para olhar. Agradeço muito!

Bambi e Falina riram.

Eles falaram de Gobo. Bambi contou como o tinha encontrado e eles ficaram tão tristes que começaram a chorar. Mas dona Nettla não deixou que chorassem. – O mais importante agora é vocês se preocuparem em achar algo para comer. Isso é um absurdo! O dia inteiro sem comer nada. – Ela os levou a lugares onde ainda havia um pouco de folhagem baixa e não tão ressecada. Dona Nettla era muito bem informada. Ela mesma não tocou em nada, mas mandou Bambi e

Falina comerem muito. Foi limpando lugares com grama na neve e dando ordens: “Aqui… está bom” ou “Não, esperem… logo vamos achar algo melhor”. De quando em quando, ralhava: “Que coisa! Como essas crianças dão trabalho!”.

De repente, viram tia Ena chegar e correram ao encontro dela. – Tia Ena! – chamou Bambi. Ele a viu primeiro. Falina estava fora de si de tanta alegria e pulou em cima dela: – Mãe! – Mas Ena chorava e estava totalmente exausta. – Gobo se foi – lamentou. – Eu o procurei… fui até o cantinho, lá na neve, onde ele caiu… estava vazio… ele se foi… meu pobre pequeno Gobo…

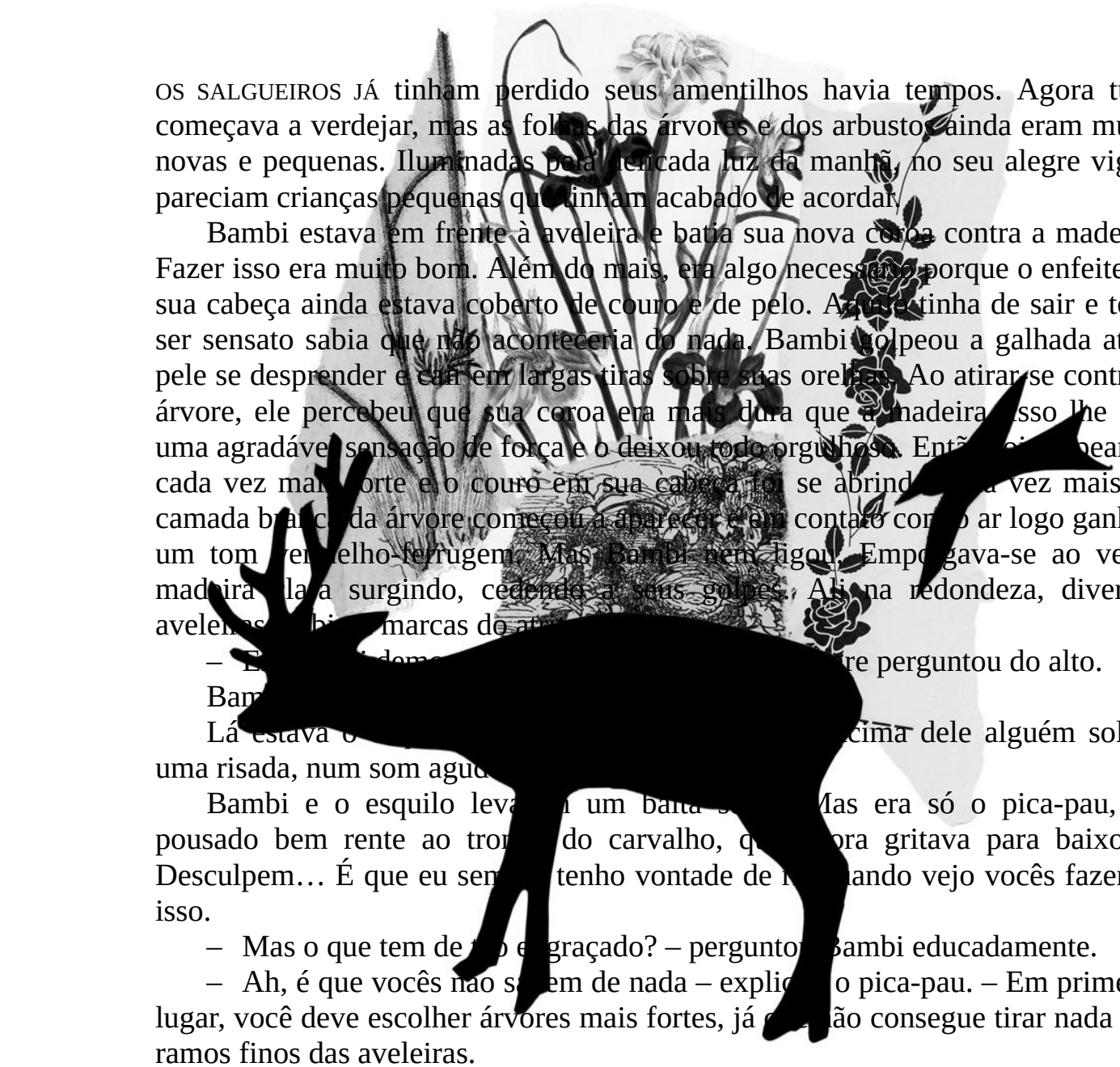
Dona Nettla resmungou: – Devia ter procurado o rasto dele. Teria sido mais inteligente do que chorar.

– Não há rasto dele – disse tia Ena. – Mas… Dele! Ele deixou muitos rastos… Ele esteve do lado de Gobo…

Ficaram em silêncio. Então Bambi perguntou desanimado: – Tia Ena… você viu minha mãe?

– Não – ela respondeu baixinho.

Bambi nunca mais viu sua mãe.



OS SALGUEIROS JÁ tinham perdido seus amentilhos havia tempos. Agora tudo começava a verdejar, mas as folhas das árvores e dos arbustos ainda eram muito novas e pequenas. Iluminadas pela delicada luz da manhã, no seu alegre vigor, pareciam crianças pequenas que tinham acabado de acordar.

Bambi estava em frente à aveleira e batia sua nova coroa contra a madeira. Fazer isso era muito bom. Além do mais, era algo necessário, porque o enfeite da sua cabeça ainda estava coberto de couro e de pelo. Aquele tinha de sair e todo ser sensato sabia que não aconteceria do nada. Bambi golpeou a galhada até a pele se desprender e cair em largas tiras sobre suas orelhas. Ao atirar-se contra a árvore, ele percebeu que sua coroa era mais dura que a madeira. Isso lhe deu uma agradável sensação de força e o deixou todo orgulhoso. Então foi golpeando cada vez mais forte e o couro em sua cabeça foi se abrindo cada vez mais. A camada branca da árvore começou a aparecer e em contato com o ar logo ganhou um tom vermelho-ferrugem. Mas Bambi nem ligou. Empolgava-se ao ver a madeira clara surgindo, cedendo a seus golpes. Ali, na redondeza, diversas aveleiras [illegible] marcas do a[illegible]

– E[illegible]re perguntou do alto.

Bam[illegible]

Lá estava o [illegible]cima dele alguém soltou uma risada, num som agud[illegible]

Bambi e o esquilo leva[illegible]m um baita s[illegible]Mas era só o pica-pau, ali pousado bem rente ao tron[illegible] do carvalho, q[illegible]ora gritava para baixo: – Desculpem… É que eu sem[illegible] tenho vontade de r[illegible]ando vejo vocês fazendo isso.

– Mas o que tem de t[illegible]o e graçado? – perguntou Bambi educadamente.

– Ah, é que vocês não s[illegible]em de nada – explicou o pica-pau. – Em primeiro lugar, você deve escolher árvores mais fortes, já que não consegue tirar nada dos ramos finos das aveleiras.

– Mas o que devo tirar delas? – Bambi quis saber.

– Besouros… – respondeu o pica-pau rindo. – Besouros e larvas… Olha só como se faz! – Ele tamborilava no carvalho. Toque, toque, toque, toque, toque.

O esquilo subiu correndo por um galho e brigou com ele. – Mas o que você está falando? O príncipe não está procurando besouros nem larvas…

– Por que não? – perguntou o pica-pau se divertindo. – São deliciosos… Depois mordeu um besouro, engoliu ele inteirinho e continuou tamborilando.

– Você não consegue entender – disse o esquilo no mesmo tom agressivo –, um ser nobre como ele tem outros motivos muito mais elevados… você nem imagina. Você está sendo ridículo.

– Pois para mim pouco importa – respondeu o pica-pau. – Não ligo a mínima para os motivos muito mais elevados – disse em tom de deboche e saiu voando.

O esquilo desceu correndo.

– Não se lembra de mim? – perguntou com uma carinha divertida.

– Acho que sim – respondeu Bambi com simpatia. – Você mora aí no alto… – disse apontando o carvalho.

– Você está me confundindo com a minha avó – respondeu o esquilo –, bem que eu pensei que você estava me confundindo com ela. Minha avó morava ali no alto quando você ainda era pequeno, príncipe Bambi. Ela me falou muito de você. Sim, mas aí o texugo a matou… faz tempo, no inverno… não se lembra?

– Sim – disse Bambi. – Ouvi dizer.

– Então… e depois dela o meu pai veio morar aqui – continuou o esquilo. Então sentou-se nas patas traseiras e, com as patas dianteiras junto ao peito, prosseguiu. – Mas talvez você esteja me confundindo com o meu pai… Você conheceu o meu pai?

– Sinto muito, mas acho que não tive o prazer – respondeu Bambi.

– Eu imaginei! O meu pai era meio mal-humorado e tímido. Não queria saber de ninguém – disse o esquilo conformado.

– Onde ele está agora? – indagou Bambi.

– Ah, um mês atrás a coruja o atacou e o pegou – disse o esquilo. – Pois é. E agora moro aqui sozinho. Mas eu gosto. Afinal, é o lugar onde nasci.

Bambi se virou para ir embora.

– Espere! – chamou o esquilo rapidamente. – Com toda essa conversa eu nem falei o que queria dizer. Eu queria contar outra coisa.

Bambi parou e perguntou pacientemente: – O quê?

– Pois é… o que era mesmo? – O esquilo se pôs a pensar, deu um salto em pirueta, voltou a cair sentado e, mantendo o equilíbrio com a cauda, olhou para Bambi e continuou. – Sim, agora me lembrei. Eu queria dizer que sua coroa está quase saindo e logo vai estar aí inteirinha. Será muito linda.

– Você acha? – perguntou Bambi animado.

– Maravilhosa! – assegurou o esquilo novamente com as patas junto ao peito. – Você é alto e esbelto! Muito elegante! E sua galhada, longa e clara! É raro de ver!

– Verdade? – perguntou Bambi. Ele ficou tão contente com o que acabara de ouvir que voltou a golpear a aveleira, fazendo com que largas tiras se

soltassem.

Enquanto isso, o esquilo continuava a falar: – Eu lhe digo que são poucos na sua idade que têm uma coroa tão bela quanto a sua. É inacreditável. E pensar que a gente viu você no verão passado… Vi você algumas vezes, de longe… Não pensaria jamais que você é aquele… com aqueles gambitos finos.

Então, Bambi se calou de repente. Depois de um tempo, disse: – Passe bem! Agora tenho de seguir adiante. – E partiu correndo.

Ele não gostava de se lembrar do verão passado. Foi um tempo difícil para ele. Primeiro porque se sentiu completamente abandonado depois do desaparecimento de sua mãe. O inverno tinha sido muito longo, a primavera chegara tímida e demorou até que começasse a verdejar. Se não fosse a dona Nettla, Bambi estaria perdido, mas ela cuidou dele e o ajudou como pôde. Mesmo assim, ele passou bastante tempo sozinho. Sentia muita falta de Gobo, o pobre Gobo, que também estava morto, como os outros. Naqueles tempos, Bambi pensou nele muitas vezes e pela primeira vez se deu conta de como Gobo era bondoso e querido. Raramente via Falina. Ela sempre ficava perto da mãe e, curiosamente, mostrava-se muito tímida. Quando finalmente voltou a fazer calor, Bambi começou a se recuperar. Havia conseguido polir sua primeira coroa e estava orgulhoso por isso. Mas com ela veio uma decepção. Os outros cervos coroados o perseguiam toda vez que o viam. Eles o enxotavam dali cheios de ódio, não toleravam que ele se aproximasse, maltratavam-no tanto que ele acabou sentindo-se tão intimidado e com tanto medo de ser pego que começou a evitar aparecer diante deles. Passava o tempo se esgueirando por caminhos escondidos, muito triste. Assim que os dias foram esquentando e ficando mais ensolarados, Bambi foi invadido por uma intensa inquietação. Cada vez mais, sentia seu coração apertado por uma nostalgia, por uma sensação dolorida, mas ao mesmo tempo prazerosa. Cada vez que encontrava Falina ou alguma amiga dela, era dominado por uma excitação incompreensível. Acontecia também com frequência de ele sentir e reconhecer os rastos delas ou, só de aspirar o ar, saber que estavam por perto. Ele se sentia muito atraído por elas. Mas se ele ia atrás de satisfazer o seu desejo, sempre acabava sofrendo uma desilusão. Ou não encontrava ninguém e depois de muito perambular tinha de admitir que o evitavam, ou, pior ainda, topava com um dos coroados que logo ia para cima dele, batendo, dando cabeçadas e xingando, tocando ele dali. Ronno e Karus eram os piores de todos. Não, aqueles dias não tinham sido nada fáceis.



Agora, por azar, o esquilo fez com que ele se lembrasse daquele tempo. Então, de repente, Bambi enlouqueceu e começou a correr. Assustados, os abelhucos e as garriças saíram dos arbustos em revoada quando Bambi passou por eles e perguntaram agitados: – Quem era aquele? Quem era? – Bambi não ouvia nada. Algumas gralhas-azuis crocitavam nervosas: – Aconteceu alguma coisa? – A gralha-de-bico-vermelho grasnou irritada: – O que houve? – Mas Bambi nem ligou. Acima dele o pirol cantava do alto da árvore: – Bom dia… estou… tão feliz-liz-liz! – Bambi não respondeu. A mata ao redor estava toda iluminada pelos claros raios de sol. Mas Bambi não deu a mínima importância. De repente, ouviu-se um bater de asas estabanadas bem perto de suas patas. Um arco-íris de cores incríveis e cintilantes se abriu diante de seus olhos, fazendo com que parasse, ofuscado. Era Janelo, o faisão, que num susto voou pelos ares porque Bambi quase pisara nele. Janelo se afastou reclamando: – Absurdo! – ralhou com sua voz entrecortada e cacarejante. Bambi permaneceu imóvel só seguindo o faisão com os olhos. – Foi por pouco, mas você foi mesmo irresponsável! – Ouviu-se uma voz suave, cantante, ao seu lado. Era Janelline, a mulher do faisão. – Eu estava sentada no chão, chocando os ovos. Meu marido levou o maior susto – prosseguiu recriminando –, e eu também. Mas eu não posso sair daqui… não posso sair daqui, aconteça o que acontecer… você podia ter matado gelado.

Bambi ficou envergonhado: – Desculpe – gaguejou –, não prestei atenção.

Mais calma, ela respondeu: – Não foi nada. Talvez nem tenha sido tão grave assim. Janelo, meu marido, e eu andamos muito nervosos ultimamente. Sabe como é…

Mas Bambi não estava entendendo nada e, por isso, seguiu adiante. Agora estava mais tranquilo. A floresta cantava ao redor. A luz do sol já brilhava dourada e quente por entre os arbustos, as ervas no chão e o vapor úmido da terra exalavam uma fragrância. A força e o vigor pareciam correr em suas veias e alcançar todos os seus membros, fazendo com que caminhasse com movimentos indecisos, rígidos, como se fosse algo artificial.

Aproximou-se de um pequeno sabugueiro e, erguendo bem alto os joelhos das patas dianteiras, começou a surrar o solo com toda força, chegando a levantar nacos de terra. Seu casco pontiagudo cortava a grama. As ervilhas selvagens, as ervas liliáceas, as violetas e as campainhas brancas eram insistentemente arrancadas por Bambi, até surgir uma terra roçada diante dele. Os golpes tinham um som abafado.

Duas toupeiras que estavam cavando entre as raízes entrelaçadas de um

velho arbusto de alfena levantaram a cabeça alarmadas e avistaram Bambi: – Mas o que ele está fazendo? Que ridículo… – cochichou uma. – Não dá para cavar desse jeito…

A outra torceu o nariz fazendo careta e comentou: – Ele não tem noção… a gente logo vê… é isso que acontece quando alguém se mete a fazer coisas que não entende.

Foi quando Bambi parou de repente, ergueu a cabeça, aguçou os ouvidos e espiou por entre os galhos. Ali avistou uma mancha vermelha no meio da folhagem e as pontas cintilantes de uma coroa. Bufou. Quem quer que estivesse se esgueirando por ali, Ronno ou Karus, ou qualquer outro, ele já não se importava. Bambi resolveu ir para cima. "Vou mostrar que não tenho mais medo!", pensou, sentindo-se encorajado, "vou ensinar a esse sujeito que quem tem de ser temido sou eu!"

Os arbustos farfalhavam com a fúria de sua aproximação, os galhos estalavam e se quebravam. E lá estava o outro diante dele. Não conseguia reconhecê-lo, porque seus olhos estavam embaralhando tudo. Ele não pensava em outra coisa senão atacar! Com a galhada abaixada, acelerou. Toda sua força estava concentrada nos ombros e na nuca, preparados para o choque. Ele já sentia o cheiro do pelo do adversário, já não via mais nada além da parede vermelha de seu flanco. Foi quando o outro se esquivou num giro bem ligeiro e Bambi, sem encontrar a resistência esperada, seguiu em frente e não acertou nada além de ar. Com o impulso, perdeu o equilíbrio e quase caiu no chão. Então cambaleou, recuperou a estabilidade e se preparou para nova investida.

Mas nesse momento reconheceu o velho príncipe.

Bambi ficou surpreso a ponto de perder o controle. Estava constrangido, tinha vontade de simplesmente fugir correndo dali. Mas também sentia vergonha de ficar ali parado. Não se mexia.

– Tudo bem…? – perguntou o velho com muita calma, em voz baixa. Sua voz era agradável e bondosa e alcançou fundo o coração de Bambi. Bambi não disse nada.

O velho repetiu: – Tudo bem…?

– Eu pensei… – balbuciou Bambi – … eu… pensei… Ronno… ou… – Depois calou-se e arriscou olhar para o velho. Aquilo o deixou ainda mais atordoado.

Lá estava o velho sem se mover, imponente. Sua cabeça agora estava toda branca e seus fundos olhos escuros brilhavam.

– Por que parou de me atacar…? – perguntou o velho.

Bambi olhou para ele, sacudido por um entusiasmo curioso e um misterioso terror. Ele queria gritar: "Porque eu gosto muito do senhor!", mas respondeu: –

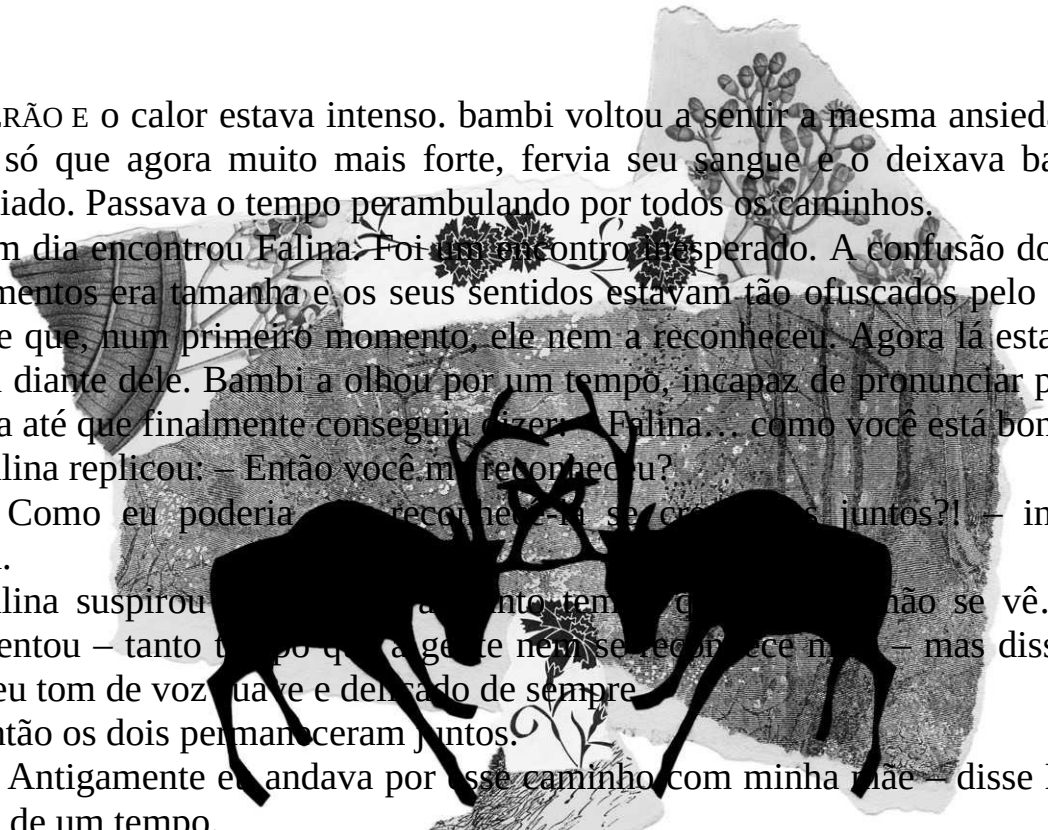
Eu não sei…

O velho olhou para ele: – Faz tempo que não vejo você. Você cresceu e ficou grande e forte.

Bambi não disse nada. Ele tremia de alegria.

O velho continuou observando-o satisfeito. Depois aproximou-se inesperadamente de Bambi, que levou o maior susto, e disse: – Comporte-se com bravura.

Em seguida virou-se e, no instante seguinte, desapareceu. Bambi ainda ficou por um tempo parado ali, sem se mover.



ERA VERÃO E o calor estava intenso. bambi voltou a sentir a mesma ansiedade de antes, só que agora muito mais forte, fervia seu sangue e o deixava bastante angustiado. Passava o tempo perambulando por todos os caminhos.

Um dia encontrou Falina. Foi um encontro inesperado. A confusão dos seus pensamentos era tamanha e os seus sentidos estavam tão ofuscados pelo desejo ardente que, num primeiro momento, ele nem a reconheceu. Agora lá estava ela parada diante dele. Bambi a olhou por um tempo, incapaz de pronunciar palavra alguma até que finalmente conseguiu dizer: – Falina… como você está bonita.

Falina replicou: – Então você me reconheceu?

– Como eu poderia não reconhecê-la se crescemos juntos?! – indagou Bambi.

Falina suspirou – Há tanto tempo que não se vê… – e acrescentou – tanto tempo que a gente nem se reconhece mais – mas disse isso com seu tom de voz suave e delicado de sempre.

Então os dois permaneceram juntos.

– Antigamente eu andava por esse caminho com minha mãe – disse Bambi depois de um tempo.

– Ele leva ao campo – disse Falina.

– Foi naquele campo que eu vi você pela primeira vez – recordou Bambi um tanto solene –, lembra?

– Lembro, sim – respondeu Falina. – Eu e o Gobo. – Ela então suspirou de leve. –Pobre Gobo.

– Pobre Gobo – Bambi repetiu.

Assim começaram a se lembrar dos velhos tempos e não paravam de perguntar: “Lembra?”. Eles ainda se lembravam de tudo e ambos ficaram muito felizes por isso.

– Ali no campo a gente brincava de pega-pega… lembra? – perguntou Bambi.

– Sim, acho que era assim… – disse Falina e, de um salto, se pôs a correr pelo campo. Bambi ficou um tempinho parado olhando, mas logo disparou atrás dela. – Espere! Espere aí! – ele gritava feliz.

– Não espero não, estou com pressa – respondia Falina enquanto corria sem parar em círculos. Finalmente Bambi a alcançou e bloqueou a passagem dela, agora os dois estavam lado a lado. Eles riram de satisfação.

Mas, de repente, Falina deu um salto para o alto, como se tivesse sido

espetada pelo ferrão de algum bicho, e voltou a correr. Bambi seguiu atrás dela. Falina fazia curvas e curvas, desviava e dava meia-volta.

– Para, para, eu quero perguntar uma coisa para você – disse Bambi resfolegante.

Falina parou e perguntou curiosa: – O que você quer perguntar?

Bambi permaneceu calado.

– Ah, então você está querendo me enganar… – disse Falina, já se preparando para voltar a correr.

– Não – retrucou Bambi rapidamente. – Fique parada… eu quero… eu quero perguntar… você me ama, Falina?

Ela olhou para ele, ainda mais curiosa do que antes e respondeu um pouco hesitante: – Eu não sei.

– Mas você tem de saber! – insistiu Bambi. – Eu sei, eu sinto bem forte, no fundo do coração eu sinto que amo você, Falina. Então agora me diz se você me ama também.

– Pode ser que eu ame você – respondeu ela tentando se esquivar.

– Então você vai ficar comigo? – Bambi perguntou emocionado.

– Se você me pedir… – Falina disse contente.

– Eu peço, Falina! Amada e bela Falina – exclamou Bambi fora de si –, você está ouvindo? Eu peço do fundo do meu coração!

– Então eu fico com você! – Falina respondeu com meiguice.

Encantado, Bambi voltou a correr atrás dela alegremente. Falina varreu o campo em disparada, fez meia-volta e desapareceu na mata. Mas quando Bambi também foi dar meia-volta para ir atrás dela, ouviu um barulho na folhagem e Karus apareceu na sua frente. – Alto lá! – gritou ele. Bambi não lhe deu atenção. Estava muito ocupado com Falina. – Sai da frente – disse apressado. – Não tenho tempo para você!

– Dê o fora daqui – ordenou Karus enfurecido. – Imediatamente! Se não cair fora, vou caçar você até que o ar dos seus pulmões se esgote! Eu proíbo você de correr atrás de Falina!

Aos poucos Bambi foi se recordando do verão passado, quando tinha sido caçado e expulso tantas vezes dali. No mesmo instante a raiva lhe subiu à cabeça e, sem dizer nada, foi para cima de Karus com a coroa abaixada.

A pancada foi inevitável e Karus caiu no chão, onde ficou deitado sem entender bem o que tinha acontecido.

Karus se levantou o mais rápido que pôde, mas ainda não havia terminado de se equilibrar nas patas quando levou o segundo golpe, que o fez tombar novamente.

– Bambi… Bam… – ele tentou chamar, mas um terceiro golpe o atingiu no

peito sufocando-o de dor.

Karus saltou para o lado para se esquivar de uma nova investida de Bambi. De repente, ele se sentiu muito fraco. Percebeu que era uma luta de vida ou morte. Então foi tomado por um temor frio. Tentou fugir dali, mas no silêncio de Bambi, que corria atrás dele sem dar trégua, Karus reconheceu que ele estava furioso e determinado a matá-lo. Então não pensou em mais nada e, reunindo todas as forças que lhe restavam, fugiu saltando para fora do caminho e se embrenhou no meio da mata, na esperança de obter piedade ou salvação.

Bambi, por sua vez, parou de correr de repente. Karus nem se deu conta disso e continuou fugindo apavorado, em disparada entre os arbustos.

Bambi parou porque escutou o berro agudo de Falina. Ele prestou atenção e ouviu de novo um grito amedrontado, sofrido. No mesmo instante, ele se virou e voltou para trás como uma flecha.

Quando chegou no campo viu Falina correndo para dentro da mata, perseguida por Ronno.

– Ronno! – berrou Bambi. Ele não percebera que o tinham chamado.

Ronno, que não conseguia correr tão bem por causa da sua pata machucada, parou.

– Vejam só – disse ele com arrogância –, o pequeno Bambi! Quer alguma coisa comigo?

– Sim – disse Bambi calmamente, embora sua voz contivesse força e estivesse alterada por uma raiva reprimida –, quero que você deixe a Falina em paz e dê o fora daqui agora!

– Mais alguma coisa? – provocou Ronno, debochando. – Que atrevido… por essa eu não esperava.

– Ronno – respondeu Bambi com voz ainda mais baixa –, digo isso pelo seu bem. Porque se você não sair daqui agora mesmo, garanto que não vai mais conseguir correr com suas patas…

– Nossa! – desafiou Ronno – Mas isso é jeito de falar comigo? Só porque eu manco? Nem se nota. Ou por acaso está achando que tenho medo de você, só porque Karus foi covarde e fugiu? Pois eu aconselho você a…

– Não, Ronno – interrompeu Bambi –, sou eu quem está dando conselhos aqui. Cai fora! – sua voz tremia. – Eu sempre gostei de você, Ronno. Sempre achei você inteligente e sempre o respeitei por ser mais velho. Eu vou dizer pela última vez: cai fora… estou perdendo a paciência!

– Que pena que a sua paciência é tão curta – desdenhou Ronno. – Pena para você, pirralho. Mas fique tranquilo porque vou acabar com você num instante. Você não vai precisar esperar muito. Ou por acaso esqueceu quantas vezes eu o persegui e pus você para correr?

Ao se lembrar disso, Bambi não quis ouvir mais nada. Nada podia contê-lo. Como um louco, partiu para cima de Ronno, que o recebeu com a cabeça abaixada para o ataque. O choque entre os dois provocou um estrondo. Ronno permaneceu firme, mas estranhou que Bambi não tivesse desistido. O ataque surpresa também o desconcertou, pois não esperava que Bambi atacasse primeiro. Sentiu a força de Bambi com desconforto e percebeu que não seria fácil. Pensou em usar sua malícia e, assim, quando os dois estavam frente a frente, testa a testa, deixou de fazer força de repente na intenção de que Bambi se desequilibrasse e caísse.

Mas Bambi ficou em pé nas patas traseiras e, com força dobrada, atirou seu corpo em cima de Ronno antes que este tivesse tido tempo de se firmar novamente para conter o ataque. A ponta da galhada de Ronno se quebrou num estalo agudo. Ronno começou a ver estrelas brilhantes e pensou que tinha quebrado a testa, pois um som ensurdecedor zunia em seus ouvidos. No instante seguinte, outra investida feriu seu ombro. Começou a sentir falta de ar e caiu no chão enquanto Bambi pisava sobre ele, assumindo a posição de vencedor.

– Me solta – suplicou Ronno.

Bambi, porém, estava transtornado e não parava de bater. Sua vista estava embaçada. Parecia que não ia parar jamais.

– Por favor… pare – implorou Ronno gemendo –, você sabe que sou manco… eu só estava brincando… pare, por favor… você não sabe brincar?

Bambi então parou, sem dizer nada. Ronno teve muita dificuldade para se levantar. Sangrava e cambaleava sobre as patas. Ferido, foi se afastando lentamente, em silêncio.

Bambi seguiu em direção à floresta atrás de Falina. Ela logo saltou ao encontro dele. Tinha se escondido atrás de um arbusto na entrada da mata, de onde viu tudo. – Parabéns, você foi muito corajoso – disse rindo, e emendou. – Eu gosto de você.

Os dois saíram caminhando muito felizes.

UM DIA BAMBI e falina foram ao fundo da floresta procurar a pequena clareira onde Bambi havia encontrado o velho cervo da última vez. Entusiasmado, Bambi contou sobre ele para Falina.

– Talvez a gente o encontre outra vez. Estou com saudade.

– Seria bom – concordou Falina, – eu bem que gostaria de conversar com ele ao menos uma vez. – Mas ela não estava sendo sincera. A verdade é que estava curiosa, mas no fundo morria medo do velho.

Estava amanhecendo e o sol já ia nascer.

Eles andavam lado a lado em silêncio, entre arbustos e moitas, escolhendo caminhos por onde a mata não fosse tão densa, em que a folhagem permitisse enxergar um pouco adiante, em todas as direções. De repente, ouviram um ruído bem próximo a eles. Pararam e ficaram de vigília. Ali adiante estava um alce, movendo-se majestoso entre os arbustos, com passos lentos, em direção à clareira. Sua sombra parecia a de um gi[illegible] razão da pouca luz do horário, ainda sem cores.

Sem querer, Falina d[illegible]ambi se [illegible] que também estava assustado, mas [illegible] na garganta [illegible]a soava tão assustada que ele teve d[illegible]a fa[illegible]

– O que foi? – p[illegible]gunt[illegible] preo[illegible]pado com a vo[illegible]êmul[illegible] – [illegible]e foi? Ele não vai te fazer mal.

Mas Falina não parava de berrar.

– Calma, não fique tão nervosa, querida – pedia Bambi. – É ridículo a gente sentir medo toda vez que vê um alce. Afinal, somos parentes.

Mas Falina não queria saber de parentesco algum. Estava ali parada, dura feito uma pedra, olhando aterrorizada para o alce, que seguia seu caminho despreocupado. Falina berrava e berrava.

– Calma, Falina – pediu Bambi –, o que ele vai pensar de nós?

Mas Falina estava inconsolável: – Ele que pense o que quiser – dizia, e então berrava. – Ba-oh! Ba-oh!… Como pode ser grande desse jeito?

E continuava a gritar: – Ba-oh! Me deixa… não consigo parar! Não consigo. Ba-oh! Ba-oh!

O alce agora estava na pequena clareira, tratando de matar sua fome com ervas e grama.

Bambi, já bem mais calmo, olhava para Falina e depois para o alce. Ao tentar acalmar Falina, ele mesmo se acalmara e superara o medo. Assim

começou a se recuperar do péssimo estado de nervos que ficava toda vez que via um alce. Sempre era torturado por um sentimento estranho, um misto de terror e excitação, admiração e submissão.

– Mas que bobagem – disse ele a si mesmo decidido. – Vou até lá me apresentar a ele.

– Não faça isso – aconselhou Falina –, não faça isso. Ba-oh! Vai acontecer uma desgraça. Ba-oh!

– Vou fazer, sim – revidou Bambi. O alce, que estava ali pastando sossegado e nem dava a mínima importância ao chororô de Falina, parecia ser bem arrogante. – Eu vou lá! Fique calma! Você vai ver como não vai acontecer nada! Espere aqui – avisou Bambi.

E foi. Mas Falina não ficou esperando para ver. Não estava com a mínima vontade nem com coragem para esperar. Então ela simplesmente deu meia-volta e saiu correndo aos berros. Isso lhe parecia a melhor coisa a fazer. Dava para ouvir seus berros se afastando cada vez mais, “Ba-oh! Ba-oh!”.

Bambi gostaria de ter ido atrás dela. Mas, àquela altura, já não era mais possível. Reuniu forças e seguiu em frente. Por entre os arbustos ele via o alce, no descampado, com a cabeça afundada para comer capim. Bambi sentia o coração batendo forte. O alce então levantou a cabeça e olhou para o lado em que ele estava. Seu olhar parecia distante, distraído.

Bambi achou o modo como o alce olhou para ele muito arrogante. Era como se Bambi não estivesse ali, como se não existisse.

Ele não sabia bem o que fazer. Tinha ido até lá decidido a falar com o alce, com a intenção de se apresentar, de dizer: “Bom dia… meu nome é Bambi… gostaria de saber o seu glorioso nome, por favor”.

Isso mesmo! Era isso que ele imaginara e agora via que não era tão simples assim. De que adiantava a melhor das intenções? Bambi não queria ser mal-educado e achava que seria caso saísse de lá sem dizer uma palavra. Também não queria parecer intrometido e, se começasse a falar, pareceria.

O majestoso alce permanecia inabalado em sua imponência. Sua presença fazia Bambi sentir-se extasiado, mas também um pouco inferior. Tratou de levantar o estado de espírito repetindo a pergunta: “Por que vou me deixar intimidar…? Afinal sou como ele… sou como ele!”.

Não adiantava. Bambi continuou intimidado e, no fundo da alma, sentia que não era como ele. Nem de longe. Sentia-se péssimo e precisou reunir forças para manter a compostura.

O alce, por sua vez, olhava para ele e pensava: “Como é encantador… como é belo… tão delicado… tem os gestos tão elegantes… Mas eu não posso olhar para ele desse jeito. Se eu o ficar encarando, ele pode se sentir constrangido”.

E novamente o alce olhou para o vazio, para além de Bambi.

“Esse olhar arrogante”, pensou Bambi, “é insuportável! Quem ele pensa que é?”

Enquanto isso o alce pensava: “Eu bem que gostaria de falar com ele… parece tão simpático… que pena que a gente nunca conversa!”, e voltava a olhar para longe, pensativo.

Bambi pensava: “Sou invisível para ele! Ele acha que é o único ser da Terra”.

“Mas vou dizer o quê…?”, pensava o alce, “… não estou habituado a conversar… vou acabar dizendo uma bobagem e ele vai pensar que sou ridículo… sim, porque ele deve ser muito inteligente.”

Bambi tomou coragem e encarou o alce firmemente. “Como é esplêndido!”, pensou desanimado.

“Quem sabe uma próxima vez…”, decidiu o alce, e foi se afastando, descontente e belo.

Bambi ficou para trás, desolado.



A FLORESTA SOLTAVA vapores quentes de umidade. ao subir, o sol bebera todas as nuvens, até a menor delas, e agora resplandecia absoluto na imensidão azul do céu, que parecia empalidecer de tanto calor. Sobre o campo e as copas das árvores, o ar vibrava em ondas transparentes, como se fosse uma chama de fogo. Nenhuma folha se mexia, nenhum capim. Calados, os pássaros se escondiam na sombra das folhagens e não saíam do lugar. Todas as vias e caminhos da floresta estavam vazios, nenhum animal se encorajava a sair a céu aberto. Como que paralisada, a floresta permanecia imóvel sob a luz escaldante. A terra, as árvores, os arbustos e os animais respiravam com dificuldade, por conta do calor intenso. Bambi dormia.

Tinha passado a noite com Falina e se divertido com ela até o amanhecer. De tanta euforia, até se esqueceram de comer. Mas agora estava tão cansado que nem sentia fome. Seus olhos pesavam e queriam fechar por vontade própria. Então, deitou-se [illegible] meio do mato. O cheiro amargo e forte do zimbro [illegible] aroma penetrante do broto de louro inebriou-o [illegible] e devolveram-lhe as energias.

Dormiu [illegible] despertou num susto. Será que Falina estava chamando? O [illegible] ao calor. Lembrava que a última vez que a vira tinha sido um pouco antes de se deitar para descansar. Ela estava junto ao espinheiro branco, mordiscando umas folhinhas. Achou que Falina tivesse ficado ali, mas ela havia se afastado. Bambi então pensou que ela estava cansada de ficar sozinha e por isso havia resolvido chamá-lo.

Enquanto Bambi tentava ouvir de onde vinha o chamado, ele se perguntava por quanto tempo dormira e por quantas vezes Falina gritara. Não sabia ao certo. Sua cabeça ainda estava zonza, embriagada pelo sono.

Falina chamou novamente. Bambi deu um salto em direção ao som. De novo! E num instante, Bambi ficou alerta. Sentia-se muito bem, com as forças renovadas, descansado e com um apetite de leão.

Então novo chamado, agora bem alto, claro como o gorjeio de um passarinho, melancólico e terno: – Vem…vem…

Sim, era a voz dela! Era Falina! Bambi correu tão rápido ao encontro dela que os galhos das moitas estalaram e as folhas verdes e quentes assobiaram quando ele passou.

Mas no meio de um salto ele teve de parar e se jogar para o lado. O velho cervo estava parado no meio do caminho impedindo a passagem.

Bambi, porém, estava tomado pelo amor. Naquele momento o velho não lhe interessava. Afinal, qualquer hora dessas eles acabariam se encontrando. Agora ele não tinha tempo para o velho cervo, por mais nobre que ele fosse. Só conseguia pensar em Falina.

Por isso saudou o velho rapidamente e tratou de seguir correndo.

– Aonde você vai? – perguntou o velho com seriedade.

Bambi se sentiu um pouco envergonhado, tentou inventar uma desculpa, mas acabou confessando: – Vou atrás dela.

– Não vá! – disse o velho.

Por um segundo Bambi foi invadido por um sentimento de ódio. Não ir atrás de Falina? Como o velho podia pedir uma coisa dessas? Bambi pensou: "Vou sair correndo e pronto". Então lançou um olhar furtivo para o velho. Seus olhos encontraram o olhar profundo dele e então não conseguiu mais sair dali. Tremia impaciente, mas não conseguia ir embora.

– Ela está me chamando… – explicou ele. O tom de sua voz era de alguém que pedia "por favor, não me segure aqui".

– Não – disse o velho –, ela não está chamando você.

O chamado voltou a ser ouvido, parecia um passarinho: – Vem.

– O senhor não ouviu? – disse Bambi nervoso.

– Ouvi – concordou o velho.

– Então até logo… – emendou Bambi apressado. Mas o velho insistia: – Fique!

– O que o senhor está querendo? – Bambi gritou descontrolado. – Deixe-me ir! Não tenho tempo! Por favor… a Falina está chamando… o senhor tem de concordar comigo…

– Estou dizendo! – disse o velho. – Não é a Falina!

Bambi estava desesperado: – Mas… eu conheço bem a voz dela…

– Ouça o que eu vou dizer – insistiu o velho.

O chão ardia sob as patas de Bambi.

– Depois! Eu volto – pediu.

– Não! – disse o velho entristecido. – Você não vai voltar. Nunca mais.

Novo chamado.

– Preciso ir! Preciso ir! – continuou Bambi prestes a perder a cabeça.

– Está certo – concordou o velho –, então nós vamos juntos.

– Mas rápido! – disse Bambi, e saiu pulando.

– Não… devagar! – ordenou o velho, com uma voz que fez Bambi obedecer. – Você fica atrás de mim… daremos um passo por vez.

O velho então começou a andar. Bambi seguia atrás, suspirando impaciente.

– Ouça bem – disse o velho sem parar de caminhar. – Não importa quantas

vezes você ouvir o chamado, não saia do meu lado. Mesmo se for Falina, nós saberemos logo. Mas não é Falina. Não se deixe enganar. Agora tudo vai depender se você confia ou não em mim.

Bambi não se opôs e se rendeu ao velho em silêncio.

O velho avançava lentamente, e Bambi o seguia. Nossa, como o velho sabia se mover pelos caminhos! Quando suas patas tocavam o chão, não se ouvia nenhum ruído. Nenhuma folha se mexia. Ele deslizava pela mata se esgueirando entre os arbustos mais densos. Bambi se surpreendeu e, apesar da pressa, não pôde deixar de admirar a habilidade do velho. Jamais pensou que fosse possível andar assim.

Os chamados continuavam.

O velho parava, aguçava os ouvidos e acenava com a cabeça.

Bambi não entendia nada. Caminhava atrás do velho sacudido pela saudade e sofrendo por não poder seguir seu ímpeto incontrolável de correr em direção ao chamado. Às vezes, o velho parava sem que Bambi tivesse escutado o chamado, erguia a cabeça, ouvia e acenava. Bambi não ouvia nada. O velho mudou de rumo para contornar o lugar de onde vinha o som, o que deixou Bambi furioso.

Os chamados continuavam.

Finalmente chegaram cada vez mais perto.

O velho sussurrou: – O que quer que você veja, não se mexa, entendeu? Preste atenção em tudo o que eu fizer e faça exatamente o mesmo… Tenha cuidado! E não perca o foco!

Mais alguns passos… e, de repente, aquele cheiro forte e impressionante que Bambi conhecia tão bem alcançou suas narinas. Foi tão intenso que Bambi quase soltou um berro. Mas ficou parado como que cravado por um prego. Naquele momento seu coração batia tão forte que parecia querer sair pela boca.

Ao lado dele, o velho mantinha-se sereno. Seus olhos apontavam numa direção: lá.

Lá onde Ele estava!

Ele estava bem perto deles, apoiado no tronco de um carvalho, encoberto pela folhagem da amendoeira, chamando: – Vem…vem…

Só dava para ver suas costas. O rosto, às vezes, quando Ele se virava para o lado.

Bambi estava tão atordoado, tão transtornado que demorou a entender que Ele estava ali, que era Ele que estava imitando o chamado de Falina. Era Ele que assobiava: – Vem… vem!

Bambi sentiu um frio na barriga que alcançou todos os seus membros. A ideia de fugir dali correndo dominava seu coração.

– Fique parado! – sussurrou o velho, assim que percebeu o que se passava com Bambi e ao mesmo tempo querendo reprimir um grito de terror. Bambi conseguiu se conter.

Apesar de estar apavorado, Bambi achou que o velho olhava para ele com um leve ar de deboche. Mas o olhar logo mudou e sua expressão ficou séria e bondosa.

Bambi apertou os olhos para espiar onde Ele estava e sentiu que não conseguiria suportar essa proximidade por muito tempo.

Como se tivesse adivinhado seus pensamentos o velho disse: – Vamos… – e os dois bateram em retirada no mesmo instante.

Saíram dali com todo cuidado. O velho seguia ziguezagueando por caminhos estranhos e Bambi não entendia o sentido daquilo. Mesmo assim, ele o seguia a passos lentos, mas agora se esforçava para não perder a paciência. Se chegara até ali atraído pelo chamado de Falina, agora era o pavor que percorria suas veias, fazendo com que quisesse correr dali o mais rápido que conseguisse.

Mas o velho só avançava lentamente, ficava parado, ouvia e voltava a andar ziguezagueando, parava de novo, continuava bem devagar, devagar até demais.

Já deveriam estar longe do perigo, pensou.

“Se ele parou, significa que podemos voltar a falar e eu vou aproveitar para agradecer.”

Quando Bambi se virou, viu o velho se embrenhar numa mata muito densa e emaranhada de magnólias e desaparecer. Nenhuma folha se mexeu, nenhum graveto estalou quando o velho entrou ali.

Bambi o seguia e se esforçava para também não fazer barulho, tentando não emitir ruído algum com a mesma habilidade extraordinária do velho. Mas não teve sorte. As folhas zuniam suavemente e os galhos que roçavam seus flancos estacavam, produzindo um som vibrante quando perdiam o contato com seu corpo. Galhos secos e gravetos se quebravam contra seu peito.

“Ele salvou minha vida. O que vou dizer a ele?”, pensava.

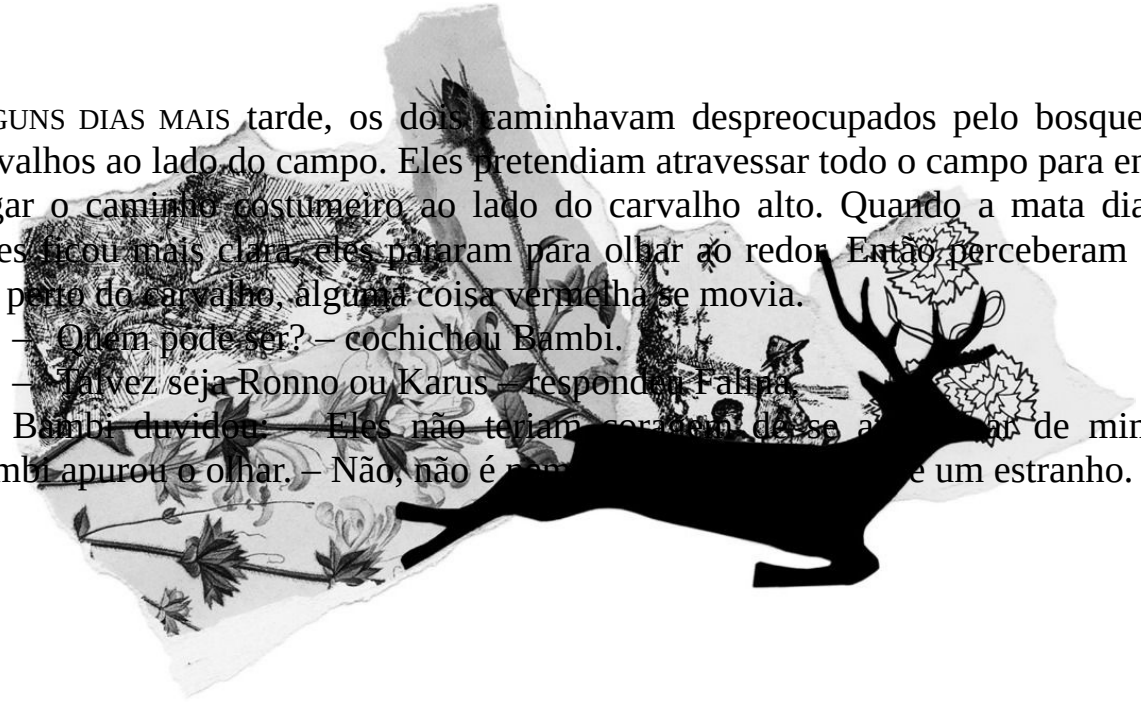
Mas não havia mais sinal do velho. Bambi saiu do arbusto bem devagar, deparou-se com uma selva de solidagos amarelos em flor, ergueu a cabeça e olhou ao redor. Até onde sua vista alcançava, nenhum talo se movia. Estava sozinho.

Livre do controle, seu impulso de fugir dali o mais rápido que podia acendeu.

As plantas se partiam debaixo dos seus largos saltos, como se fossem cortadas com a foice.

Depois de muito vagar, encontrou Falina. Estava sem fôlego, mas muito feliz e agitado.

– Por favor, minha amada, eu lhe peço… nunca me chame quando eu não estiver por perto… não me chame jamais! Vamos andar até a gente se encontrar… mas nunca me chame… porque eu não consigo resistir ao seu chamado.



ALGUNS DIAS MAIS tarde, os dois caminhavam despreocupados pelo bosque de carvalhos ao lado do campo. Eles pretendiam atravessar todo o campo para então pegar o caminho costumeiro ao lado do carvalho alto. Quando a mata diante deles ficou mais clara, eles pararam para olhar ao redor. Então perceberam que ali, perto do carvalho, alguma coisa vermelha se movia.

– Quem pode ser? – cochichou Bambi.

– Talvez seja Ronno ou Karus – respondeu Falina.

Bambi duvidou: – Eles não teriam coragem de se aproximar de mim – Bambi apurou o olhar. – Não, não é nem um pouco parecido com um estranho.

Falina confirmou, surpresa e curiosa: – É mesmo um desconhecido… agora estou vendo… quem será?

Eles observavam.

– Mas como ele não tem noção – comentou Falina.

– Um tonto – disse Bambi. – Um bobão! Parece uma criancinha. Age como se o perigo não existisse!

– Vamos até lá – sugeriu Falina. Ela estava muito curiosa.

– Certo, vamos… tenho de ver essa criatura mais de perto – concordou Bambi.

Depois de darem alguns passos, Falina parou: – Mas e se ele começar a brigar co[illegible] Ele é forte…

– Bah! – [illegible] fez uma careta, desdenhando. – Olha o tamanhinho da [illegible] vou ter medo? Ele é gordo e barrigudo, isso sim[illegible]forte? Acho que não. Vamos…

E seguiram em [illegible]

Do outro lado, o desconhecido estava muito entretido em se alimentar do capim e só percebeu a presença deles quando já estavam bem próximos, no meio do campo. Então ele levantou a cabeça e foi correndo ao encontro deles. Daí começou a dar uns saltos animados e brincalhões que lembravam os de um filhote. Bambi e Falina ficaram ali parados, perplexos com o que estavam vendo. Agora ele estava só a uns passos de distância. Então ele também parou e não se moveu mais.

Depois de um tempo, ele arriscou perguntar: – Vocês não estão me reconhecendo?

Bambi havia abaixado a cabeça e estava em posição de ataque.

– Você conhece a gente? – retrucou.

O outro o interrompeu alegremente dizendo: – Bambi!

Bambi se surpreendeu ao ouvir seu nome. Enquanto tentava reconhecer aquela voz que trazia alguma lembrança boa, Falina já havia corrido ao encontro dele.

– Gobo! – gritou ela, e se calou. Ficou ali parada sem se mover ou falar. Estava sem fôlego.

– Falina… – disse Gobo em voz baixa. – Falina… minha irmã… então você me reconheceu… – Depois se aproximou dela e beijou seu focinho. De repente, as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. Falina também chorava e não

conseguia falar.

– É mesmo… Gobo… – disse Bambi. Sua voz tremia e ele estava muito nervoso, profundamente tocado pela emoção. – Gobo… você não está morto?

Gobo caiu na risada. – Você não está vendo… acho que olhando pra mim dá pra perceber que não estou morto.

– Mas… o que aconteceu aquele dia, na neve? – perguntou Bambi.

– Então… aquele dia – respondeu Gogo ressabiado –, aquele dia Ele me salvou.

– E por onde você andou esse tempo todo? – Falina perguntou assombrada.

Gobo respondeu: – Com Ele… esse tempo todo…

Então se calou e achou graça quando viu as caras de espanto de Falina e de Bambi. Depois acrescentou: – Pois é, meus queridos… passei por muita coisa… vi mais coisas que todos vocês juntos aqui na floresta. – Seu tom de voz era um pouco exibido, mas eles ainda não tinham percebido, pois estavam atordoados com a grande surpresa.

– Conte tudo! – pediu Falina, sem conter a curiosidade.

– Ah, eu poderia ficar dias contando e não chegaria ao fim – respondeu Gobo satisfeito.

Bambi insistiu: – Então conte logo!

Gobo voltou-se para Falina e perguntou apreensivo, em voz baixa: – A mamãe ainda está viva?

– Está sim, mas faz tempo que não a vejo – respondeu Falina.

– Vou atrás dela agora mesmo! – disse Gobo aliviado. – Vocês vêm comigo?

Assim partiram os três.

Não falaram mais nada durante todo o percurso. Bambi e Falina perceberam a saudade impaciente que Gobo sentia da mãe e por isso ficaram calados. Em silêncio, Gobo seguia apressado na frente. Eles deixavam.

Só às vezes, quando parecia ter esquecido o caminho e passava direto pela entrada ou quando em sua afobação ia para o lado errado é que eles chamavam: “Por ali!”, indicava Bambi baixinho. Ou Falina dizia: “Não, por aí, não… é por aqui”.

Por diversas vezes tiveram de atravessar grandes áreas abertas, descampadas. Chamou-lhes a atenção o fato de Gobo nunca parar na beira da mata, jamais, nem por um segundo. Ao contrário, seguia pela área aberta sem tomar nenhum cuidado. Bambi e Falina trocavam olhares surpresos toda vez que isso acontecia. Mas, apesar de hesitantes, não diziam nada e seguiam Gobo.

Tiveram de andar muito, de um lado a outro, sempre procurando.

De repente, Gobo reconheceu os caminhos que percorria na infância. Estava

encantado e, sem se dar conta de que havia sido conduzido para lá por Bambi e Falina, disse: – Viram só como encontrei o caminho direitinho?

Bambi e Falina se entreolharam sem dizer nada.

Em seguida chegaram a uma pequena clareira, um abrigo protegido por arbustos. – Aqui! – berrou Falina, e se enfiou lá dentro. Gobo seguiu atrás e ficou parado. Era o lugar onde os dois tinham nascido, onde haviam passado a infância ao lado da mãe. Gobo e Falina se olharam nos olhos. Não disseram nada. Falina deu um beijinho em Gobo e depois seguiram adiante.

Caminharam por mais uma hora. O sol, cada vez mais quente, brilhava através dos galhos e o silêncio na floresta era cada vez maior. Era hora de se deitar e de descansar. Acontece que Gobo não se sentia cansado. Seguia caminhando rapidamente, a respiração agitada, dominado pela ansiedade. Corria sem deter o olhar em ponto algum e estremecia cada vez que uma doninha escapava correndo por entre suas patas. Quase pisou nos faisões que se espremeram para não serem atropelados, e quando eles abriram as asas e piaram com estardalhaço, Gobo levou o maior susto. Bambi estranhava a maneira esquisita e cega de Gobo andar por aí.

Por fim, Gobo parou e voltando-se para eles disse desanimado: – Ela não está em lugar algum!

Falina o acalmou dizendo: – Logo, logo vamos encontrá-la. – Ela olhou para Gobo. De novo ele estava com aquela carinha triste que ela conhecia tão bem.

– Vamos chamar por ela? – disse Falina, rindo. – Vamos chamar… como fazíamos quando éramos pequenos?

Bambi seguiu andando. Só mais alguns passos e logo avistou tia Ena. Ela já tinha se deitado para descansar no sossego da sombra de uma amendoeira, bem pertinho dali.

– Até que enfim! – exclamou. No instante seguinte, Gobo e Falina também vieram. Os três estavam ali parados olhando para Ena. Ela levantou a cabeça e olhou para eles sonolenta.

Gobo deus uns passinhos para a frente e disse baixinho: – Mãe!

Como que alvejada por um relâmpago, ela se pôs em pé sobre as quatro patas e ficou ali parada como que petrificada. Gobo saltou em sua direção: – Mãe… – disse ele, e queria continuar falando, mas não conseguiu pronunciar mais nenhuma palavra.

A mãe fitou-o no fundo dos olhos. Seu corpo petrificado começou a amolecer. Ela tremia tanto que seu dorso e seus ombros eram percorridos por verdadeiras ondas.

Ela não perguntava nada, tampouco pedia alguma explicação ou história. Lentamente começou a beijar Gobo no focinho, nas bochechas, no pescoço.

Depois se pôs a lambê-lo, como fez quando ele viera ao mundo.

Bambi e Falina os deixaram a sós.



ESTAVAM TODOS REUNIDOS na pequena clareira no meio da floresta e Gobo, no centro da roda, contava suas aventuras.

Até o amigo coelho havia se aproximado para ouvir e, de tão espantado, de quando em quando espichava as orelhas em forma de colher e deixava-as cair para em seguida tornar a erguê-las.

A gralha-azul estava pousada num galho próximo escutando admirada. Já a gralha-de-bico-vermelho pousara do outro lado, no carvalho, e crocitava interessada.

Alguns faisões conhecidos trouxeram suas esposas e filhos e, enquanto ouviam, esticavam o pescoço, olhavam para lá e para cá e voltavam a encolhê-lo, emudecidos.

O esquilo subiu rapidamente numa árvore e, lá do alto, gesticulava com muita animação. Ora descia ao chão, ora corria pelos galhos, ora se apoiava na cauda exibindo o peito branco. Uma hora ele queria interromper Gobo para perguntar alguma coisa, mas era logo reprimido pelos demais.

Gobo estava contando o que tinha acontecido no dia em que ficara caído no meio da mata, esperando a morte chegar.

– Os cachorros me encontraram [illegible] deitado no chão – disse ele –, os cachorros são terríveis [illegible] são os seres mais terríveis do mundo. Têm as mandíbulas [illegible] o latido [illegible], não têm qualquer compaixão. Bom… [illegible] comecei a [illegible] com eles como se fossem meus pares – disse orgulhoso enquanto olhava para todos no círculo que se formara ao seu redor –, eu não precisava ter medo porque eu era amigo deles. Mesmo assim, quando eles ficavam muito agitados eu me sentia atordoado, a minha cabeça zunia e o meu coração disparava. Não que fossem maus, como eu disse, eram meus amigos… mas é que a voz deles é de uma violência medonha. – Ele se calou.

– Continue! – pediu Falina.

Gobo olhou para ela e prosseguiu: – Bom, naquele dia eles quase me dilaceraram… mas aí veio Ele!

Gobo fez uma pausa. Os outros mal respiravam.

– Pois é – continuou Gobo –, aí Ele chegou! Chamou os cachorros, que ficaram quietos na mesma hora. Depois Ele voltou a chamá-los e eles se deitaram bem na frente Dele. Então Ele me levantou do chão. Eu berrava. Mas Ele fez carinho em mim, me segurando junto ao peito. Não me fez nenhum mal.

E me carregou no colo.

Falina interrompeu: – O que é carregar?

Gobo ia começar a explicar, se achando muito importante.

– É muito simples, Falina – interrompeu Bambi. – Olha como o esquilo faz para levar uma noz…

O esquilo não se aguentava mais de vontade de falar. – … meu cunhado… – ele disse animado. Mas os outros logo gritaram: – Psiu! Calado! Deixa o Gobo contar!

Ele teve de se calar. Estava desesperado, apertava o peito com as mãos enquanto tentava levar uma conversa paralela com a gralha-azul: – … sabe, o meu cunhado…

Mas a gralha-azul simplesmente lhe deu as costas.

Gobo contava maravilhas: – Do lado de fora faz muito frio e venta. Mas dentro não tem vento e é quente como no verão.

– Croc! –, crocitou o corvo.

– Do lado de fora a chuva despenca do céu e tudo fica boiando. Mas dentro não cai nenhuma gota e a gente fica sequinho.

Os faisões espicharam o pescoço e giraram a cabeça. – Do lado de fora a neve fica alta, mas dentro é quentinho. Bem quente e Ele me trazia feno para comer e castanhas, batatas, cenouras e tudo o mais que eu quisesse.

– Feno?! – exclamaram todos atônitos, incrédulos e excitados, em coro.

– Sim, feno fresco, docinho, recém-colhido – repetiu Gobo calmamente, e voltou a lançar um olhar triunfante ao redor.

O esquilo voltou a se intrometer com voz aguda: – Um cunhado meu…

– Quieto! – gritaram os outros.

E Falina indagou interessadíssima: – Onde ele arruma feno e essas outras coisas no inverno?

– Ele cultiva – respondeu Gobo. – Ele pode plantar tudo o que quiser e quando precisa Ele tem.

Falina continuou perguntando: – E você não morria de medo, Gobo, de ficar ali com Ele?

Gobo riu alto: – Não, querida irmã. Não mais. Pois eu sabia que Ele não me faria mal algum. Por que eu ia morrer de medo? Vocês acham mesmo que Ele é mau? Quando Ele gosta de alguém e quando o servem, Ele é bom. Bom demais! Ninguém no mundo consegue ser tão bom quanto Ele…

Enquanto Gobo falava, o velho cervo surgiu de repente, saído detrás de uma moita, sem fazer nenhum ruído.

Gobo não notou e continuou falando. Mas os outros o viram e prenderam a respiração em sinal de respeito.

O velho ficou ali parado olhando para Gobo com olhar severo e profundo.

Gobo disse: – Não só Ele, mas todos os filhos Dele gostavam de mim, a mulher também, todo mundo. Eles faziam carinho em mim, me davam de comer e brincavam comigo… – Gobo parou de falar assim que viu o velho cervo.

O silêncio se instalou.

Depois o velho perguntou com a voz calma e autoritária: – Que coleira é esta em volta do seu pescoço?

Todos olharam e repararam pela primeira vez na tira de couro trançado ao redor do pescoço de Gobo.

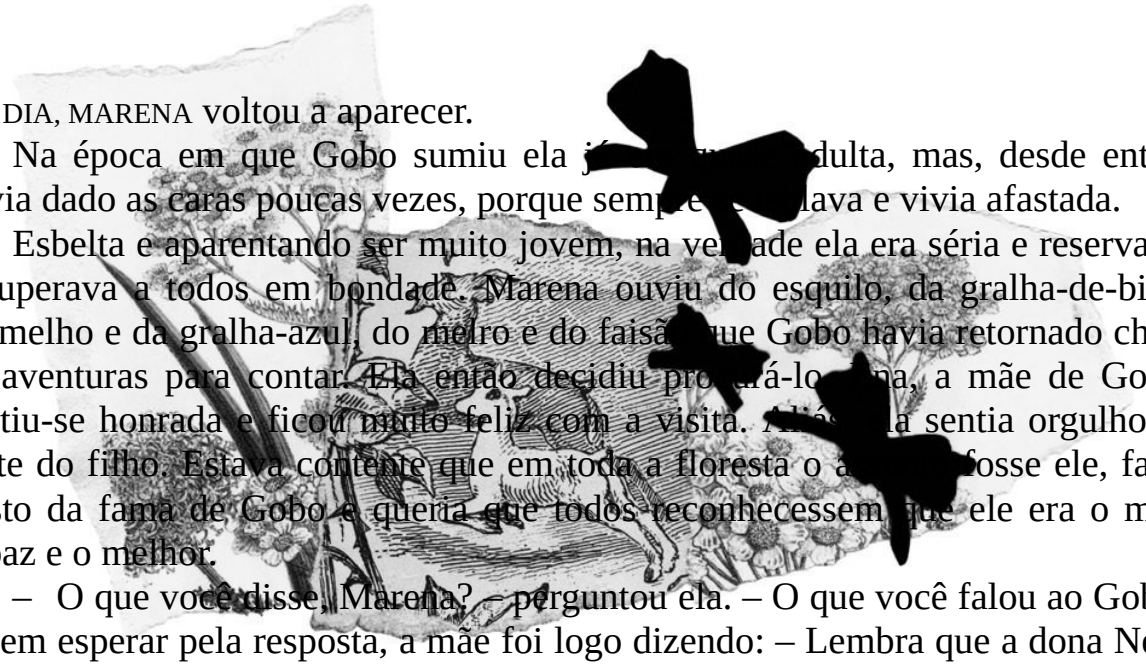
Gobo respondeu sem graça: – Isso…? É parte da corda que eu usava… é Dele… e… é… e é uma honra enorme usar a corda Dele… é… – Gobo começou a balbuciar confuso.

Todos permaneceram em silêncio. O velho fitou Gobo longamente, com um olhar penetrante e triste.

– Coitado – disse em voz baixa, virou as costas e desapareceu no mato.

Rompendo o silêncio horroroso que se seguiu, o esquilo voltou a tagarelar: – Porque… um cunhado meu também esteve com Ele… ah, durante muito tempo, até que um dia meu cunhado…

Mas ninguém lhe deu ouvidos e cada um foi para um lado.



UM DIA, MARENA voltou a aparecer.

Na época em que Gobo sumiu ela já [illegible] adulta, mas, desde então, havia dado as caras poucas vezes, porque sempre [illegible]lava e vivia afastada.

Esbelta e aparentando ser muito jovem, na verdade ela era séria e reservada, e superava a todos em bondade. Marena ouviu do esquilo, da gralha-de-bico-vermelho e da gralha-azul, do melro e do faisão que Gobo havia retornado cheio de aventuras para contar. Ela então decidiu procurá-lo. Ena, a mãe de Gobo, sentiu-se honrada e ficou muito feliz com a visita. Aliás, ela sentia orgulho da sorte do filho. Estava contente que em toda a floresta o assunto fosse ele, fazia gosto da fama de Gobo e queria que todos reconhecessem que ele era o mais capaz e o melhor.

– O que você disse, Marena? – perguntou ela. – O que você falou ao Gobo? – Sem esperar pela resposta, a mãe foi logo dizendo: – Lembra que a dona Netla dizia que o Gobo não era de nada, só porque ele tremia um pouco quando fazia muito frio… Você se lembra que ela profetizou que ele não seria motivo de alegria para mim?

– Bem, a senhora até que se preocupou bastante com o Gobo – respondeu Marena.

– Isso já passou! – exclamou Ena, surpresa por alguém ainda se lembrar daquilo. – Ai, mas eu sinto uma pena da pobre dona Netla. É uma pena ela não estar viva para ver no que o meu Gobo se transformou!

– Sim, pobre dona Netla – respondeu Marena em voz baixa –, que pena que não esteja mais viva.

Gobo gostava de ouvir quando a mãe o elogiava. Sentia-se satisfeito. Quando isso acontecia, ele ficava perto dela desfrutando dos elogios como se desfrutasse do calor do sol.

– Pois não é que até o velho príncipe veio visitar Gobo! – prosseguiu Ena quase sussurrando, em tom cerimonioso. – Ele jamais se deixou avistar entre nós… só veio mesmo para ver Gobo!

– Por que ele me chamou de coitado? – lembrou Gobo, preocupado. – Quero saber o que ele quis dizer com isso!

– Deixa para lá! – disse a mãe, tranquilizando-o. – O príncipe está velho e tem lá suas manias.

Mas Gobo queria uma explicação melhor para se acalmar: – Isso não sai da minha cabeça. Coitado! Eu não sou um coitado! Sou feliz demais até! Eu vi e

vivi mais do que todos os outros. Sei mais do mundo e conheço melhor a vida que qualquer um aqui nessa floresta! O que você acha, Marena?

– Verdade, isso ninguém pode negar – respondeu Marena.

A partir daquele dia, Marena e Gobo não se separaram mais.

BAMBI SAIU. A procura do velho cervo, vagou por noites, caminhou entre a alvorada e o nascer do sol e ao cair da tarde por caminhos desconhecidos, sem a companhia de Falina.

Às vezes ainda se sentia atraído por Falina, queria estar perto dela como antigamente, achava bom passear com ela, ouvi-la contar histórias, pastar em sua companhia no campo ou na beira do bosque, mas só isso já não o satisfazia mais.

Antes, quando estava com Falina era raro ele pensar em se encontrar com o velho cervo e, quando pensava nisso, o desejo passava logo. Agora que estava à procura dele, sentia uma vontade inexplicável de vê-lo e quase não pensava em Falina. Ademais, podia estar com ela sempre, toda vez que quisesse. Ele também evitava o quanto podia encontrar Gobo e tia Ena.

A palavra que o velho tinha dito a Gobo ficava repercutindo em seus ouvidos, pois o havia deixado profundamente impressionado. Desde o dia em que Gobo retornara, teve uma sensação estranha. Bambi não sabia por quê, mas alguma coisa no jeito de Gobo o incomodava. Sentia certa desconfiança por Gobo e também temia que algo [illegible] com ele. Cada vez que encontrava o inocente, o vaidoso [illegible] palavra voltava a ressoar em seus ouvidos [illegible] sua cabeça.

Numa noite escura [illegible] para a corujinha ter levado um baita susto, [illegible] saberia me informar onde estaria o velho príncipe.

A corujinha crocitou [illegible] dando que não fazia [illegible] menor ideia. Mas Bambi percebeu que na verdade ela [illegible] queria revelar.

– Não mesmo? – perguntou ele. – Pois eu não acredito. Você é tão esperta. Sabe tudo o que acontece na floresta… com certeza também sabe onde ele está.

Então a corujinha, que estava toda estufada, baixou as penas junto ao corpo, ficou bem magra e disse baixinho: – É claro que eu sei, mas acontece que não posso dizer… não posso mesmo…

Bambi começou a implorar: – Não vou falar que você me contou… como poderia, logo eu que respeito tanto você?

A corujinha voltou a se emplumar, ficou fofa como uma bolinha e, virando seus grandes olhos espertos como fazia quando estava satisfeita com alguma coisa, perguntou: – Quer dizer então que me respeita? Por quê?

Bambi não hesitou. – Porque você é muito inteligente, mas apesar disso gosta de brincar e é simpática. E porque sempre consegue assustar todo mundo.

Precisa ser mesmo muito esperta para conseguir pregar um susto nos outros, bem esperta mesmo. Bem que eu gostaria de saber fazer isso, seria de grande utilidade para mim.

A corujinha havia afundado o bico nas penas e estava muito feliz.

– Bem, eu sei que o velho gosta muito de você…

– Você acha mesmo? – interrompeu Bambi, e seu coração começou a bater forte.

– Acho, sim – respondeu ela –, ele gosta de você e por isso acho que posso dizer onde ele está…

Recolhendo as penas junto ao corpo e ficando magrinha de repente ela disse: – Conhece o barranco profundo junto ao campo?

– Sim, conheço – respondeu Bambi.

– Então, do outro lado, sabe onde fica o bosque de carvalhos anões?

– Não, nunca estive do outro lado – respondeu Bambi.

– Então preste atenção – sussurrou a corujinha. – É do lado de lá. Você vai ter de atravessar o campo. Daí vai encontrar muitos arbustos de avelãs, choupos, espinheiros brancos e alfenas. No meio deles, há uma velha faia tombada pelo vento. Terá de procurar bem, porque não é fácil de avistá-la do chão, só do alto. Você vai encontrar quem está procurando debaixo do tronco. Mas… não conte que fui eu que falei!

– Debaixo do tronco?

– É – respondeu a corujinha rindo –, é que debaixo do tronco tem um espaço oco na terra, um buraco. O tronco passa por cima. É ali que ele dorme.

– Muito obrigado – disse Bambi. – Não sei se vou encontrá-lo, mas de todo jeito agradeço muitíssimo.

Em seguida, saiu correndo.

Sem fazer barulho, a corujinha saiu voando atrás e quando estava bem em cima dele começou a ulular: Crrru-u! Crrru-u!

Bambi estremeceu.

– Assustei você? – perguntou a corujinha.

– Assustou… – balbuciou Bambi e, dessa vez, estava dizendo a verdade.

A corujinha soltou um piado bem alto de satisfação. – Eu só queria lembrá-lo de não contar ao príncipe que fui eu que disse onde ele está.

– Claro que não vou contar! – assegurou Bambi, e saiu correndo.

Quando Bambi finalmente encontrou o buraco, o velho cervo se materializou na frente dele, saindo das profundezas da escuridão, tão repentina e silenciosamente que Bambi voltou a estremecer de susto.

– Não fico mais naquele lugar onde você estava me procurando – disse o velho.

Bambi ficou em silêncio.

– O que você quer de mim? – perguntou o velho.

– Nada, não… – gaguejou Bambi – Nada mesmo… me desculpe.

Depois de um tempo, o velho disse em tom suave: – Não é de hoje que você está à minha procura.

E ficou esperando, mas Bambi continuou em silêncio. Então o velho disse: – Ontem você passou duas vezes bem perto de mim, e mais duas vezes hoje pela manhã, bem perto…

– Por que… – E Bambi se encheu de coragem. – Por que o senhor falou aquilo para o Gobo…?

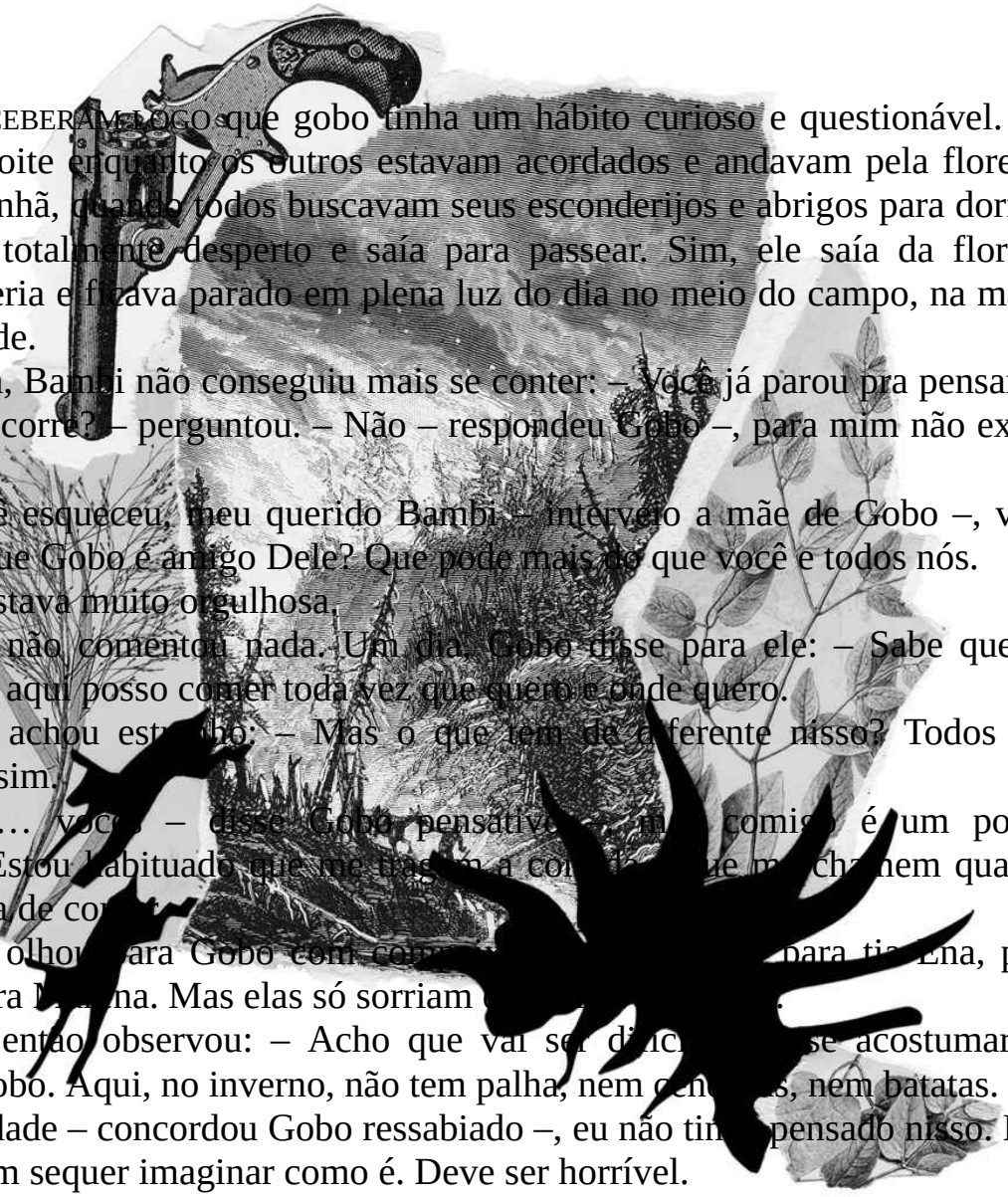
– Você acha que fui injusto?

– Não – respondeu Bambi, seguro de si –, não! Eu sinto que é verdade!

O velho cervo concordou mexendo levemente a cabeça enquanto seus olhos fitavam Bambi com mais bondade do que nunca.

– Mas… por quê? Eu não consigo entender! – disse Bambi encarando aqueles olhos profundos.

– Basta que você sinta. Um dia você vai entender por quê. Passe bem.



TODOS PERCEBERAM LOGO que gobo tinha um hábito curioso e questionável. Ele dormia à noite enquanto os outros estavam acordados e andavam pela floresta. Mas de manhã, quando todos buscavam seus esconderijos e abrigos para dormir, ele estava totalmente desperto e saía para passear. Sim, ele saía da floresta quando queria e ficava parado em plena luz do dia no meio do campo, na maior tranquilidade.

Um dia, Bambi não conseguiu mais se conter: – Você já parou pra pensar no perigo que corre? – perguntou. – Não – respondeu Gobo –, para mim não existe perigo.

– Você esqueceu, meu querido Bambi – interveio a mãe de Gobo –, você esqueceu que Gobo é amigo Dele? Que pode mais do que você e todos nós.

E ela estava muito orgulhosa.

Bambi não comentou nada. Um dia, Gobo disse para ele: – Sabe que eu reparei que aqui posso comer toda vez que quero e onde quero.

Bambi achou estranho: – Mas o que tem de diferente nisso? Todos nós fazemos assim.

– Sim… você – disse Gobo pensativo – mas comigo é um pouco diferente. Estou habituado que me tragam a comida que marcha nem quando está na hora de comer.

Bambi olhou para Gobo com compaixão, depois para tia Ena, para Falina e para Marena. Mas elas só sorriam [illegible].

Falina então observou: – Acho que vai ser difícil [illegible] se acostumar ao inverno, Gobo. Aqui, no inverno, não tem palha, nem cenouras, nem batatas.

– Verdade – concordou Gobo ressabiado –, eu não tinha pensado nisso. Não consigo nem sequer imaginar como é. Deve ser horrível.

Bambi comentou sereno: – Horrível não, só é difícil.

– Bem – explicou Gobo altivo –, se ficar muito difícil para mim, eu simplesmente volto para Ele. Por que vou passar fome? Não faz nenhum sentido.

Sem dizer uma palavra, Bambi se afastou.

Quando Gobo voltou a ficar sozinho com Marena, começou a falar de Bambi. – Ele não entende, o bom Bambi acha que eu ainda sou aquele pequeno Gobo, o mesmo bobão que fui um dia. Ele não consegue suportar que eu tenha me tornado especial. Perigo? Que perigo o quê? Está certo que ele tem boas intenções comigo, mas quem tem de se preocupar com o perigo é ele e os iguais a ele, não eu!

Marena concordou. Ela amava Gobo e Gobo a amava e os dois estavam muito felizes.

– Sabe, ninguém me entende como você! – disse Gobo para ela. – Além do mais, não posso me queixar. Todos olham para mim e me respeitam. Mas é você quem me entende melhor. Porque os outros… quando eu conto para eles como Ele é bom comigo, eles até me ouvem, e é claro que não acham que estou mentindo, mas continuam pensando que Ele é um monstro!

– Eu acredito, sim – disse Marena entusiasmada.

– Verdade? – Gobo quis saber.

– Lembra do dia em que você ficou caído lá na neve? Então, naquele dia eu pensei: ainda vai chegar o tempo em que Ele vai entrar na floresta para brincar com a gente – explicou Marena.

– Não, eu não me lembro disso, não! – revidou Gobo.

Alguns dias se passaram e, numa manhãzinha, Bambi, Falina, Gobo e Marena estavam reunidos no confortável bosque das amendoeiras. Bambi e Falina voltavam de um passeio, tinham acabado de passar pelo grande carvalho quando encontraram Gobo e Marena. Gobo estava querendo sair para o descampado.

– Fique aqui conosco – disse Bambi –, o sol já vai subir e não é hora de ninguém sair a campo aberto.

– Bobagem – revidou Gobo. – Se ninguém vai, eu vou sozinho.

Saiu andando, e Marena foi atrás dele.

Bambi e Falina ficaram parados e Bambi, irritado, disse para Falina: – Venha! Ele que faça o que quiser!

Quando estavam indo embora, ouviram o alarme agudo do corvo, bem alto.

Bambi se virou no mesmo segundo e foi atrás de Gobo. Alcançou Marena bem perto do carvalho.

– Está ouvindo? – gritou Bambi.

– O que foi? – perguntou Gobo confuso.

Novamente ouviu-se o alarme do corvo vindo do outro lado do campo.

– Não está ouvindo? – repetiu Bambi.

– Não! – respondeu Gobo com toda a calma do mundo.

– É alerta de perigo! – insistiu Bambi.

Então uma gralha-azul crocitou bem alto, logo em seguida outra e depois uma terceira. No meio disso, o corvo voltou a grasnar e, lá no alto do céu, o urubu dava sinais.

Falina também começou a pedir: – Fique aqui, Gobo! Não vá! É perigoso demais!

Marena também começou a pedir: – Fique aqui! Por mim, fique aqui hoje…

comigo… é perigoso!

Gobo ficou parado sorridente pensando: – Perigoso! Perigoso! E eu com isso?

Foi quando Bambi teve uma ideia emergencial: – Então deixe Marena sair na frente para que a gente possa saber se…

Ele ainda nem havia concluído seu pensamento e Marena já pisava no campo.

Os três ficaram ali parados olhando para ela. Bambi e Falina estavam paralisados, prendendo a respiração, e Gobo, com aparente tranquilidade, fingia atender ao desejo dos dois.

Viram Marena pisar no campo tomando muito cuidado, pata ante pata, cabeça erguida. Olhava e farejava por todos os lados.

De repente, na velocidade de um raio, deu meia-volta e, como que varrida por uma tempestade, voltou correndo para dentro da mata. – É Ele… Ele está aí! – sussurrou com a voz abafada pelo pavor. – Eu… eu… Ele… está ali – balbuciava ela –, do lado dos carvalhos…

– Vamos cair fora daqui! – ordenou Bambi.

– Vem! – implorou Falina. E Marena, que mal conseguia falar, cochichou: – Vem, Gobo, eu estou pedindo, por favor…

Mas Gobo não se importou. – Corram o quanto puderem, não vou impedir vocês de correrem. E, se Ele estiver aí, vou aproveitar para cumprimentá-lo.

Não tinha quem fizesse Gobo desistir dessa ideia.

Ficaram parados olhando ele entrar no campo. Ficaram ali porque a confiança dele os paralisava e os deixava apavorados. Não conseguiam sair do lugar.

Gobo estava ali no meio do gramado, olhando ao redor, procurando os carvalhos. Agora parecia que avistara Ele. Então veio o estrondo de um trovão.

Gobo foi arremessado para o alto e rapidamente deu meia-volta e correu para dentro da mata aos saltos.

Eles ainda estavam ali paralisados pelo medo quando Gobo se aproximou. Ouviam sua respiração ofegante e foram ter com ele, mas ele não parou e continuou a correr o quanto podia. Eles correram a seu lado.

Mas, pouco tempo depois, Gobo parou e desabou no chão.

Marena chegou bem perto dele. Bambi e Falina pararam um pouco mais adiante, prontos para fugir.

Gobo estava com o flanco rasgado e, da ferida aberta, jorrava sangue e as entranhas saíam.

– Marena – disse ele com esforço sobrenatural. – Marena, Ele não me reconheceu…– Em seguida, se calou.

No mato ouvia-se um barulho impiedoso vindo da direção do campo.

Marena abaixou a cabeça e sussurrou: – Ele está vindo! Gobo… Ele está vindo! Não consegue se levantar e vir comigo?

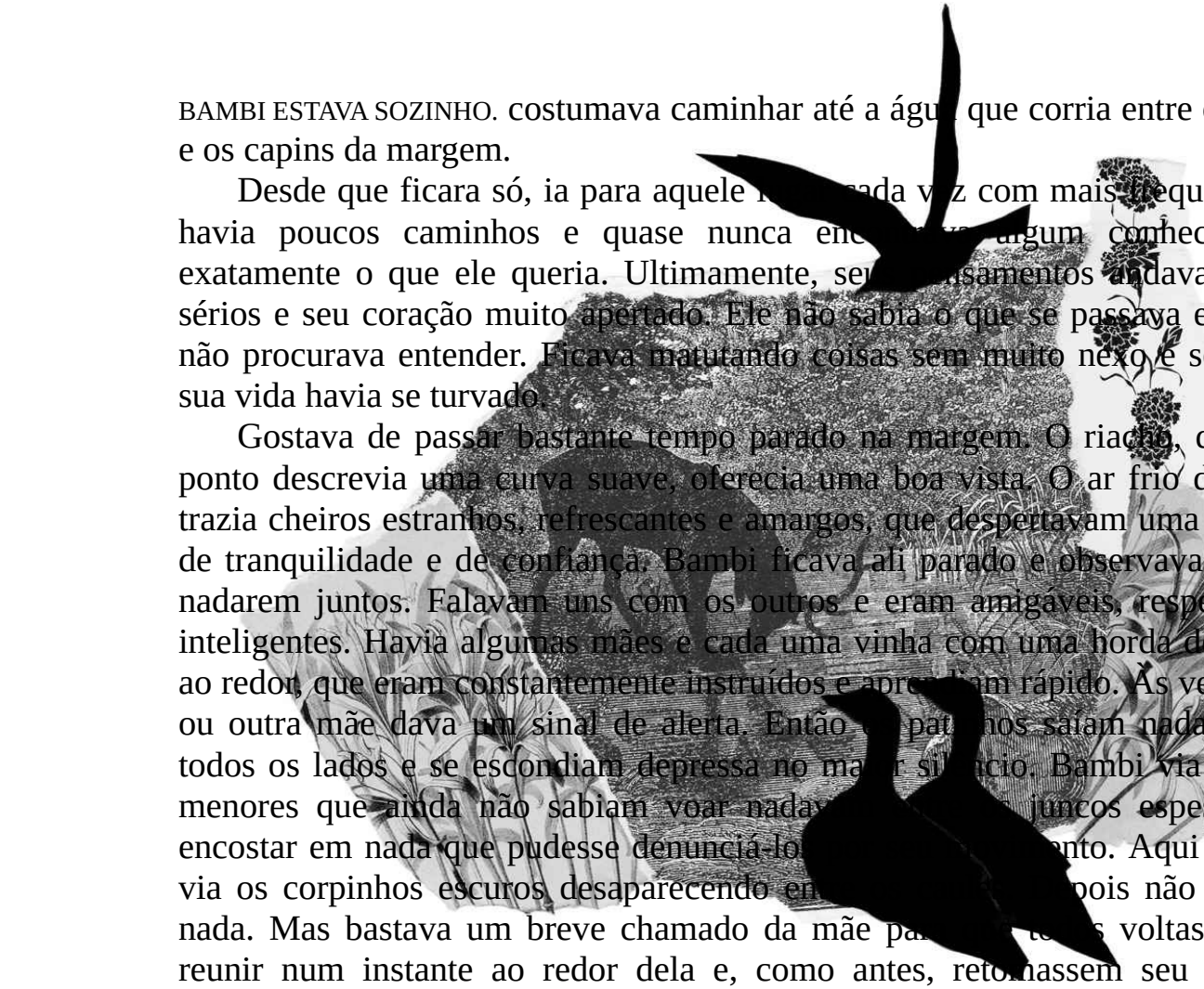
Gobo ergueu a cabeça, seu pescoço estava fraco e mole. Tentou se levantar, mas já não podia controlar as patas. Como não conseguia mais se mexer, permaneceu deitado.

As moitas e os arbustos estalavam e farfalhavam ao serem partidos ao meio enquanto Ele se aproximava.

Marena viu Ele bem de perto. Lentamente foi recuando e se escondeu atrás da moita onde estavam Bambi e Falina.

Voltou-se mais uma vez para olhar e viu Ele se abaixando e esticando a mão.

Depois só ouviram o último gemido de morte de Gobo.



BAMBI ESTAVA SOZINHO. costumava caminhar até a água que corria entre os juncos e os capins da margem.

Desde que ficara só, ia para aquele lugar cada vez com mais frequência. Lá havia poucos caminhos e quase nunca encontrava algum conhecido. Era exatamente o que ele queria. Ultimamente, seus pensamentos andavam muito sérios e seu coração muito apertado. Ele não sabia o que se passava e também não procurava entender. Ficava matutando coisas sem muito nexo e sentia que sua vida havia se turvado.

Gostava de passar bastante tempo parado na margem. O riacho, que nesse ponto descrevia uma curva suave, oferecia uma boa vista. O ar frio das ondas trazia cheiros estranhos, refrescantes e amargos, que despertavam uma sensação de tranquilidade e de confiança. Bambi ficava ali parado e observava os patos nadarem juntos. Falavam uns com os outros e eram amigáveis, respeitáveis e inteligentes. Havia algumas mães e cada uma vinha com uma horda de filhotes ao redor, que eram constantemente instruídos e aprendiam rápido. Às vezes, uma ou outra mãe dava um sinal de alerta. Então os patinhos saíam nadando para todos os lados e se escondiam depressa no mais profundo silêncio. Bambi via como os menores que ainda não sabiam voar nadavam por entre os juncos espessos sem encostar em nada que pudesse denunciá-los. Num instante. Aqui e ali, ele via os corpinhos escuros desaparecendo em [illegible] depois não via mais nada. Mas bastava um breve chamado da mãe para [illegible] voltassem a se reunir num instante ao redor dela e, como antes, retomassem seu nado em caravana. Bambi não se cansava de observar. Aquilo parecia até um truque de mágica.

Certa vez ele perguntou a uma mãe, depois de ela ter dado um desses alarmes: – O que foi que aconteceu? Eu prestei muita atenção e não percebi nada.

– Não foi nada – respondeu a pata.

Outra vez foi um dos patinhos que deu um sinal de alerta e correu como uma flecha para se esconder entre os juncos. Não demorou a sair do esconderijo, que era muito próximo de onde Bambi estava.

Bambi perguntou ao patinho: – O que aconteceu agora? Eu não percebi nada.

– Não foi nada – respondeu o patinho. Enquanto sacudia as plumas querendo parecer um pato adulto e ajeitava novamente as pontas das penas,

voltou a entrar na água. Mesmo assim, Bambi confiava nos patos. Percebeu que eles eram mais vigilantes e atentos do que ele e que ouviam e viam as coisas com mais agilidade. Quando ficava junto deles, a constante tensão que sentia dava uma trégua.

Gostava de conversar com os patos. Eles não ficavam falando aquelas coisas de sempre. O assunto deles era o céu aberto, o vento, os campos distantes onde havia muitas delícias para comer.

Às vezes, Bambi via uma coisa pequena voar pelos ares, bem pertinho da água, como um raio colorido. – Srrr-ih! – gritava baixinho o alcíone ao passar voando. Um pontinho zunindo. Só dava para ver um brilho azul e verde que de repente parecia vermelho, luzia muito e logo desaparecia. Bambi observava entusiasmado e chamava por ele para poder ver mais de perto aquele ser curioso.

– Desista – disse o galeirão ali parado no meio dos juncos, olhando para Bambi lá em cima. – Desista porque ele não vai atender.

– Onde você está? – perguntou Bambi, procurando entre os juncos.

Já pousado em outro lugar, o galeirão respondeu rindo: – Estou aqui! Esse ser estranho que você acabou de chamar não fala com ninguém. Não adianta nem tentar.

– É tão bonito! – comentou Bambi.

– Mas é chato! – revidou o galeirão, novamente de outro lugar.

– Por que diz isso? – Bambi quis saber.

O galeirão respondeu de um lugar totalmente diferente: – Ele não se preocupa com nada nem com ninguém. Aconteça o que acontecer, ele não dá a mínima. Pode cair o mundo. Nunca cumprimenta e nunca responde a uma saudação. Também nunca dá um alarme se há algum perigo. Jamais trocou uma palavra com alguém.

– Coitado… – comentou Bambi.

E o galo-do-brejo prosseguiu com uma voz alegre e aflautada, já pousado em outro lugar: – Vai ver que ele acha que sentimos inveja daquelas poucas cores de sua plumagem e por isso não quer que ninguém se aproxime.

– Você também não deixa ninguém chegar perto! – revidou Bambi.

No mesmo instante, o galeirão se pôs diante dele. – Mas em mim não há nada para ver – disse a ave, exibindo seu corpo franzino com um brilho molhado, uma plumagem simples, irrequieto, ligeiro e animado. E num segundo já havia desaparecido.

– Eu não entendo como é possível ficar tanto tempo parado no mesmo lugar – gritou de dentro da água. E de um outro ponto completou: – Ficar parado no mesmo lugar é muito entediante, além de perigoso. – De um novo lugar, gritou alegremente: – Tem que se mexer. A gente tem que se mexer sempre para se

manter seguro e saudável!

Um leve estalo no caule do capim deixou Bambi alerta. Olhou ao redor e viu uma coisa vermelha correndo por entre os arbustos para logo desaparecer entre os juncos. Ao mesmo tempo sentiu um forte cheiro quente. Era a raposa. Bambi queria chamar, dar o alarme, bater com as patas no chão, mas a raposa já tinha dividido os juncos num salto. Em seguida, ouviu-se um barulhão no meio da água e, logo depois, o grito desesperado de uma pata. Bambi a ouviu bater as asas e, entre o verde das plantas, reconheceu seu corpo branco. Depois viu como a pata chicoteava a cara da raposa com força até que ficou imóvel. Logo a raposa saiu da água levando a presa na boca. O pescoço da pata pendia, as asas ainda se moviam um pouco, mas a raposa não se importou com a presença de Bambi. Ao passar por ele, olhou de soslaio e, com certo ar de deboche, foi lentamente entrando na floresta.

Bambi ficou ali parado, sem reação.

Assustados e sem saber o que fazer, alguns dos patos mais velhos voaram gracitando em direção ao céu. O galeirão emitia gritos de alarme para todos os lados. Os chapins piavam alvoroçados entre os arbustos, os patinhos nadavam agitados no meio dos juncos e, agora órfãos, choravam baixinho.

O alcião relampejava ao longo da margem.

– Por favor! – diziam os patinhos. – Será que você sabe da nossa mãe?

– Srr-ih! – estrilava o alcíone enquanto passava relampejando. – Não sei e não quero saber.

Bambi então resolveu ir embora. Atravessou um campo de espinhos dourados, passou por um bosque de faias e por um bosque de aveleiras até alcançar a beira do grande barranco. Ficou zanzando por ali na esperança de encontrar o príncipe, o velho cervo. Fazia tempo que não o via, desde a morte de Gobo.

Pouco depois o avistou de longe e foi correndo ao encontro dele.

Os dois seguiram caminhando lado a lado, em silêncio, até que o velho perguntou: – Então… ainda comentam muito dele?

Bambi logo entendeu que ele estava falando de Gobo e respondeu: – Não sei… agora estou quase sempre sozinho… – E, depois de hesitar um pouco emendou: – mas eu penso bastante nele.

– Sei! – disse o velho. – Você está sozinho agora?

– Estou – respondeu Bambi esperando algum comentário, mas o velho cervo permaneceu calado.

Seguiram adiante até que, de repente, o velho parou. – Está ouvindo?

Bambi esticou as orelhas, mas não escutou nada.

– Venha! – convidou o velho, e saiu correndo na frente. Bambi correu atrás.

Até que o velho parou novamente: – Ainda não ouve nada?

Então Bambi ouviu um barulho que não conseguia identificar. Parecia que os galhos estavam sendo dobrados para depois recuperarem sua forma natural, com muita violência. Ao mesmo tempo, uma coisa golpeava o chão provocando um som irregular e abafado.

Bambi quis fugir dali, mas o velho cervo chamou.

– Venha! – E correu em direção ao barulho. Bambi o acompanhou e ousou perguntar: – Não é perigoso ali?

– É, sim! – respondeu o velho com voz sombria. – Ali é muito perigoso!

Não demorou para avistarem uns galhos que se sacudiam e eram puxados, balançando aos solavancos como que movidos por uma tempestade. Ao se aproximarem mais, perceberam que entre os arbustos havia uma pequena trilha.

O amigo coelho estava ali no chão e se jogava de um lado para o outro. Depois, ficava parado, voltava a pular e, cada vez que se mexia, o galho mexia junto.

Bambi percebeu que havia uma corda esticada, presa no arbusto por uma das pontas. A outra extremidade estava amarrada no pescoço do coelho com um laço. O amigo coelho deve ter escutado alguém se aproximando. Então, na ânsia de escapar, se jogava de um lado para o outro.

– Fique parado! – ordenou o velho cervo, e continuou com uma voz bondosa e suave que tocou o coração de Bambi: – Fique calmo, amigo coelho. Sou eu. Não se mexa. Fique quieto.

O coelho então ficou deitado no chão sem se mover. Sua respiração arfava baixinho.

O velho cervo pegou o galho com os dentes, dobrou-o para trás e pisou nele com muita habilidade. Aí segurou-o com o casco duro de sua pata e o rompeu com um único golpe de sua coroa.

Em seguida, fez um movimento com a cabeça e disse: – Aguente firme, mesmo se doer.

Com a cabeça virada para o lado, tentou enfiar uma das hastes de sua galhada entre a corda e o pescoço do coelho, apertando a pele atrás das orelhas dele. Fez um esforço com a cabeça, mas o coelho começou a se mexer de dor.



O velho cervo parou e disse: – Fique quieto! Se ficar aqui preso, você vai morrer. – E retomou o procedimento. Dessa vez, o coelho ficou imóvel, resfolegante. Bambi assistia boquiaberto.

Agora o velho havia conseguido passar uma das hastes da galhada bem rente entre o pelo do pescoço do coelho e a corda. Quase ajoelhado, com a cabeça baixa, o velho foi empurrando a haste da coroa cada vez mais fundo até que, enfim, o laço começou a afrouxar lentamente.

O coelho agora já conseguia respirar melhor e, sentindo muito medo e muita dor, se pôs a chorar desesperado. – E... e... eh!

O velho não desistia. – Fique quieto! Calma! – dizia, com a boca bem perto das costas do coelho e a haste da galhada enfiada entre as duas orelhas dele, por baixo da corda. De longe, parecia até que o velho tinha espetado o coelho.

– Como pode chorar numa hora dessas? – murmurava ele suavemente. – Quer atrair a raposa? Não, né? Então fique quietinho.

Ele continuou trabalhando. Devagar, tomando cuidado, se esforçando para não machucar o coelho. De repente, após deslizar um pouco, o laço cedeu. O coelho puxou a cabeça sem se dar conta. Deu um passo para trás e parou atordoado. Em seguida saiu pulando. Primeiro devagar, timidamente, depois fugiu correndo aos saltos.

Bambi o seguiu com os olhos. – Nem agradeceu! – exclamou espantado.

– Ele ainda está atordoado – explicou o velho.

No chão, sobrou o laço. Bambi o tocou de leve e ele chicoteou um pouco, com um ruído. Bambi se assustou. Este som não fazia parte da floresta.

– Foi Ele…? – Bambi perguntou baixinho. O velho fez que sim com a cabeça.

Começaram a caminhar calados. – Fique esperto! – disse o velho. – Quando passar por uma trilha, teste os galhos com a sua coroa, puxe-os para cima e para baixo. Se ouvir um chiado, dê meia-volta. E quando você estiver sem a galhada, na estação de troca, redobre a atenção. Eu já não uso mais nenhuma trilha. – Bambi se perdeu em seus pensamentos.

– Mas Ele não está aqui… – murmurou para si mesmo.

O velho cervo respondeu: – Não… agora Ele não está na floresta.

– Não está, mas está! – concluiu Bambi, balançando a cabeça.

O velho prosseguiu com uma voz carregada de amargura: – Como era mesmo que Gobo dizia…? Não dizia que Ele era todo-poderoso e bondoso…?

Bambi sussurrou: – E Ele não é todo-poderoso?

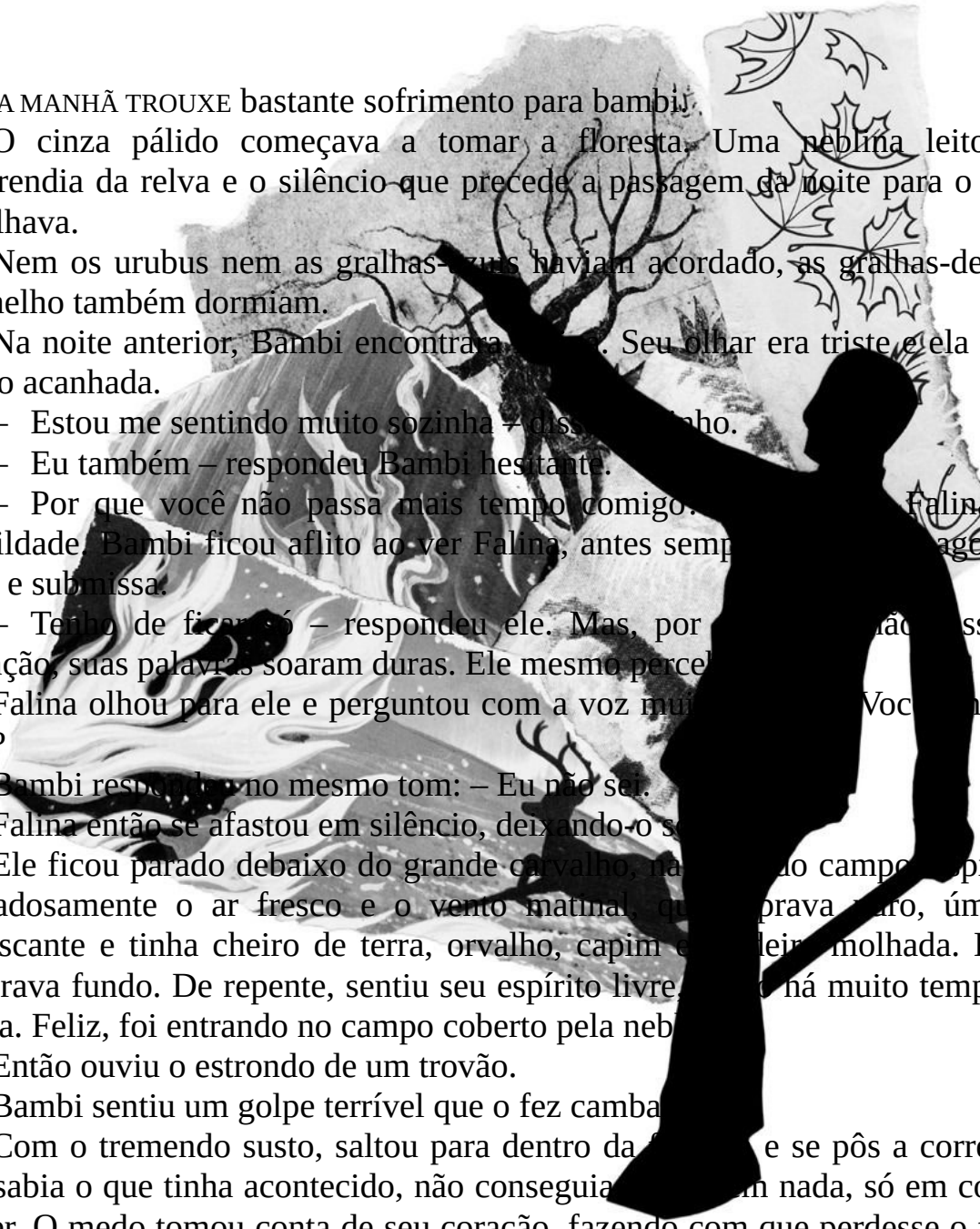
– Do mesmo jeito que é bondoso – resmungou o velho.

– Mas com Gobo Ele foi bom… – murmurou Bambi.

O velho cervo ficou parado: – Você acredita mesmo nisso, Bambi? – perguntou com tristeza. Pela primeira vez ele havia chamado Bambi pelo nome.

– Não sei! – respondeu Bambi, aflito. – Não entendo!

O velho então falou calmamente: – Devemos aprender a viver… a cuidar de nós mesmos.



CERTA MANHÃ TROUXE bastante sofrimento para bambi.

O cinza pálido começava a tomar a floresta. Uma neblina leitosa se desprendia da relva e o silêncio que precede a passagem da noite para o dia se espalhava.

Nem os urubus nem as gralhas-azuis haviam acordado, as gralhas-de-bico-vermelho também dormiam.

Na noite anterior, Bambi encontrara [illegible]. Seu olhar era triste e ela estava muito acanhada.

– Estou me sentindo muito sozinha – disse [illegible]ho.

– Eu também – respondeu Bambi hesitante.

– Por que você não passa mais tempo comigo? [illegible] Falina com humildade. Bambi ficou aflito ao ver Falina, antes sempre [illegible] agora tão séria e submissa.

– Tenho de ficar só – respondeu ele. Mas, por [illegible]não [illegible]sse sua intenção, suas palavras soaram duras. Ele mesmo percebeu.

Falina olhou para ele e perguntou com a voz mui[illegible] Voc[illegible]nda me ama?

Bambi respondeu no mesmo tom: – Eu não sei.

Falina então se afastou em silêncio, deixando-o s[illegible]

Ele ficou parado debaixo do grande carvalho, na [illegible]do campo, [illegible]spirando cuidadosamente o ar fresco e o vento matinal, que [illegible]prava claro, úmido e refrescante e tinha cheiro de terra, orvalho, capim e [illegible]leira molhada. Bambi respirava fundo. De repente, sentiu seu espírito livre, [illegible] há muito tempo não sentia. Feliz, foi entrando no campo coberto pela neb[illegible]

Então ouviu o estrondo de um trovão.

Bambi sentiu um golpe terrível que o fez camba[illegible]

Com o tremendo susto, saltou para dentro da f[illegible] e se pôs a correr. Ele não sabia o que tinha acontecido, não conseguia [illegible]m nada, só em correr e correr. O medo tomou conta de seu coração, fazendo com que perdesse o fôlego enquanto corria sem saber para onde. Depois começou a sentir uma dor insuportável atravessar todo o seu corpo. Sentiu uma coisa quente espetando sua coxa esquerda, um rasto de fogo que vinha dali e se espalhava. Bambi teve de parar de correr. Viu-se obrigado a caminhar lentamente. Então sentiu o corpo amolecer, a coluna e as patas também. Deitou-se no chão.

Era muito confortável ficar ali deitado, descansando.

– Levanta! Bambi! Levanta! – dizia o velho, que havia surgido de repente ao lado dele e o cutucava de leve nas costas. Bambi contestava: – Não consigo! – Mas o velho cervo repetia, insistindo: – Levanta! Anda! – Em sua voz havia tamanho encorajamento e ternura que Bambi não se atreveu a dizer nada. Naquele momento, até a dor diminuiu um pouco.

O velho cervo insistia aflito: – Levanta! Você tem de sair daí, filho! – Filho… era como se a palavra tivesse escapado e, num salto, Bambi estava em pé sobre as quatro patas.

– Bom – disse o velho enfaticamente, respirando fundo –, agora venha comigo… Siga sempre atrás de mim…!

Dito isso, saiu apressado. Bambi ia atrás dele, mas sentia uma vontade enorme de se deitar no chão, de ficar só deitado, descansando.

Como se adivinhasse, o velho cervo insistia: – Agora você tem de suportar a dor, não pode nem pensar em se deitar… nem pensar, porque só de pensar já vai ficar cansado! Agora você tem de se salvar… está entendendo, Bambi? … se salvar… senão você estará perdido… só pense que Ele está atrás de você… está entendendo, Bambi? … e Ele vai matar você sem dó… vem… isso, vem… sempre atrás de mim, não pare… você vai conseguir… você tem de conseguir…

Bambi não tinha mais forças para pensar. A dor castigava seu corpo, roubava seu ar e sua consciência. O rasto quente ardia em sua coxa e a ferida profunda produzia um efeito surpreendente em seu coração.

O velho cervo descreveu um enorme círculo. Demorou muito. Em meio ao véu da dor e da tontura, Bambi conseguiu perceber que estavam passando pelo grande carvalho.

Parou para farejar o chão.

– Aqui! – cochichou. – Aqui… Ele… e o cachorro aqui… agora venha… mais rápido!

Eles saíram correndo.

De repente, o velho cervo parou outra vez.

– Está vendo? – disse o velho. – Foi aqui que você ficou deitado.

Bambi viu o capim amassado e uma enorme poça de sangue que penetrava na terra.

O velho farejou o local cuidadosamente. – Eles já estiveram aqui… Ele e o cachorro… agora vamos! – disse, e foi seguindo na frente bem lentamente, sempre farejando.

Bambi viu as gotas vermelhas brilhando nas folhas dos arbustos e nos talos de capim. “Já passamos por aqui”, pensou, mas não conseguia falar nada.

– Pronto! – disse o velho, quase alegre. – Agora estamos atrás deles…

Andou mais um tempo pelo mesmo caminho, até que virou bruscamente e

começou a fazer novo círculo. Bambi o seguia cambaleante.

Passaram uma segunda vez pelo velho carvalho, só que agora no sentido oposto, e novamente chegaram ao lugar em que Bambi havia caído. Só então o velho seguiu em outra direção.

– Coma isso! – ordenou o velho, que havia parado, afastado o mato com os cascos e apontava para umas ervas minúsculas, verde-escuras, polpudas e curtinhas que cresciam bem rente ao chão.

Bambi obedeceu. O gosto era terrivelmente amargo e o cheiro asqueroso. Passado um tempo, o velho cervo perguntou: – Como está se sentindo?

– Melhor – respondeu Bambi rapidamente. De repente, ele conseguia falar de novo, estava lúcido e o cansaço havia diminuído.

Depois de um tempo, o velho voltou a falar: – Vá na frente agora. – E depois de caminhar um tempo atrás de Bambi, parou e concluiu: – Finalmente o sangue parou… Não está mais escorrendo da sua ferida e já não vai mais trair você, revelando… a Ele e ao cachorro Dele o caminho certeiro para sua morte.

O velho parecia estar esgotado e cansado, mas a sua voz era animada: – Venha! – prosseguiu. – Agora você vai poder descansar.

Assim caminharam até o grande barranco que Bambi nunca havia ultrapassado antes. O velho desceu na frente e Bambi tentou ir atrás, mas teve de se esforçar muito para conseguir escalar a rampa do outro lado. A dor recomeçava a torturá-lo com toda a força. Ele tropeçava, levantava, caía novamente e tinha dificuldade para respirar.

– Não posso ajudá-lo – disse o velho –, você tem de subir sozinho! – E Bambi enfim conseguiu. Sentia novamente o corte ardendo quente na coxa e viu suas forças indo embora pela segunda vez.

– Você está sangrando de novo – concluiu o velho. – Eu já esperava. Mas não está muito forte e agora não tem tanto problema – acrescentou baixinho.

Caminharam bem lentamente por um bosque de altíssimas faias. O chão era macio e liso. Dava para andar com facilidade. Bambi estava louco de vontade de se deitar e de descansar, de não mover mais nenhum fio de seu pelo. Não conseguia seguir adiante. Sua cabeça doía, seus ouvidos zuniam, seus nervos vibravam e a febre o impedia de parar de tremer. Tudo ficou preto diante de seus olhos. Nele não havia mais nada além da vontade de descansar, ao mesmo tempo que estranhava o fato de sua vida agora ter sofrido uma ruptura e mudado tão bruscamente. Lembrou como até pouco antes caminhava são e salvo por toda a floresta… hoje de manhã… apenas uma hora atrás… aquele momento agora parecia um passado distante, perdido no tempo.

Passaram perto de uma mata de carvalhos anões e de cornisos. Um enorme tronco de faia quebrado, caído por cima dos arbustos, estava atravessado no

caminho, impedindo a passagem.

– Chegamos – Bambi ouviu o velho cervo dizer enquanto caminhava sobre o tronco. Bambi foi atrás dele e quase caiu num buraco em forma de toca que havia ali. – Pronto! Aqui você pode ficar deitado – disse o velho cervo.

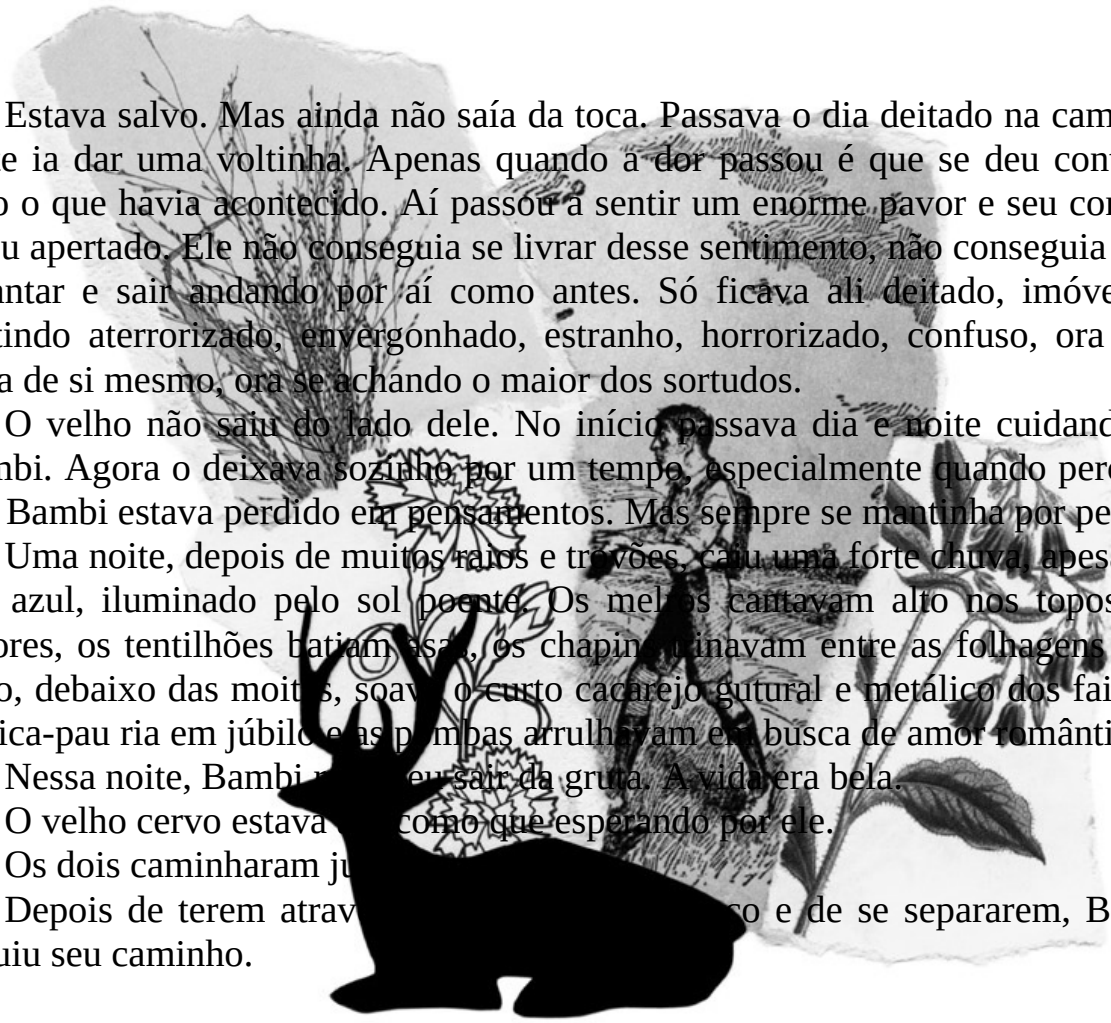
Bambi desfaleceu e não se mexeu mais.

Debaixo do tronco caído, a toca era mais funda e formava uma pequena gruta. A folhagem ao redor do lado de fora cobria tudo, impedindo que se visse quem estivesse dentro. Estar lá embaixo era desaparecer das vistas.

– Aqui você está seguro – disse o velho. – Fique aqui.

Muitos dias se passaram.

Bambi ficou ali deitado na terra quente, coberto pela casca que se desprendia do tronco caído. Sentiu a dor mais forte, mais forte até que, aos poucos, começou a ceder e a ficar cada vez mais fraca. Às vezes ele se arrastava até a entrada da toca e ficava ali parado, fraco, se equilibrando sobre as patas inseguras para dar uns passos atrás de alimento. Agora ele comia ervas que nunca havia notado antes, nem sequer visto. De repente, elas se ofereciam a ele, o atraíam com seu aroma diferente e penetrante. O que antes ele desprezava e jogava fora se acaso entrasse em sua boca por engano, agora lhe parecia saboroso e bem temperado. Certas folhas e alguns caules curtos e grossos ainda desagradavam seu paladar, mas ele os comia mesmo assim, como que por obrigação, para que sua ferida se curasse e suas forças voltassem mais depressa.



Estava salvo. Mas ainda não saía da toca. Passava o dia deitado na cama e à noite ia dar uma voltinha. Apenas quando a dor passou é que se deu conta de tudo o que havia acontecido. Aí passou a sentir um enorme pavor e seu coração ficou apertado. Ele não conseguia se livrar desse sentimento, não conseguia mais levantar e sair andando por aí como antes. Só ficava ali deitado, imóvel, se sentindo aterrorizado, envergonhado, estranho, horrorizado, confuso, ora com pena de si mesmo, ora se achando o maior dos sortudos.

O velho não saiu do lado dele. No início passava dia e noite cuidando de Bambi. Agora o deixava sozinho por um tempo, especialmente quando percebia que Bambi estava perdido em pensamentos. Mas sempre se mantinha por perto.

Uma noite, depois de muitos raios e trovões, caiu uma forte chuva, apesar do céu azul, iluminado pelo sol poente. Os melros cantavam alto nos topos das árvores, os tentilhões batiam asas, os chapins trinavam entre as folhagens e no chão, debaixo das moitas, soava o curto cacarejo gutural e metálico dos faisões. O pica-pau ria em júbilo e as pombas arrulhavam em busca de amor romântico.

Nessa noite, Bambi [illegible] sair da gruta. A vida era bela.

O velho cervo estava [illegible] como que esperando por ele.

Os dois caminharam ju[illegible]

Depois de terem atrav[illegible]co e de se separarem, Bambi seguiu seu caminho.



NUMA NOITE DE outono em que o ar sussurrava com a queda das folhas, a corujinha soltou um grito entre as copas das árvores. Depois esperou.

Mas Bambi já a tinha visto de longe, entre a folhagem rala dos galhos e ficou quieto.

A corujinha voou para perto dele e gritou ainda mais alto. E voltou a esperar. Mas novamente Bambi não disse nada.

Então a corujinha não se aguentou e perguntou chateada: – Você não se assustou?

– Assustei – respondeu Bambi calmamente. – Um pouco.

– Sei – resmungou a corujinha ofendida. – Só um pouco? Antigamente você sempre levava um baita susto. Era muito divertido ver você levando um susto. Por que será que agora se assustou só um pouco? – E irritada repetiu: – Só um pouco…

A corujinha estava mais velha e por isso mesmo mais vaidosa e sensível que antes.

Bambi pensou em responder que na verdade nunca tinha levado susto algum, mesmo antigamente, [illegible] Mas preferiu guardar isso para si. Sentiu pena e tentou acalmá-la: – Talvez tenha sido [illegible] você.

– Como é? [illegible] Como é? Você estava pensando em mim?

– Estava, sim – [illegible] Bem na hora que você começou a gritar. Não fosse isso, é claro que teria me assustado como antes.

– Verdade? – inquiriu a corujinha.

Bambi não conseguiu mentir. Mas que mal haveria em pobre velhinha que ficasse contente.

– Verdade – reforçou Bambi, e emendou –, e muito feliz que toda vez que ouço seu grito um arrepio percorre minha espinha.

A corujinha inflou as penas de satisfação e virou uma bola marrom e cinza-claro, macia e feliz. – É muita gentileza da sua parte pensar em mim… Fazia tempo que não nos víamos, não é mesmo? – disse satisfeita.

– Muito tempo mesmo – confirmou Bambi.

– Você não usa mais as velhas trilhas? – ela quis saber.

– Não… – disse Bambi pensativo. – Não uso mais as velhas trilhas.

– Agora também estou me aventurando a ir mais longe pelo mundo – observou a corujinha se exibindo. Ela não revelou que havia saído de seu antigo território por ter sido expulsa por um jovem impiedoso. – Não se pode ficar sempre no mesmo lugar – completou, e ficou esperando uma resposta.

Mas Bambi havia ido embora. Ele já dominava a arte de desaparecer sem fazer ruído quase tão bem quanto o velho cervo.

A corujinha ficou indignada. – Mas que mal-educado… – resmungou decepcionada. Depois sacudiu as penas, enfiou o bico na plumagem do peito e se pôs a filosofar: – Não se deve nunca pensar que se pode ser amigo dos ilustres. Mesmo quando eles são gentis… um dia serão malcriados… e aí a gente fica com cara de tacho, como eu agora…

E, inesperadamente, ela se deixou cair no chão como uma pedra. Acabara de avistar um rato que, já preso entre as suas garras, chiou uma só vez. Ela o rasgou em pedaços, tamanho o ódio que sentia. Devorou a pequena presa mais rápido que de costume e logo voltou a subir no galho. – O que me importa esse Bambi? – pensou. – O que me importa toda essa sociedade de ilustres? Nada, nem um pouco! – E começou a gritar tão alto e tantas vezes que as pombas acordaram e saíram do ninho num grande alvoroço.

A tempestade varreu a floresta durante muitos dias e arrancou quase todas as folhas que restavam nos galhos. As árvores agora estavam completamente carecas.

Amanhecia e Bambi voltava para casa para dormir na toca do velho cervo. Uma voz bem fina chamou por ele, uma, duas, três vezes, bem rápido. Ele ficou parado. Aí o esquilo desceu correndo dos galhos como um raio e sentou-se diante dele no chão. – Quer dizer que é você mesmo? – perguntou visivelmente espantado.

– Eu o reconheci na hora em que estava passando, mas não pude acreditar…

– Como é que você veio parar aqui? – perguntou Bambi.

O esquilo fez cara de preocupação. – O velho carvalho se foi… – queixou-se ele. – Meu belo carvalho… lembra? Foi terrível… Ele o derrubou.

Bambi abaixou a cabeça lamentando. A lembrança da maravilhosa árvore doeu em sua alma.

– Foi muito rápido – prosseguiu o esquilo. – Todos nós que morávamos na árvore saímos correndo e vimos Ele morder o carvalho com um dentão brilhante enorme. A árvore soltou um grito bem alto, de dentro da ferida. Não parava de

gritar e o dente gritava também… foi horrível de ouvir. Então o lindo carvalho caiu. Em cima do capim. Todos nós choramos.

Bambi permaneceu calado.

– Pois é… – suspirou o esquilo. – Ele pode tudo… Ele é o todo-poderoso… – Então olhou para Bambi com olhos grandes e orelhas espichadas, mas Bambi não disse nada.

– Agora todos nós ficamos sem teto… – continuou o esquilo. – Nem sei para onde os outros foram, se espalharam por aí… eu vim pra cá… mas uma árvore como aquela vai ser difícil de encontrar de novo.

– O velho carvalho… – balbuciou Bambi, pensando alto. – Eu conhecia aquela árvore desde pequeno.

– Mas que você seja mesmo você… é incrível! – disse o esquilo bem empolgado. – Todos pensaram que já estivesse morto há tempos. É claro que, às vezes, ouviam dizer que estava vivo… e, às vezes, contavam que alguém o tinha visto por aí… mas ninguém tinha certeza de nada e aí a gente acabava achando que tudo não passava de conversa fiada… – Então o esquilo encarou Bambi desafiando-o. – Claro… é porque você nunca mais voltou aqui.

Sua curiosidade era indisfarçável, enquanto esperava sentado por uma resposta.

Bambi continuava calado. Mas ele também começou a sentir curiosidade. Queria saber notícias de Falina, tia Ena, Ronno e Karus, de todos os seus companheiros de juventude. Mas permaneceu em silêncio.

O esquilo continuava ali sentado à frente de Bambi, com os olhos grudados nele. – E essa coroa! – exclamou admirado. – Essa coroa! Ninguém, além do velho príncipe, ninguém, em toda a floresta, tem uma coroa dessas!

Em outros tempos, Bambi teria se encantado com esse elogio. Mas agora ele apenas comentou: – Será mesmo…?

O esquilo moveu a cabeça com empolgação. – Com certeza! Com certeza! E você já está começando a ficar grisalho.

Bambi seguiu seu caminho.

O esquilo se deu conta de que a conversa tinha terminado e saltou para o alto, voltando a se enfiar entre os galhos. Lá de cima ainda gritou: – Bom dia! Passe bem! Foi um prazer. Se eu encontrar algum dos seus antigos amigos por aí, vou contar que você está vivo… Todos vão ficar muito contentes.

Ao ouvir isso, Bambi voltou a sentir um leve aperto no coração. Mas ele não disse nada. Quando ainda era pequeno, o velho cervo lhe ensinara que é preciso ficar sozinho. E o velho cervo também lhe ensinara muitas outras coisas e lhe revelara muitos segredos. Mas de todas as coisas que aprendera, a mais importante fora que é preciso ficar sozinho. Para aprender a tomar conta de si

mesmo, para compreender a existência e entender o ser-aí-no-mundo, para alcançar a sabedoria, é preciso ficar sozinho!

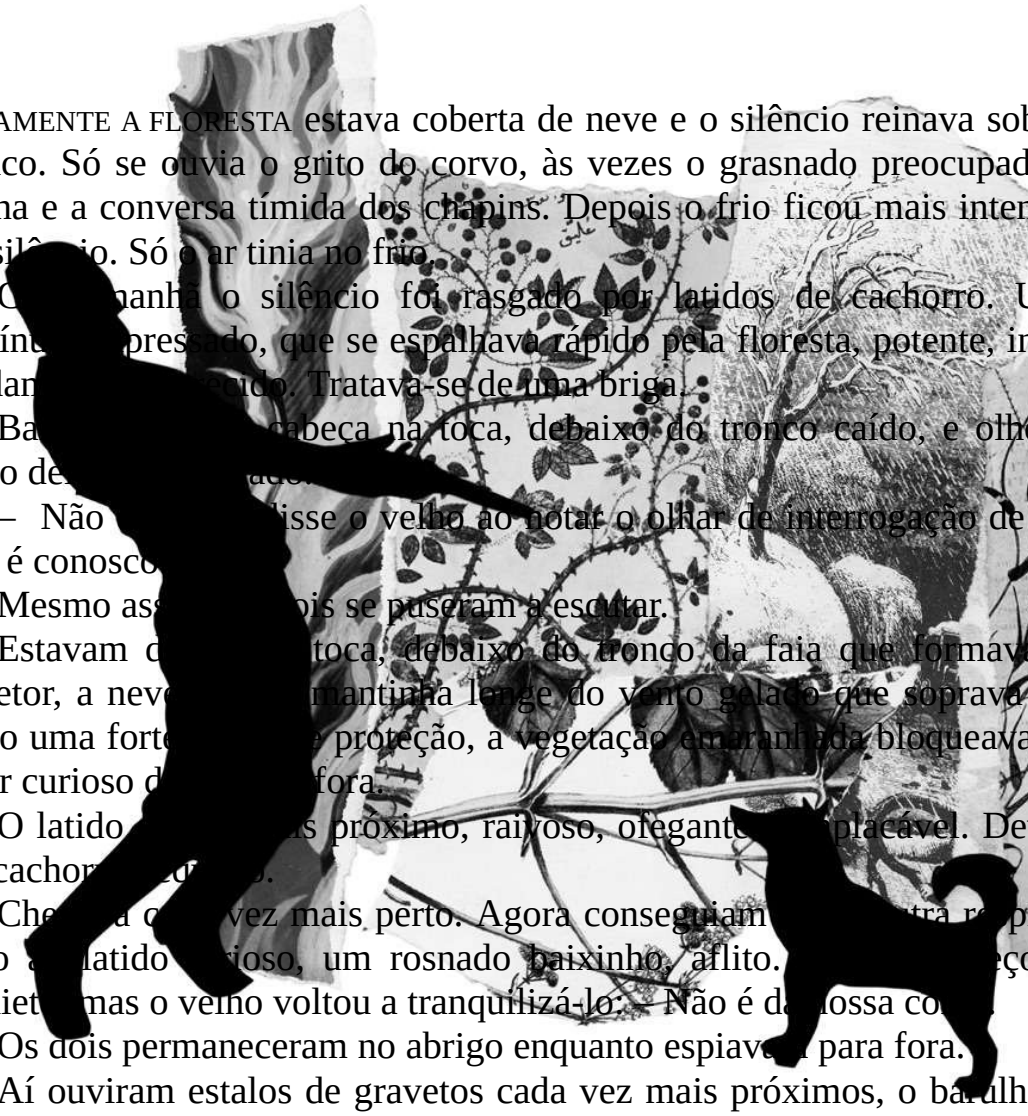
– Mas nós dois sempre estamos juntos – observou Bambi certa vez, quando estava com o velho cervo.

– Não por muito tempo – respondeu o velho.

Isso ele havia dito algumas semanas atrás.

Agora Bambi se lembrava disso e, de repente, lembrou-se também de que as primeiras palavras que o velho cervo havia lhe dito já se referiam ao estar sozinho. Naquele tempo, Bambi ainda era pequeno e chamava por sua mãe. Aí o velho surgiu na sua frente e perguntou: “Não sabe ficar sozinho?”.

Bambi continuou andando.



NOVAMENTE A FLORESTA estava coberta de neve e o silêncio reinava sob o manto branco. Só se ouvia o grito do corvo, às vezes o grasnado preocupado de uma gralha e a conversa tímida dos chapins. Depois o frio ficou mais intenso e tudo era silêncio. Só o ar tinia no frio.

O[illegible] manhã o silêncio foi rasgado por latidos de cachorro. Um latido contínuo, apressado, que se espalhava rápido pela floresta, potente, insistente e nitidamente[illegible]ecido. Tratava-se de uma briga.

Ba[illegible] cabeça na toca, debaixo do tronco caído, e olhou para o velho de[illegible]ade.

– Não [illegible]disse o velho ao notar o olhar de interrogação de Bambi. – Não é conosco.

Mesmo ass[illegible]pois se puseram a escutar.

Estavam d[illegible]toca, debaixo do tronco da faia que formava um teto protetor, a neve [illegible]mantinha longe do vento gelado que soprava lá fora e, como uma forte[illegible]e proteção, a vegetação emaranhada bloqueava qualquer olhar curioso d[illegible]fora.

O latido [illegible]is próximo, raivoso, ofegante [illegible]implacável. Devia ser de um cachor[illegible]d[illegible].

Che[illegible]a c[illegible]vez mais perto. Agora conseguiam [illegible]tra respiração em meio a[illegible]latido furioso, um rosnado baixinho, aflito. [illegible]eçou a ficar inquiet[illegible]mas o velho voltou a tranquilizá-lo. – Não é da nossa co[illegible].

Os dois permaneceram no abrigo enquanto espiavam para fora.

Aí ouviram estalos de gravetos cada vez mais próximos, o barulho da neve que tinha começado cair do alto de alguns galhos, e viram nuvens de neve subindo do chão.

Já dava para reconhecer quem vinha de lá.

Saltando, passando por baixo das plantas, escorregando e se esquivando de galhos e de raízes, a velha raposa se aproximava.

No encalço dela, estava o cachorro. Ele era mesmo bem pequeno e tinha as patas curtas.

A pata dianteira da raposa estava ferida e o pelo havia sido arrancado. Ela mantinha a pata machucada erguida e o sangue jorrava da ferida. Sua respiração parecia um assobio e seus olhos ficaram esbugalhados de tanto horror e do esforço que fazia. O pavor e o ódio que sentia deixaram-na fora de si. Ela agora estava desesperada e exausta.

Nesse momento, ela resolveu dar meia-volta bruscamente. A manobra deixou o cão atordoado e o fez recuar alguns passos.

A raposa então se sentou nas patas traseiras. Não conseguia mais fugir. Com a pata ferida erguida e a mandíbula escancarada, bafejava com lábios pulsantes, de frente para o cachorro.

Este, por sua vez, não parava de latir um segundo sequer. Sua voz aguda e espremida agora ficava cada vez mais compacta e profunda. – Aqui! – ele ladrava. – Aqui! Aqui! Está aqui! Aqui! Aqui! – Mas estranhamente naquela hora ele não estava acossando a raposa nem falando com ela. Ele latia olhando para trás. Parecia se comunicar com alguém ainda distante dali.

Bambi e o velho cervo sabiam bem que o cachorro estava chamando Ele.

A raposa também sabia. Agora o sangue escorria por seu peito e caía na neve, formando uma mancha vermelha brilhante no manto gelado, de onde subia um vapor sutil.

A raposa foi ficando muito fraca, a ponto de baixar a pata machucada e tentar apoiá-la no chão, mas assim que tocou a neve gelada foi atravessada por uma dor lancinante. Com muito esforço, voltou a erguer a pata trêmula.

– Deixe eu ir embora… – pediu ela ao cachorro. – Deixe eu ir embora… – falava baixinho, implorando. Estava muito cansada e muito debilitada.

– Não! Não! Não! – bramia o cachorro com um latido impiedoso.

– Por favor… – continuou a raposa, desesperada. – Eu não consigo mais fugir… para mim não dá mais… deixe eu ir embora… para minha casa… ao menos me deixe morrer em paz.

–Não! Não! Não! – bramia o cachorro.

A raposa então implorou com mais força. – Nós somos parentes… quase irmãos… deixe eu ir para casa… morrer junto da minha família… nós… somos quase irmãos… você e eu…

–Não! Não! Não! – insistia o cachorro.

Então a raposa se levantou e ficou quase sentada. Abaixou seu belo focinho pontudo na direção do peito ensanguentado, ergueu os olhos e mirou direto nos olhos do cachorro. Com uma voz completamente diferente, tensa e amarga, ela rosnou: – Você não tem vergonha? Traidor!

–Não! Não! Não! – gritou o cachorro.

Mas a raposa continuou: – Espião. Seu vira-casaca! – O corpo ferido dela estava rígido de tanto ódio e desprezo. – Traidor!… Você descobre onde estamos com seu faro… Você nos persegue até onde Ele jamais conseguiria nos encontrar… Você delata a gente… Entrega todos nós, que somos seus parentes… eu… que sou quase sua irmã… e você não sente um pingo de vergonha na cara?

De repente, muitas outras vozes começaram a soar alto.

– Traidor! – gritou a gralha-azul.

– Vira-casaca! – crocitou a gralha-de-bico-vermelho.

– Canalha! – guinchou a doninha.

– Espião! – xingou o esquilo.

De todas as árvores e arbustos vinham piados, chiados, zunidos e lá do alto os corvos acusavam: – Traidor! – Todos haviam se aproximado e presenciavam a briga do alto das árvores e escondidos em suas tocas. A indignação e o ódio da raposa despertaram neles a velha fúria cheia de amargura, e o sangue que manchava a neve e fumegava diante de seus olhos os deixou raivosos, fazendo com que se esquecessem do perigo.

O cachorro olhou ao redor. – E vocês!? – gritou. – Vocês querem o quê? Estão falando o quê? Vocês não sabem de nada! Todos vocês pertencem a Ele, assim como eu! Mas eu… eu gosto Dele, eu adoro Ele! Eu vivo para servi-lo! Vocês acham que podem com Ele? Pobres de vocês! Contra Ele? Ele é o todo-poderoso. Está acima de todos nós! Tudo o que vocês têm, veio Dele. Tudo o que cresce e vive é Dele! – O cachorro tremia de excitação e entusiasmo.

– Traidor! – revidou o esquilo, gritando com voz estridente.

– Isso mesmo, traidor! Não existe traidor maior do que você… você é o pior de todos! – chiava a raposa.

O cachorro dançava de tanta excitação. – Só eu? Sua mentirosa! Não sabe que muitos de vocês estão do lado Dele? O cavalo, a vaca, a ovelha, as galinhas… Muitos, de todas as espécies… Todos estão ao lado Dele, para adorar e servir só a Ele!

– Esses são detestáveis! – esbravejou a raposa com imenso desprezo.

Então o cachorro não esperou mais e, num só golpe, partiu para cima da raposa abocanhando a garganta dela. Em meio a grunhidos, rosnados, gemidos, ganidos e espumando muito, os dois rolaram pela neve, formando um só volume que se atacava ferozmente. O sangue jorrava, os pelos voavam para todos os lados e a neve ia sendo revolvida. Mas a raposa não conseguiu lutar por muito tempo. Resistiu apenas por alguns segundos. Então se deitou de costas no chão, a barriga branquinha para cima, e começou a estrebuchar até, finalmente, se estirar toda e morrer.

O cachorro ainda a sacudiu algumas vezes, depois deixou-a cair na neve revolvida, postou-se a seu lado e começou a chamar com voz forte e exibida: – Aqui! Aqui! Aqui! Está aqui!

Horrorizados, os demais fugiram em todas as direções.

– Que horror… – comentou Bambi em voz baixa.

– O mais horrível – comentou o velho. – O pior de tudo é que todos acreditam no que o cachorro acabou de dizer. Acreditam nisso e passam a vida

com medo, odeiam Ele e odeiam a si próprios… se matam e morrem por Ele.



O FRIO DIMINUIU e, em pleno inverno, deu uma trégua. A terra bebeu a neve derretida em grandes porções. Por toda parte, grandes superfícies do solo começaram a ficar expostas. Os melros ainda não estavam cantando, mas agora, quando desciam para procurar minhocas ou saltavam de árvore em árvore, soltavam um longo sibilo, cheio de júbilo, já quase um canto. As gralhas e os corvos começaram a falar um pouco e os chapins conversavam com mais animação. Agora, quando os faisões desciam dos ninhos, ficavam parados no lugar alisando as plumas ao sol da manhã, como fazem quando o tempo está bom, soltando seus cacarejos metálicos e guturais, sem parar.

Nessa manhã, Bambi foi mais longe do que de costume. Na primeira luz já estava na beira do barranco. Ali, do outro lado, onde ele vivia antigamente, alguma coisa se mexia. Escondido pela vegetação, Bambi ficou observando. E não é que ali havia alguém da espécie dele andando de um lado para o outro, bem lentamente, nos lugares em que a neve já havia derretido, mordiscando o capim que crescia ainda tímido?

Bambi estava quase indo embora, sem dar muita importância àquilo, quando reconheceu Falina. Sua primeira vontade foi saltar para a frente e chamar por ela. Mas ele ficou parado, como se tivesse criado raízes. Há quanto tempo não via Falina? Seu coração começou a bater forte. Falina se movia devagar, como se estivesse cansada ou triste. Parecia com sua mãe, estava igualzinha à tia Ena, e Bambi reparou nisso com um espanto estranhamente doloroso.

Falina ergueu a cabeça e olhou na direção dele, como se sentisse a sua presença.

Bambi ficou tentado a dar as caras, mas, de novo, parecia estar com os sentidos paralisados e não conseguiu se mexer.

Reparou como Falina estava grisalha, como tinha envelhecido.

“A alegre e animada pequena Falina”, pensou, “como foi bonita e ágil!” De repente, toda a sua própria juventude voltou à mente. Viu o campo, os caminhos pelos quais andava com sua mãe, as brincadeiras divertidas com Gobo e Falina, o simpático gafanhoto e a borboleta, a luta com Karus e Ronno quando conquistou Falina. Sentiu-se feliz novamente, mas ainda assim estava angustiado.

Do outro lado, Falina caminhava devagar, com a cabeça afundada no chão, cansada e triste. Naquele momento, Bambi sentiu que a amava e, com uma delicada melancolia arrebatadora, quis atravessar o barranco que há tanto tempo

o separava dela e dos outros, quis ir ao encontro dela do outro lado, falar com ela e conversar sobre a juventude, lembrar tudo o que passaram.

Mas ele ficou ali parado, vendo-a se afastar pelos ramos calvos, até perdê-la de vista.

Ficou ali por muito tempo.

Um estampido de trovão estourou. Bambi levou um susto. Era aqui, do lado de cá do barranco. Não muito perto, mas desse lado, do lado em que ele estava.

Então ouviu novo estampido e, logo em seguida, outro.

Bambi entrou na mata com um salto e ali ficou à espreita. Tudo era silêncio. Então voltou a caminhar para casa com cuidado.

O velho cervo já estava ali, mas ainda não tinha se deitado. Estava em pé ao lado do tronco, como se esperasse por ele.

– Onde você esteve esse tempo todo? – perguntou o velho com a voz tão séria que Bambi se calou.

– Você ouviu o barulho agora há pouco? – prosseguiu depois de um tempo.

– Ouvi, sim – respondeu Bambi. – Três vezes seguidas. Ele está na floresta.

– Exatamente – concordou o velho, e repetiu com entonação diferente: – Ele está na floresta e nós precisamos ir até lá.

– Até lá onde? – Bambi quis saber.

– Lá – disse o velho com a voz grave –, lá onde Ele está.

Bambi se assustou.

– Não se assuste – continuou o velho cervo. – Venha sem medo. Estou feliz em poder levar você ali e mostrar… – ele hesitou, mas concluiu – … antes que eu me vá.

Bambi olhou para ele preocupado e, de repente, se deu conta de como o velho tinha envelhecido. A cabeça dele estava completamente branca, o rosto magro, e a luz profunda de seus olhos tinha se apagado. Agora eles exibiam um brilho fosco, esverdeado, e davam a impressão de estarem cegos.

Bambi e o velho não tinham ido muito longe quando sentiram aquele cheiro forte que costumava encher seu coração de horror e pânico.

Bambi se deteve. Mas o velho cervo seguiu adiante na direção do cheiro. Hesitante, Bambi foi atrás dele.

O cheiro terrível foi ficando cada vez mais forte. Mas o velho avançava sem titubear. A ideia de fugir dali veio à mente de Bambi, pulsava em seu peito, atravessava sua cabeça e seus membros e o impelia a sair correndo. Com muito esforço ele se conteve e continuou andando atrás do velho.

Agora o cheiro do inimigo estava tão forte que se sobrepunha a todos os outros, ficando quase impossível respirar.

– Aqui! – disse o velho cervo, e foi para o lado.

Deitado sobre a folhagem amassada, na neve revirada, estava Ele, a dois passos de distância deles. Bambi deixou escapar um grito reprimido e com um salto se pôs a correr. Tomado pelo medo, não conseguia pensar.

– Volte! – gritou o velho cervo. Bambi olhou para trás e viu que o velho continuava parado tranquilamente bem ali onde Ele estava deitado no chão, imóvel. Morrendo de pavor, Bambi se sentiu obrigado, por obediência e por sua enorme curiosidade, a se aproximar.

– Mais perto… não tenha medo – disse o velho.

Lá estava Ele, com a cara pálida e sem pelos voltada para o céu, o chapéu caído na neve um pouco adiante, e Bambi, que não entendia nada de chapéus, chegou a pensar que a cabeça medonha Dele tinha se partido em duas.

O pescoço nu estava perfurado e exibia uma ferida aberta que parecia uma pequena boca vermelha de onde o sangue ainda minava lentamente. Nos cabelos e no nariz o sangue estava coagulado e Ele estava deitado numa poça grande de sangue na neve, que ainda derretia com o calor de seu corpo.

– Estamos aqui bem perto Dele – disse o velho em voz baixa. – Bem perto e… onde é que está o perigo?

Bambi olhou para baixo, para o corpo estendido na neve, examinou aqueles membros e aquela pele que sempre lhe pareceram tão misteriosos e terríveis. Olhou para os olhos esbugalhados, que o encaravam sem vida, e não entendeu nada.

– Bambi – disse o velho cervo –, você se lembra do que Gobo e o cachorro disseram e que todos acreditavam ser verdade… está lembrado?

Bambi não quis responder.

– Bambi – continuou o velho cervo –, está vendo que Ele agora está morto, como qualquer um de nós? Então, está vendo que Ele não é o todo-poderoso como dizem por aí? Que tudo que é vivo não vem Dele? Ele também não está acima de nós! Ele está do nosso lado e é como um de nós, porque, como nós, também sente medo, sofre e tem as mesmas necessidades que nós. Pode ser morto como você e aí jaz impotente caído no chão como qualquer outro, como você vê agora na sua frente.

Bambi ficou em silêncio.

– Você está entendendo, Bambi? – perguntou o velho.

Bambi sussurrou uma resposta: – Acho que sim…

O velho ordenou: – Então fale!

Bambi sentiu um calor e disse com a voz trêmula: – Há outro acima de todos nós… acima de nós e Dele.

– Agora posso partir – disse o velho cervo.

Deu meia-volta e os dois caminharam juntos durante um tempo.

O velho se deteve diante de um carvalho bem alto: – Não me siga mais, Bambi – disse ele com a voz serena –, meu tempo passou. Agora preciso buscar um lugar para o fim…

Bambi quis falar alguma coisa.

– Não diga nada… – interrompeu o velho – nessa hora que se aproxima, precisamos ficar sozinhos. Fique bem, meu filho… Eu amei você demais.



O DIA DE verão já irrompia forte no primeiro instante da alvorada, sem vento, sem o habitual frio do amanhecer. Parecia até que o sol tinha acordado mais cedo. Tanto que subiu bem rápido no céu e lançou chamas lá do alto como se houvesse um enorme incêndio.

O orvalho no campo e nos arbustos evaporou num segundo. A terra ficou bem seca e quebradiça. Na floresta havia silêncio. Só se ouvia um pica-pau que martelava aqui e ali e o arrulhar das pombas em sua incansável e sensual delicadeza.

Bambi estava numa pequena clareira [illegible], que oferecia pouco espaço no coração da mata espes[illegible]. Um enxame de mosquitos dançava e zunia ao sol, acima de sua cabeça. Do m[illegible] folhas das aveleiras, ao lado de Bambi, vinha um zunido grave, que foi s[illegible]ando cada vez mais até que um enorme besouro passou voando lent[illegible]ele e atravessou o enxame de mosquitos, voando cada vez mais alto [illegible]opa da árvore onde pretendia dormir até o anoitecer. Suas pontu[illegible]icadas asas dianteiras se destacavam de seu corpo e suas asas internas [illegible]om força.

– Vocês viram? – per[illegible]s aos outros. – É o velho – zuniam uns. Outros zunia[illegible]mortos. Mas ele ainda vive.

Alguns dos mosquitos [illegible] tempo será que ainda vai viver? – Outros z[illegible] Não sabemos. Ele sobreviveu aos seus… é muit[illegible]

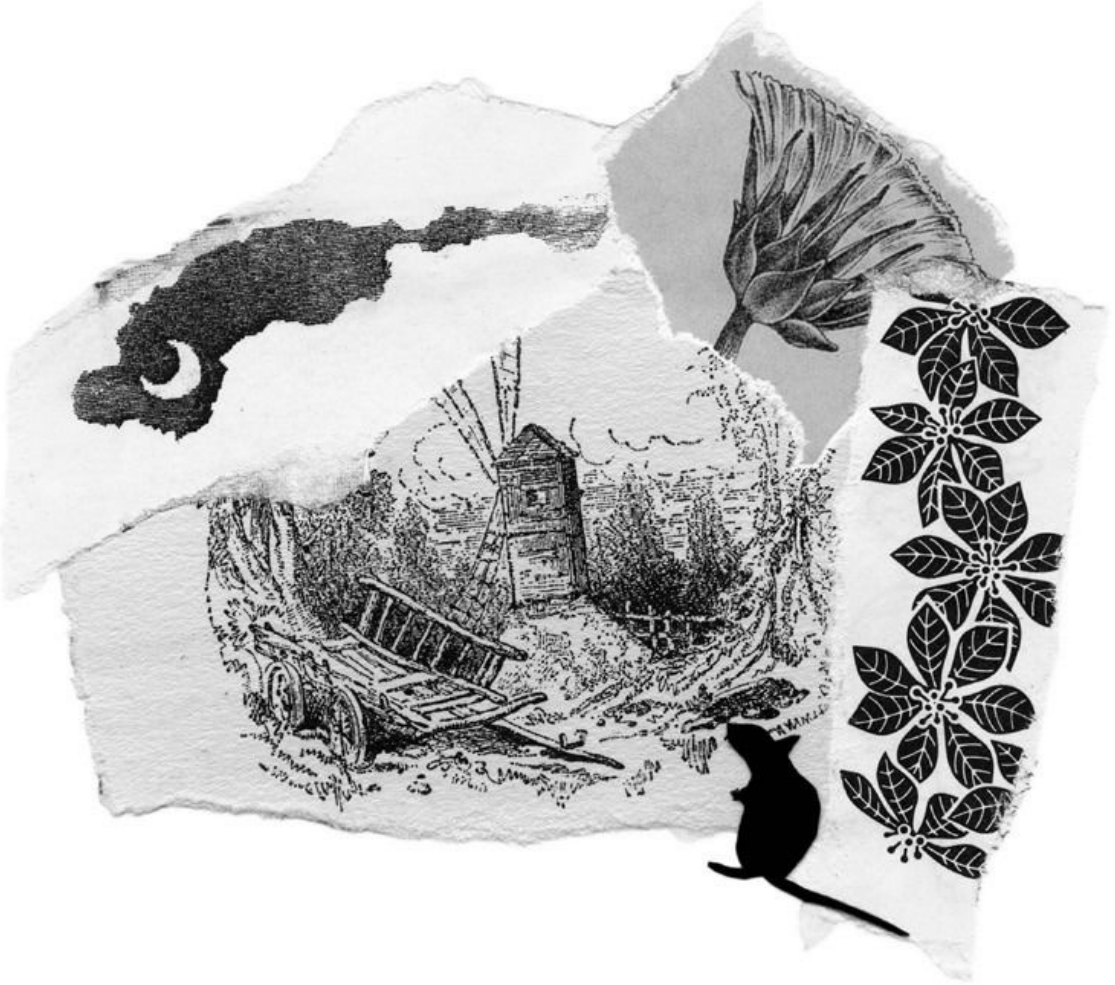
Bambi saiu andando. “Cantoria de mosquitos”, pensou, “cantoria de mosquitos...” De repente, ouviu um chamado delicado, amedrontado: – Mamãe... mamãe!

Bambi se esgueirou por entre os arbustos, seguindo o chamado. Um pouco mais adiante, avistou dois filhotes de dorso avermelhado, irmão e irmã, abandonados pela mãe, ali perdidos, chamando desesperados: – Mamãe! Mamãe!

Antes que se dessem conta do que estava acontecendo, Bambi se pôs na frente deles. Os filhotes olharam para ele estupefatos. – A mãe de vocês está sem tempo para vocês agora – disse Bambi, enérgico. Então olhou bem nos olhos do pequeno veado-vermelho e perguntou: – Não sabe ficar sozinho?

O filhote e a irmã ficaram calados.

Antes que os dois esboçassem alguma reação, Bambi deu meia-volta. Sem fazer ruído, desapareceu na mata e continuou seu caminho: “Gostei do pequeno...”, pensou. “Talvez eu volte a encontrá-lo quando ele crescer…” Andou mais um pouco. “A pequena...”, pensou, “até que ela também é muito simpática... e se parece com Faline quando filhote.” E assim, perdido em pensamentos, seguiu andando e desaparec[illegible] floresta.



FELIX SALTEN, pseudônimo de Siegmund Salzmann, nasceu em 1869, em Budapeste, na Hungria, mas se mudou ainda recém-nascido com os pais judeus para Viena, na Áustria. Já começando a demonstrar interesse pela literatura, ainda na adolescência passou a enviar poemas e resenhas para jornais e, tempos depois, tornou-se um influente crítico de teatro. Escritor autodidata, fez amizade com Hugo von Hofmannsthal, Arthur Schnitzler e Hermann Bahr. Em 1900, publicou sua primeira coleção de histórias curtas. Ao longo da vida, escreveu peças de teatro, contos, romances, livros de viagens, ensaios, roteiros de filmes e livretos para óperas.

Bambi – Uma história de vida na floresta foi publicado em 1923 e alcançou sucesso imediato. Traduzido para mais de vinte idiomas, adaptado para teatro e cinema, ganhou fama mundial após o desenho animado de Walt Disney, de 1942. Bambi – cujo nome remete a "bambino", que quer dizer criança em italiano – foi banido por Hitler durante o nazismo por ser considerado uma alegoria política ao tratamento dispensado aos judeus na Alemanha. Anos depois, Salten chegou a escrever uma continuação, intitulada Bambis Kinder – Eine Familie im Walde [Os filhotes de Bambi – Uma família na floresta, 1940], que não teve a mesma repercussão.

Salten foi casado com a atriz Ottilie Metzl e teve dois filhos. Viveu em Viena até 1939. Depois da anexação da Áustria pela Alemanha, foi forçado a deixar o país e mudou-se para Zurique, na Suíça, onde viveu até sua morte, em 1945.

NINO CAIS nasceu em São Paulo, em 1969. Formou-se em artes plásticas na Faculdade Santa Marcelina (FASM), em São Paulo, onde apresentou em 2001 a exposição individual “A Trama Refeita”. É um dos artistas brasileiros de destaque no cenário cultural contemporâneo, tendo sido convidado para várias exposições individuais, nacionais e internacionais. Das mais importantes, destacam-se as realizadas na Galeria Virgílio (2006, 2008-09), no Paço das Artes (2010) e a mostra SP-Arte, no Pavilhão da Bienal (2006). A consolidação de seu trabalho veio em 2012, quando expôs na 30º Bienal de São Paulo. Nino também já expôs em Portugal, na França, no México, na Lituânia e na Argentina. Participou de exposições coletivas como a mostra Trilhas do Desejo, da Rumos Itaú Cultural, em 2008-09; a do Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (CCSP), em 2005; da Pinta, no Metropolitan Pavillon em Nova York (EUA), em 2007; e da Octopus Garden na Central Galeria de Arte, em 2011. Foi também agraciado com vários prêmios, entre eles o Prêmio Aquisição no 17º Salão de Arte Contemporânea de Praia Grande (2005), Prêmio Aquisição no 33º Salão de Arte de Ribeirão Preto (2008) e Prêmio Destaque conferido pela Fundação Iberê Camargo (2008). Pela Cosac Naify, lançou em parceria com o escritor Valter Hugo Mãe, O paraíso são os outros (2014).

CHRISTINE RÖHRIG é paulistana, filha de pai alemão. Foi editora na Cosac Naify, Paz e Terra e Unesp. Coordenou e traduziu peças da coleção Teatro Completo de Bertolt Brecht, de Heiner Müller, entre outros dramaturgos alemães. Escreveu os sketchs Marlene e o sapo e Via de regra, apresentados no projeto “Marlene Dietrich, Leni Riefenstahl: duas estrelas alemãs”, em 2002. Para o público infantil, escreveu a peça Mozart apaga a luz (2011), dirigido por Alvise Camozzi, com figurino de Gabriel Villela. Participou dos encontros de tradutores de teatro em Mühlheim e em Hamburgo, este último focado em literatura infantil. Para a Cosac Naify traduziu Fausto zero (2001), de J. W. Goethe, e títulos infantojuvenis, entre eles O anjo da guarda do vovô (2003), de Jutta Bauer, O sr. Raposo adora livros! (2004), de Franziska Biermann, e O alfaiate valente (2004), dos Irmãos Grimm, todos considerados Altamente Recomendáveis pela FNLIJ. Fez parte da equipe de curadores da exposição Grimm-Agreste, exibida no Sesc Interlagos, em São Paulo, em 2014, inspirada no livro Contos maravilhosos infantis e domésticos (Cosac Naify, 2012), que ela traduziu.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Salten, Felix [1869-1945]
Bambi – Uma história de vida na floresta: Felix Salten
Título original: Bambi – Eine Lebensgeschichte aus dem Walde
Tradução: Christine Röhrig
Ilustrações: Nino Cais
São Paulo: Cosac Naify, 2015
37 ils.

ISBN 978-85-405-0976-4

1. Ficção: literatura austríaca 2. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD 830

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção: literatura infantojuvenil austríaca 830

© Cosac Naify, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL Vanessa Gonçalves
INDICAÇÃO EDITORIAL Isabel Lopes Coelho
REVISÃO Cristina Yamazaki e Flavia Lago
PROJETO GRÁFICO Flávia Castanheira
TRATAMENTO DE IMAGEM Wagner Fernandes
PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

A tradutora agradece a colaboração de Ursula Wagner.

A tradução deste livro recebeu apoio do Departamento de Artes da Chancelaria Federal da Áustria.

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2

º

andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3218 1473
professor@cosacnaify.com.br